

AUGUSTO SOUCASAUX

1967

FIGURAS,  
TIPOS  
E COISAS

FTO.

EDIÇÃO DA  
LIVRARIA «LIZ»  
BARCELOS

  
4.3-9Soucasa



E

T

C.

Edição da Livraria «LIZ»

Composição e Impressão:

Tipografia «VITÓRIA»

**BARCELOS**

AUGUSTO SOUCASAUX

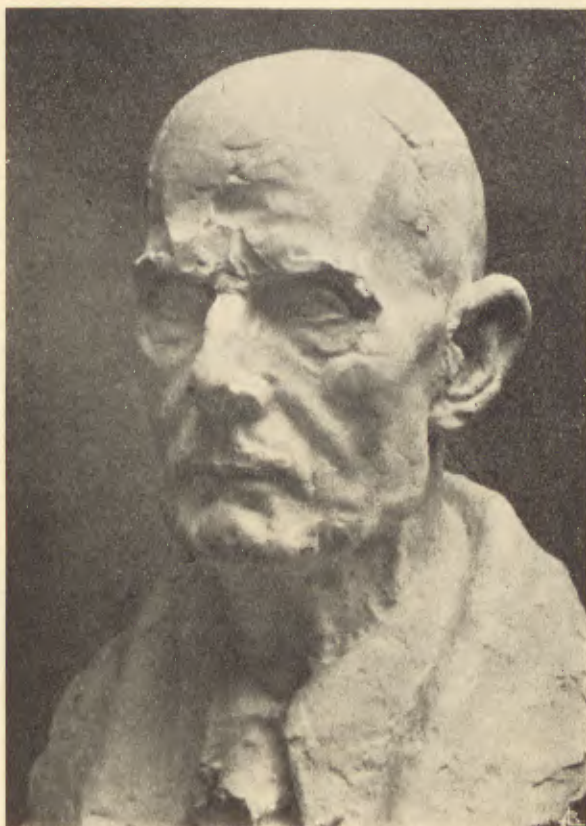
# Figuras, Tipos e Coisas

BARCELOS  
1956/1957



Barcelana  
Bian





Aos 85 anos

« SIC ITUR AD ASTRA »!

(O BUSTO)

AUGUSTO SOUCASAUX

Formado em letras nos caixotins de uma velha tipografia  
e com o curso de 1.º Cabo de Infantaria, ETC.

---

Pretexto para evidenciar a Arte  
de

ANTÓNIO CARLOS

Portanto, em Sua Homenagem!





## A Modas de Puálaga

EM 1 de Julho de 1955, no «Teatro Gil Vicente», o meu Amigo Dr. Francisco Torres, pondo o pé no *acelarador*, pronunciou as seguintes palavras a meu respeito, e eu, para *contrariar* Santo Agostinho que considerava a modéstia «a auréola virtude» aqui vaidosamente reproduzo:

« Minhas Senhoras e Meus Senhores :

Quiseram dois dos autores da Revista «OU VAI OU RACHA», Artur Roriz e Décio Nunes, após o incontestável êxito obtido, realizar uma récita de homenagem ao seu venerando cooperador Augusto Soucasaux, que não só foi, com eles, autor da Revista «AI QUE TRETA SE MARQUINHAS», há vinte anos aqui representada, como havia sido também o principal autor da Revista «BARCELOS POR DENTRO», escrita de colaboração com o Dr. Martins Lima, Artur Vieira e Arnaldo Brás e com a qual se inaugurou este TEATRO, precisamente, há 53 anos, hoje feitos.

Sem dúvida, que a data escolhida revela ideia feliz, pois Augusto Soucasaux foi um dos mais persistentes obreiros dessa iniciativa e é hoje, um dos raros accionistas da data da fundação do TEATRO GIL VICENTE.

Mas, não só por isso eu acarinhei essa tão simpática resolução; muito mais talvez, lhe dei forte e acrisolado ardor da minha alma e o maior apoio de solidariedade espiritual, pelo acentuado vinco de justiça e merecido realce a que este moço de quase 86 anos tem jus, pelo seu carácter, pelo seu valor, apenas conquistado à custa de um esforço próprio e muito seu, pela sua inteligência, pela sua prodigiosa memória, e ainda pelo exemplaríssimo e bondoso

chefe de família que tem sabido ser dentro dos mais elevados sentimentos cristãos.

É possível que não interesse a muitos conhecer as procelas que este homem teve de vencer, o cabo das tormentas que dobrou na luta por uma existência honrosa; mas como velho e sou da época em que os bons exemplos eram apanágio do mais alto nível da formação moral do Homem, constituindo um troféu de simbolismo ou culto pelo carácter, creio não ser extemporâneo citá-lo, para que o respeito e admiração que merece, melhor se ajustem ao seu caso pessoal.

O nosso tão querido Soucasaux, órfão aos 8 anos de idade, numa família de 10 irmãos e em frente das mais cruéis dificuldades, procurou aprender a ler com o velho mestre Sardinha que, então, entre nós, ensinava as primeiras letras. Com esses precários rudimentos entrou, rapazinho ainda, para a Tipografia da «AURORA DO CÁVADO», do erudito Dr. Rodrigo Veloso, até ser chamado ao serviço militar, onde conseguiu ser promovido a 1.º cabo.

Entrou, depois, a trabalhar na «FOLHA DA MANHÃ», onde se tornou director do jornal humorístico «A LÁGRIMA» que, durante mais de uma década de anos, trouxe preso à sua fina e cintilante verve as gerais atenções do meio barcelense. Já homem, com responsabilidades na vida, instalou uma Tipografia de sua exclusiva propriedade com os mais modernos maquinismos da sua época. Por esse tempo, morre seu irmão o Arquitecto Francisco Soucasaux um dos fundadores da cidade de Belo Horizonte e é, então, que o nosso homenageado parte para aquela Nação irmã, tornando-se competentíssimo fotógrafo e ingressando por distinção no Observatório Astronómico e Meteorológico do Rio de Janeiro, ali trabalhando com sábios seus contemporâneos, da maior nomeada, que o estimavam com carinhoso affecto.

Regressado a Portugal, tornou-se um dos animados cooperadores de várias iniciativas locais de vulto industrial, sendo vereador da nossa Câmara Municipal e um dos organizadores do Museu Arqueológico Dr. Miguel Fonseca, e autor com Mancelos Sampaio, da «Resenha Histórica de Barcelos».

É ainda hoje, no tradicional aniversário dos Bombeiros Voluntários de Barcelos, de que é «Patrão-Honorário», o mais antigo da Corporação, aquele que, na ceia de confraternização, dá sempre uma nota alegre e jocosa que se ouve com o maior agrado.

Querido e considerado por todos, tendo em cada barcelense um admirador dos seus predicados affectivos, da sua inteligência e trabalho; sendo acolhido e recebido nas melhores casas da nossa

terra como pessoa de família muito íntima, o Soucasaux, é hoje, em Barcelos, a figura mais popular e, ao mesmo tempo, a mais acarinhada em todas as classes sociais.

Como seu velho e sincero amigo, confesso, com o coração de portas abertas de par em par, que foi com o maior agrado que acolhi a solicitação de lhe dizer, nesta singela e simpática festa de homenagem, quanto é querido por todos os barcelenses; quanto é respeitado por todos nós; quanta admiração nutrimos pelo seu nobilíssimo carácter, honestidade e firmeza de princípios.

E, para terminar, presto ainda a minha homenagem ao pai, ao avô, e ao visavô exemplar, fazendo os mais sinceros votos para que um dia ainda o possa, de novo abraçar, bem como todos nós, numa festa mais significativa em que o vejamos, alegre e jocoso como sempre, a carinhar os seus tataranetos ».

\*

... Só faltou neste affectivo discurso dizer que o único exame que tenho é de 1.º Cabo de Infantaria, o qual tem sido para mim uma espécie de guarda-redes de defesa de qualquer das minhas muitas deficiências, dando liberdade a comentarem assim, o que escrevo, o que digo ou o que faço :

— « É mesmo cabo de esquadra » . . .



## Uma cena cómica da peça «BARCELOS POR DENTRO» (1)

Sala categoria de casa de «Brasileiro» torna-viagem, umbumbrada de muitos móveis, com ornamentações puxavantes. O Protagonista veste um fato branco de neve e nos aneis brilhantes com facetas coruscantes.

### CRIADA

Dá ingresso aos visitantes, acudindo ao toque de uma campainha de som vibrante, dizendo:

— Podem entrar. Vou avisar o Patrão.

(Entrañ os representantes dos Terceiros, do Terço, da Misericórdia, e da Associação Humanitária, todos com a indumentária própria).

### TERÇO

— Como escolheu o nosso conterrâneo o dia de Sexta-Feira, dia magro e de jejum, para nos receber?

### TERCEIROS

— Não significa isto que ele não nos dê pingues-esmolas perante as nossas solicitações.

### HUMANITÁRIA

— A Associação que represento, não recebe esmolas no verdadeiro sentido do termo.

(1) A música de Domingos Carreira e os versos de Artur Vieira.

## MISERICÓRDIA

— A Caridade, sim, essa é que diz respeito à Casa em que sou Mesário. E é curioso como dou cumprimento à doutrina de Cristo: «como a mão esquerda não deve saber o que a direita dá»... simplifico isto. Portanto da receita orçamental costume dar o dinheiro com as duas mãos aos necessitados...

## ZÉ POVINHO

— Para a esquerda não se queixar da direita...

## TERCEIROS

— Essa maneira do meu caro Irmão exercer a caridade, faz-me lembrar o meio de que me sirvo para não misturar, nos dias de abstinência de carne...

## HUMANITÁRIA

— Naturalmente, é para não encher a boca, ao mesmo tempo, com sardinhas e rojões...

## TERCEIROS

— Explico-me. Nunca misturo nesses dias. Como primeiro um acepipe e como a seguir o outro...

## CRIADA (ouvindo o toque de campainha)

— Quem está?

## VOZ

— Dous Bombeiros Voluntários.

## CRIADA

— Vou prevenir o Snr. Frederico.

## MISERICÓRDIA

— O diabo da rapariga é redondinha e redondoque...

## CRIADA

— Tenham a bondade de entrar.

( Surge o Snr. Frederico e neste momento, um coro :

DIZEMOS-LHE RESPEITANTES  
QUE D'ALTAS CORPORAÇÕES  
SOMOS OS REPRESENTANTES  
NÓS SOMOS  
BUM, BUM, BUM, BUM.

DO SENHOR DEMAIS BONDOSO  
NÓS VIMOS SOLICITAR  
SEU AUXÍLIO GENEROSO  
NÓS VIMOS  
BUM, BUM, BUM, BUM.

SEM CARÁCTER ABUSIVO  
PR'AS NOSSAS CORPORAÇÕES  
PEDIMOS UM DONATIVO  
PEDIMOS...  
BUM, BUM, BUM.

SE AO SEU TORRÃO TEM AMOR  
A MAIS GENTIL DEFERÊNCIA  
NÓS PEDIMOS AO SENHOR  
PEDIMOS...  
BUM, BUM, BUM...

## BOMBEIROS

( Em continência, na posição de sentido ):

— Nós temos o prazer de apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> cumprimentos de boas vindas. Pensamos em realizar uma quermesse e vimos solicitar uma prenda.

## HUMANITÁRIA

— A agremiação de que faço parte limita-se a saudá-lo por ser um conterrâneo que no Brasil tem erguido bem alto o nome de Portugal...



## VOZES

— Está aqui a Comissão da Festa de Cruzes.

Também estamos aqueles que pediram para a solenidade em louvor de N. Senhor da Fonte da Vida.

## FREDERICO

— Manda-os entrar.

## HUMANITÁRIA

(Continuando) ...Entrego-lhe este diploma com que a Direcção quis distingui-lo.

## TERÇO

(Apontando para os confrades, todos vestidos com os bandidaus apropriados):

— Nós, para não abusar do seu precioso tempo e facilitar o papel que aqui desempenhamos, trazemos respectivamente escrito aquilo que submetemos à sua apreciação.

(Toca a campainha).

## VOZES

— Estão aqui os festeiros de S. João da Fonte de Baixo. Iguamente aqueles que esperam resposta sobre o festival a S. Bento da Buraquinha.

## ZÉ POVINHO

— O « Brasileiro » fica depenado.

Frederico ordena que entrem.

## TERÇO

— Com licença: Relação dos concertos que é urgente realizar na nossa linda e tão desprezada igreja. Pôr um rabo no púlpito... Perdão, no galo que o encima. Afinar o órgão. Deitar um dedo no pé de um serafim. Um olho em Santa Luzia. Embelezar Pôncio Pilatos e prender o Mau Ladrão...



DIABO

— Deixa estar que tu não és melhor.

TERÇO

(Continuando). Dar côr ao rosto de Santo Hilário e ligar um dos pés de Santo António.

CRIADA

— Senhor. Estão ali uns homens com uma subscrição para custear a despesa do enterro de um pobre de Cristo, e também um vizinha nossa que sofreu a perda, por desastre, de uma vaca prenha.

FREDERICO

— Que entrem.

MISERICÓRDIA

— No templo da Santa Casa está indicado atear num painel a fogueira do inferno...

ZÉ POVINHO

— Que é para onde tu devias ir.

MISERICÓRDIA

(Em continuação) ...Restaurar num quadro os diabos.

ZÉ POVINHO

— Que te carreguem.

MISERICÓRDIA

(Em seguimento) ...Avivar as chamas de uma tela do Purgatório. Afeiçoar certas almas e, muito urgente, endireitar a tarraxa de S. Jorge.

CRIADA

— Posso pagar ao homem da água?

## TERCEIROS

— O que é mais preciso na igreja da Venerável Ordem de S. Francisco...

## ZÉ POVINHO

— Não sei por que não desenhou as armas do Santo.

## CRIADA

— Jesus! Parece a porta de um moinho!

## TERCEIROS

(a seguir) ... Acrescentar orelhas à burra de Balaão.

## CRIADA

— Passa para São Torcato um sujeito a cumprir uma promessa, e pede uma ajudazinha. Também espera o contínuo da Assembleia.

## FREDERICO

— Que ingressem. E com acentuado sotaque:

— Senhores: mi consolo com as homenagens que me prestam nesta linda terra...

(Nisto ouve-se um sino a anunciar um incêndio. O discurso interrompe-se. Saiem todos de cambalhada, menos os bombeiros que ficam a dançar).

(FINAL DESTA CENA)

Para mudar de disco... julgo acertado aqui publicar os versos da lavra do Dr. Martins Lima, «sonhador antigo», republicano com R maiúsculo, da estirpe de Arriaga! Foram os primeiros ecos de declamação que se ouviram a quando da inauguração do «Teatro Gil Vicente».

Oxalá que fiquem, embora furtivamente, gravados na memória dos que amam este lindo rincão minhoto!

## PÁTRIA

EU SOU A PÁTRIA, O SÍMBOLO SAGRADO  
QUE FAZ VIBRAR MILHARES DE CORAÇÕES  
PELO DOMÍNIO «ANTIGO E DILATADO»  
ONDE SE FALA A LÍNGUA DE CAMÕES.

SOU O POEMA CANTADO NO EXÍLIO  
EM NOITES CRUAS DE SAUDADE INFINDA;  
SOU ESSA FORÇA QUE VOS DÁ AUXÍLIO,  
QUANDO A DESGRAÇA VOS TORTURA AINDA!

«DELICIOSO PUNGIR D'ACERBO ESPINHO»,  
EU VOU MOSTRAR NAS HORAS TORMENTOSAS  
—O CÁVADO, A FRANQUEIRA E O ROSMANINHO  
E AS VEIGAS VERDES DAS HOURIS FORMOSAS.

EM CADA ÁRVORE EU RECORDO UM FACTO,  
CADA PÍNCARO TEM UMA INSCRIÇÃO  
QUE SÓ CONHECE QUEM ESTÁ COACTO  
NO DESTERRO VELHA SOLIDÃO!

ESSES É QUE SABEM QUANTO VALHO...  
E POR ISSO SÃO LÁGRIMAS SEM FIM  
QUE SEUS OLHOS INUNDAM, DOCE ORVALHO,  
QUANDO ELES SE RECORDAM BEM DE MIM!

## FIGURAS, TIPOS E COISAS

*Para justificar o sub-título deste livro, como que à desgarrada, sem mesmo atender à ortodoxia das regras dum bom Chefe de Tipografia, ressuscito da «Lágrima» aquilo que possa dar prazer ao leitor, com as suas facetas...*

*Não quer dizer que outras, que retenho, aqui também se imprimam.*

\*

*Há mais de meio século a mocidade de Barcelos ainda estava embuida da boémia de espírito em que eram potentados os Poetas Malheiros, Fogaça e outros personagens de aprimorada categoria.*

*As tainas ou ceatas, que se alongavam, noite em fora, serviam para melhor se comentar todos aqueles ridículos que tinham efervescido nessa altura.*

*Assim as digestões eram favorecidas pela alegria que nesses agapes animava os seus participantes.*

*Seguem, pois :*

*Numa extinta «Farmácia do José da Botica» em que está localizada hoje outra, à Porta Nova, um súcio :*

*— «Então o Governô mandou o Gungunhana para uma ilha no meio do mar!»*

*Mas alguém notando o pleonasma, fez esta observação :*

*— «Sim, é preciso dizer no meio do mar, pois no Porto há muitas ilhas sem mar.»*

## Comício em que as árvores falam

**N**UNS mal aventurados dias, com arremetidas de dano ciclónico em que o vento veloz foi substituído por tesoura podadeira, com o concurso de serrote de dentes temerosos, no Campo das Cruzes, de Barcelos, dezenas de belas tílias sacrificadas!

Por iniciativa de um cedro secular, como protesto, foram convidados exemplares da flora para tratarem de assuntos que interessam à classe vegetal e não indiferentes à do reino animal.

O local escolhido foi o Campo da Feira, devido à sua vastidão.

Constituída a mesa, tendo como presidente um cedro, este nomeou para seus secretários um pinheiro bravo e um pinheiro manso.

A guarda de honra e policiamento, foram constituídos por landreiros, revestidos com couraça de cortiça, fornecida por sobreiros, comandados por um lodo. As armas, espinhosas.

Feita a chamada, o presidente referiu-se ao fim da reunião. E, logo, anunciou que dava a palavra a quem a pedisse e foi uma tília, de arcaboiço lenhoso digno de menção, que da rua Faria Barbosa se deslocou, e com dificuldade, quem primeiro usou do verbo:

« Sou uma árvore feliz onde a mão do homem não pôs o pé »... E, com entusiasmo, diz: « digníssimo cedro, cheio de ciência e experiência da vida, o que me trouxe à vossa presença foi levantar um protesto, em nome das tílias moribundas que aqui se estadeiam ao redor, contra a poda impiedosa que sofreram! Entendo que devem ser beatificadas, ou, melhor, canonizadas! São aspectos de árvores; não são árvores!

O cedro, concorda. É de um verde suave, a sua ramificação. (Não confundir com verde tinto, que certos escritas bebericam em lugares que consideram académicos e lhe ministra

inspiração de bordel). Mas, prosseguindo, o cedro descreve, vigorosamente, a impressão que experimenta, olhando para o semblante cadavérico das pobres companheiras!

As tílias, com dificuldade, afirma, podem ser reconhecidas, sendo mesmo insuficiente o bilhete de identidade! E ocorre-lhe o que alguém escreveu sobre Jesus, quando no Horto: « O ambiente que, para qualquer mortal serviria de distracção, ao Nazareno, pelo contrário, produzia-lhe amaríssimas tristezas. Via no tronco das árvores, o madeiro; nos braços das mesmas, as hastes da cruz; nas canas, o ceptro da ignomínia; nos lírios, o cálice da amargura; na espinhosa, a coroa de espinhos; nas violetas, o arroxeadado das feridas; nos martírios, o simbolismo do material flagelador; e, até no movimento da folhagem, provocado pela viração, a inconstância da humanidade! »

Nesta altura divisa-se, em caminho da assembleia, um numeroso grupo de salgueiros, que logo se veio a saber que provinham do Cávado, das proximidades da Fonte de Baixo, agitando em ar de tempestade, as suas débeis hastes, pondo-se à cautela em todo o caso, a guarda, em posição defensiva. Porém logo se viu que eram comunisantes no objectivo em causa. O chefe do grupo fez um movimento flexuoso em atitude de continência ao cedro e eis como em estilo vegetal se exprimiu:

— Sr. Presidente: Nós somos, sim, árvores modestas, muitas vezes vítimas, como outras, da poda. Nem todos compreendem o papel que desempenhamos nas margens dos regatos, dos arroios, dos riachos e dos rios, detendo as fúrias das correntezas de água que tanto dano, no seu curso violento, produzem nas terras que defensivamente orlamos. Ao passarmos, ancião cedro, em caminho de esta simpática reunião, na rua Barjona de Freitas, vimos que as nossas irmãs tílias, na Praça D. Pedro V, tinham sido vítimas de uma espécie de ciclone! Decapitadas! Não estão dentro da sabida *cortina de ferro*, mas entre dois gradis, que vedam este mercado diário, voltados estes um do sul e outro do norte. Pena é que devido às condições em que elas se encontram no presídio e à sua mutilação não estar aqui uma representante. Nós, salgueiros, não temos a sua corpulência, o vigor dessa espécie, a sua grande beleza, embora nos assomos da primavera o nosso brotar, de miudinha folhagem, tenha algum encanto na paisagem!

As tílias da Praça D. Pedro V parece que, naquele ambiente, simbolizavam, quando íntegras, virtudes próprias, como próprias as tinha o grande rei!



No verão ostentavam a sua bela conformação com uma avantajada corpulência, de ramaria faustosa, dando sombra refrescante. Mais tarde, no outono, desprendidas da folhagem, consentiam que o astro rei desse brilho e quentura ao ambiente.

Companheiras! Essas tíliaas eram um orgulho arbóreo, uma espécie de heráldica de soberba categoria, capaz de figurar como ETC. nas armas da cidade.

Deus permita que possam ressurgir, devido à sua constituição, (cheias de cicatrizes das investidas cobardes), atingir, novamente, aquela presença enobrecedora da sua autêntica e pura textura. Amen!

O cedro sereno e sublime declara que seja uníssona a piedade por todas as mártires e exige um minuto de silêncio.

Foi comovedor isto e quase todas as árvores deixaram cair folhas, como lágrimas piedosas!

Um freixo de espada à cinta em que se via um ninho de mocho, ladeado de uma piteira, insensível a esta cena sentimental, protesta por, sem justificação, não ter sido convidado. E, sem pé nem cabeça, afirma, a modos de gente: que se bateu pelo Estado Novo no 28 de Maio e, demais, é católico num país conservador, ligado à Igreja...

O cedro esclarece que o seu nome, infelizmente, está na lista negra. Mostre, se é capaz, o seu bilhete de bom comportamento...

O pinheiro bravo: — Que católico!... Irra! E quanto aos serviços, de que se ufana, não lhe bastará um atestado da União Nacional e, até, a apresentação de selo de garantia de Salazar para ser acreditado junto de nós.

Abrenúncio: Berra, indignada, uma arruda!

O cedro, nobremente altivo, enfrentando o freixo que, como porco, olha para baixo, afirma-lhe que não é caso único. Há mais exemplos, informa, como o da ausência do pilriteiro «que dá pilritos — e não dá cousa boa»...

Num ímpeto grosseiro, o freixo increpa o presidente, capitulando-o de parcial. E, a propósito, indaga por que não está presente o igrejeiro cipreste que, de velha tradição, enfrenta os templos?

Enfrenta, frisa o cedro, enfrenta mas é cá fora, assim a modos de «vendilhão do templo»! Fale, sim, com critério da oliveira. Essa é que merece distinção. Dá azeite para o Santíssimo e simboliza a paz!

O pinheiro bravo, aquela paz de que tanto carece a consciência pervertida do freixo. Não dá, afirma, somente, azeite, muito útil; também a vemos, transformada em hissope, asparagindo água-benta em excomungados de tal jaez!

Um castanheiro ufano, enriquecido de ouriços dourados, exige que seja englobado em boa categoria e frisa que figura, nas igrejas, transformado pelas mãos preciosas dos artistas, em soberbas obras de talha e insculpido em imagens dos grandes da Santidade!

O pinheiro bravo: «E até dá castanha para estalar na boca» de tartufos parasitários que enganam a sociedade, por lhes ser impossível enganar o Ente Supremo...

O pinheiro manso intervém aconselhando que não se deve ter ódio ao freixo, mas desprezo.

O freixo, babando-se de raiva, em ar insultuoso, chama velho ao cedro, sem se lembrar que é meio caduco. Mas o pinheiro, serenamente, afirma-lhe que, sendo mesmo velho, dá lenha para alimentar fogueiras em que se podem queimar hereges de tal natureza, e pinhas para arder nas lareiras em que estejam presentes chefes de família honrados, perfumando-lhes o ambiente com o aroma que delas se desprende, nas noites de Consoada e do Natal!

Um eucalipto avança. É tão alto que parece varrer as nuvens. Exclama: sr. presidente, acho justas as referências à oliveira e ao castanheiro, mas pergunto se há aqui árvore mais vertical, mais direita!

O pinheiro bravo: Não se conhece. O diabo, se lhe dá para ser reverso nas obras em que entra, torce-se todo... Faz lembrar os que se basofiam de cristãos e são contraditados nos actos... E desenhando-lhe as armas de S. Francisco, virado para ele: «toma lá pinhões»...

Surge um pessegueiro e, como o freixo, com uma piteira. Aborrecido, faz suas as palavras do freixo, por também ser relegado.

O pinheiro bravo, rindo: «é de escacha pessegueiro».

O cedro explica. Procuo ser justo. O pessegueiro tenha paciência. Não é de puro sangue, visto ser enxertado, dando frutos de uma origem e frutos de outra.

Um codeço: Dá pêssegos mas de aparta-caroço que não são os melhores.



Nesta altura, os dois revoltados increpam o presidente e, num bairrismo tolo e cego, uníssonos, apontam-no: não é de Barcelos.

Neste momento, há uma efervescência repulsiva em muitas árvores contra este critério mesquinho. Ouvem-se exclamações como estas:

Um damasqueiro: eu vim do Epiro;

Um limoeiro, eu da Média;

Uma romãzeira, eu de Cartago;

Uma pereira, eu de Alexandria e outras companheiras, de Numídia e de Damasco;

Uma ameixoeira, eu da Arménia e há camaradas que são provenientes da Síria e de Damasco, e, finalmente,

Uma cerejeira, eu vim do Ponto!

O cedro: Sou a mais velha árvore presente. A minha existência no Mundo é já de séculos. Portanto, experimentado, peço que trabalhe bem o raciocínio, servido por uma inteligência justiceira! Indaguemos se elas dão fruto, boa madeira, ETC.

Neste momento, com generosidade, uma tília dá flor para ser servido um chá, calmante, aos insubmissos.

Apresenta-se, a seguir, uma magnólia albente. É acompanhada da planta de chá, com quem sempre se deu desde pequena. A meia voz, lamenta-se por não dar fruto, porém, acentua «que nem só de pão vive o homem». Tomem-me como sou, de ornamento. E acho oportuno dizer que algumas foram sacrificadas, destinadas à beleza mas outras, como contra partida, foram largamente plantadas em substituição. Enfim há um fim e há fim... E como acrescento, abundantes e lindas, também se plantaram no Parque da Cidade.

Uma tília, em extrema-unção, confessa que foi à sombra de colegas, nesta zona da cidade, que figuras prestigiosas, como o político Dr. Manuel Pais, o pintor Cândido da Cunha, o crítico de Arte Dr. José de Figueiredo, isto já há muito, mas, ultimamente, também o architecto Baltazar de Castro, com expressões diversas, mas concertantes na mesma finalidade, se manifestaram no sentido de que nunca as árvores abafarem esse friso architectónico, que forma um original primeiro plano, a deixar livre à visão o panorama que o enfrenta — o Passeio das Obras.

O pinheiro manso achou acertado o exposto, mas protesta contra o arboricídio, mormente, quando interesses particulares

o motivam para alargar as vistas, pois seguindo tal critério tem, talvez, de se fazer desaparecer para alguns o Monte da Franqueira a fim de se lobrigar a Póvoa de Varzim! «Nem oito, nem oitenta».

Neste momento os dois rebeldes, acompanhados de piteiras, «com programa previamente estabelecido», ganem contra tudo e contra todos, sendo por tal motivo cometido ao comandante da força para os conduzir a uma prisão situada em local cujo terreno «não dá pão nem vinho e onde se não ouve bafo de menino». Sítio, que de noite os que erram por ali, escutam vozes do outro Mundo! Prisão cercada de figueiras do inferno com estreita entrada, orlada de silvas de uma espécie rara, com hastes em jeito de armadilha, para, traiçoeiramente, cravarem os escondidos espinhos...

O pinheiro bravo pede rigoroso castigo para os dois, inúteis e prejudiciais seres. Que sejam postos a pão e água, arborizados maus e inconscientes.

O pinheiro manso pensa que não se deve levar tão longe a violência e propõe à assembleia que o carvalho lhe ceda bolota, o mato arnal, colchão, para não dormirem na terra extrema da prisão, e, também, a ameixoeira de esgana-cão que lhes forneça fruto.

Por fim, hora adiantada, e eis que flores delicadas, agrupadas em gracioso ramalhete, pedem que o loureiro se arme em coroa, e em nome de todas as componentes, homenageiam o Chefe de jardinagem — Cardoso -- pelas apuradas provas de bom-gosto evidenciadas nos jardins de Barcelos, que encantam os que têm especial sensibilidade para a gozo do Belo.

Estava terminada a sessão, e eis que corre a notícia de que o freixo pretende subordinar a sentinela da guarda. Diz: deixa-me escapar.

A sentinela põe-se em sentido e, com dignidade, fala: esquece-se de que, à face do Regulamento, a sentinela é objecto sagrado? E continuou no seu giro.

Mas, enquanto se estava a lavrar a acta, eis que o freixo e o pessegueiro, «camouflados», como agora se diz, procuram esgueirar-se. Surpreendidos, são corridos pelas batatas e azeiteiros. O freixo, lamenta-se ao companheiro: isto cheirou a alho, e o pessegueiro: cebolório!

\*

O cedro deixou lavrado na acta louvor a um filho de Minas Gerais que, como deputado, se expressou assim, pedindo protecção para a massa arbórea: «As árvores bem se podem comparar às três virtudes. Cobertas de flor, dão-nos fê; cheiãs de fruto, esperança, e quando, sob a ramaria verdejante e copuda abrigam o caminheiro, elas dispensam a caridade. Por qualquer lado por que as queiramos encarar, se nos apresentam sempre sob aspectos redentíssimos: vestindo os contornos graciosos dos nossos morros, desatando as chuvas, e até atenuando os efeitos dos tremores de terra. Fica-nos bem esta gratidão, agora que, demais, se fala tanto em «intercâmbio luso-brasileiro!»

\*

Notas finais: havendo no presídio duas avantajadas figueiras, que dão figos bacorinhos, o freixo tirando o cinto da cinta, e o pessegueiro utilizando o vime com que tinha sido algemado, respectivamente, armaram laços e enforcaram-se neles. A única coisa que fizeram com jeito, na sua inglória existência!

Coincidência. Era uma Terça-Feira de Entrudo.

As piteiras, comiseradas, desceram os cadáveres dos suicidas, com ortigas bravas enxotaram as moscas varejeiras que os cobriam, e enterraram-os.

Como responso ouviu-se a tal voz tremenda do outro Mundo: «a terra vos seja pesada!»

Sobre as campas foram depositos ramos de sardinheiras, atadas a alhos que se vendem nas orvalhadas de S. João, e o povo os conhece com um chamadouro muito feio.

O freixo, antes de subir, com um fio, tinha pendurado a uma perna, (como os garotos costumam fazer nos Judas que se queimam, em sábados de Aleluia), uma tabuinha fornecida por um pau de laranjeira, tendo, com pena de ave de rapina e com tinta feita de uvas de cão, manifestado a sua última vontade, num letreiro assim: «Não quero honras».

Não se cumpriu isto. Cumpriu-se o que a Lei nestes casos determina. O comandante mandou-lhe descarregar, pois, pelos landreiros as três da ordenança. Porém o pinheiro bravo vendo estrebuchar um deles, pediu para que se lhe desse o último golpe de misericórdia, uma verdadeira caibrada...

## ETC.

Em 23 do andante mês de Novembro do Ano não da Graça mas de muita *desgraça* (1956), data esta de glorificação à Santa Felicidade pela Igreja, fiz um instantâneo que a fotogravura reproduz. É de duas tílias mutiladas na Praça D. Pedro V, destacadas das demais *desenfelizes!*

O macabro aspecto do todo foi o que motivou o protesto de um dos salgueiros que da Fonte de Baixo se deslocaram para tomar parte no Comício que, minuciosamente, foi atrás mencionado. Mera coincidência a minha de ser o tal dia destinado a enaltecer à memória dessa Mártir e, também de seus filhos, *decapitados* à ordem tenebrosa de Marco António; como quem diz, há oito séculos!

Como volvida esta eternidade de tempo se repete nos homens e os homens nas árvores de beleza, semelhante *decapitação!*

Repare-se nos pormenores vincados nos cotos pela *decepa!* Como a constituição de origem robusta das árvores procura reagir vegeterianamente, com propósitos de vitalidade para conquistar aquela configuração encantadora que lhe foi destinada pela Natureza!

Santa Felicidade! Mártir! Sê patrona defensiva contra tais *decapitações!* Sabeis, por experiência própria, o que é uma dolorosa *decapitação!*

E seria a propósito fixar na Praça uma placa perdurável, com estas tradicionais palavras:

Ó VÓS QUE IDES PASSANDO,  
LEMBRAI-VOS DE NÓS  
QUE ESTAMOS PENANDO...





## Do recheio artístico das igrejas portuguesas

TENHO um tanto de ciência e de experiência da vida, pois estou a esbarrar nos 86. Católico praticante, como tal sinto verdadeira simpatia pelo célebre conferencista Riquet, que, em Notre Dame de Paris, numa noite, capitulou de «irmãos» os ateus; seja com a tolerância de Cristo.

Custa muito ser justo na crítica, em qualquer sector. Num artigo vindo a lume n'«O Comércio do Porto», José Régio não caiu nas graças de alguém do meu apreço, respeito ao que no mesmo escreveu, referindo-se ao desbarato a que tem estado sujeito o recheio artístico das nossas igrejas, devido à falta de estima dalgum eclesiástico perante tantas preciosidades confiadas ao seu zelo e à sua guarda.

Foi bem expressivo, não englobando no lance toda a classe, pois contam-se na mesma membros devotados ao Belo. Aqui, no Norte, há que nomear o cônego Aguiar Barreiros, autor de várias obras, nomeadamente sobre o românico, sendo de salientar a sua metódica organização do Museu de Arte Sacra da Sé de Braga, cujo guia, ilustrado, de sua pena, é de uma clareza impressionante. É um volumoso e útil livro seu intitulado «Elementos de Arqueologia e Belas Artes», adoptado nos seminários para ilustração de futuros eclesiásticos.

Devemos muito aos da Igreja do que ainda possuímos em Architectura, escultura, pintura, etc.

Ora o desfalque efectuado no nosso património artístico não se deve exclusivamente à classe em referência. Os particulares, as Juntas de Freguesia, as Câmaras, o próprio Estado entram no rol.

Leia-se o que escreveram, em anos idos, Herculano, Garrett e Ramalho, citando só estes, sobre o desfalque. É extenso o rol.

Pergunto ao acaso, por ser dos nossos dias, por que desapareceu o mosteiro de S. Bento, no Porto, a fim de se edificar a estação de caminho de ferro, parecendo que, sem prejuízo do progresso e da comodidade, podia ser localizada noutro ponto.

E, em Braga, não se demoliu o dos Remédios, para a conquista de um mísero... espaço!

Foca José Régio o exibicionismo, nada ortodoxo, dos ornamentos, verdadeiramente pagãos, em estendal nalgumas igrejas, abstraindo os fiéis do subjectivo.

Não nos sentimos concentrados no interior da Alcobça, numa doce penumbração? Sim, sem a presença profana de tais atavios...

Mestre Marques da Silva, adentro da matriz de Barcelos, quanto se alvoroçava a sua pretendida restauração de jeito a estabelecer uma «entente cordiale» com o estilo dominante, no objectivo de se conservarem, como sucedeu, os seus magníficos azulejos e a sua valiosa obra de talha, disse-me que «no Minho, onde predomina, na vegetação, o tom verde, as almas têm o anseio de cores vivazes: dos dourados».



S. Tiago (Vendas de Gallises)

Mas «nem tanto à terra, nem tanto ao mar». Também um grande da santidade opinou que a Casa de Deus deve ser alegre. Porém dentro do bom critério.

Outros aspectos ele focou, seja o abuso da iluminação eléctrica, que chega a produzir o que ora communmente se denomina encandeamiento, deveras irritante e prejudicial para o prazer da visão.

A iluminação artificial tem de ser nos templos a das velas; a dos círios!

Não me lembro bem em que localidade e em que templo vi num oratório a escultura de um asceta, com mãos erguidas, cabeça voltada para o Além. Parece que a luz devia ser mística, incidindo com apropriados graus sobre a imagem, nimbando-a de graça imaterial. Aquela que Antero enalteceu num dos seus famosos sonetos. Nada disto. O electricista montou na base do oratório um agrupado de lâmpadas vermelhas em jeito de grelha. Resultado negativo! O asceta parecia estar a ser queimado nas labaredas do Inferno, em ar de desespero.

O que me interessa, nestas modestas divagações, é saber a razão por que algumas esculturas, representando maxime os oragos da terra, fixando-lhes até o nome, devido à moda, despótica, são relegadas para darem posição saliente a outras de moderna consagração.

E então bastantes de elevado timbre artístico; muitas de humildes imaginários, inundadas de poesia, de encanto! Ora quantas durante séculos foram testemunhas mudas dos actos mais solenes da cristandade, como o baptizado, a comunhão, o casamento, etc. A razão, pois, de serem condenadas ao ostracismo e até ao desprezo?

Não sou católico ao acaso. Procuo ter a consciência religiosa conforme sei, que é pouco, e conforme posso que ainda é menos...

Acaso os símbolos da divindade têm de ser comparados à legião de imperadores, de reis, de príncipes e até de políticos, com os seus períodos de glória, de triunfo, e, por fim, de declínio?



S. João Baptista (Barcelos)



nio e de desgraça? Mas estes são tristes mortais; portanto, nada de confusão com os símbolos eternos.

Numa freguesia de Barcelos, S. Tiago do Couto, em velhos tempos, uma escultura deste Apóstolo, em pedra de Ançã, que um alemão esculpiu em 1536, a que largamente se referiu o meu inditoso amigo Manuel Monteiro, baixou de posto. Na companhia de outra, esta do Santo Precursor, do mesmo artista, foi degradada para a sacristia do templo. Executaram um rombo em parede de alvenaria e as duas imagens vêem-se em campo a modos de concentração ou, pior, pela exiguidade do rombo, tipo... de câmara de gás... Sítio este onde nem sequer chega, provindo do altar-mor, em que estiveram entronizadas, o perfume da combustão do incenso dos turíbulos, queimado nos dias das grandes solenidades.



S. Tiago do Couto (Barcelos)

Em marcha forçada para o degredo o pobre S. Tiago sofreu o dano da perda quase total do seu bordão de arrimo!

Mas, em Vendas de Galises, Oliveira do Hospital, deparou-se-me um outro S. Tiago, também companheiro de infortúnio, mais desditoso. Em caminho do desterro, levado por uma fauna de algozes, teve não como Nazareno várias quedas. Ao «descer» o seu calvário, caiu uma só vez e ficou

convertido em duas metades! Mãos não ímpias, com certeza mãos piedosas, as juntaram!

Imagem, também em pedra de Ançã, digna de figurar em museu de boa categoria.

Encontra-se encostada, a meio dum templo, numa parede, rasteiramente pousada no chão, como um traste inútil!



\*

Se não fosse pecado pediria a Deus o milagre de converter em carne e osso os dois S. Tiagos, de que falo, munindo-os não dos clássicos bordões de peregrinos, mas sim com paus de caceteiros, habilitados a castigar nestas emergências, os herejes de tão ínfima categoria — inimigos da Fé e do Belo!

Como cristão, repugnar-me-ia que fosse praticada a violência de sofrerem em tais arremetidas a decapitação de que foi vítima o S. João Baptista!

Fui, durante 13 anos, redactor de um quinzenário humorístico e ilustrado (uma espécie de soldado desconhecido) e pelo hábito adquirido, em considerandos de tanta responsabilidade, esqueço-me... e faço um desvio para o faceto. Mas tenho as costas quentes, visto que S. Tomás de Aquino aconselhou a «enchermos a vida com chistes e travessuras, para a «suavizar».

(Foi publicado em «O Comércio do Porto»)



**Base da escultura de S. João Baptista  
(Barcelos)**

## FIGURAS, TIPOS E COISAS

O Joaquim Martins foi um boémio curioso. Guitarrista de categoria. Havia há anos partidários das duas bandas, cognominados Sopas.

Era ele apaixonado por uma.

Na loja de cabedais, de que era dono, disse a um freguês:

«Quando morrer quero que a Banda Barcelense vá atrás do caixão a tocar o meu fado predilecto para eu depois viver descansado».

\*

Na antiga taberna, hoje Pensão Bagoeira, um freguês a cavalo, salta da alimária, prende-a, entra, come e a dona pergunta-lhe o que teve.

«Eu tive um molho de palha, um quartilho de vinho e dez reis de arroz».

Compreende-se que a palha foi para o burro mas antes ele comesse a palha e desse o arroz ao burro.

\*

Em 1893, Bernardo Cerqueira, um Zelador, estando a delinear o enditamento do caminho que termina no Pessegal, caiu no Rio Cávado.

Aos gritos aflitivos soltos pelo infeliz, acudiram algumas lavadeiras que, depois de lhe despejarem a água que tinha absorvido, virando-o de cabeça para baixo e batendo-lhe na sola dos pés, conduziram-no ao Palácio das Torres onde foi cuidadosamente recebido pelos Condes.

Consta que foi em seguida a Lisboa, ao Instituto Bacteriológico, a fim de ali se averiguar se o peixe teria sido mordido por um cão hidrófobo.

\*

Na redacção da «Lágrima» aceitam-se propostas, em carta fechada, de pessoa que queiram desempenhar os papéis de gigantones, nas Cruzes.

\*

Quando nasceu D. Luís todas as Câmaras deram conhecimento ao Povo.

Um Zelador, em Esposende, anunciando a nova pediu que todos pusessem luminárias, mas uma pobre informou-o que não tinha azeite e ele pronto:

«Ponha pinhas... Ponha pinhas...»

## Um Retrato da Galeria do Hospital

**H**Á na Galeria de Benfeitores da Santa Casa de Barcelos um retrato singular.

O caso não é único.

O falecido José Lopes citava sempre testemunhas mortas... Ora o que vou contar é o de uma testemunha viva...

Eis o facto:

Um compatriota, que pelo trabalho e economia conseguiu grande fortuna, quis (não sei se por vaidade) obter um bom retrato do Pai.

Havia no momento, na Capital Fluminense, um Pintor de nomeada. O interessado procurou-o e praticamente disse dos seus propósitos ao Mestre. Combinado o assunto, o Artista falou das horas e dias em que o Velhote devia comparecer no atelier, para posar. No momento é, porém, informado que o Pai morreu.

Compreendo, diz o Pintor, que o retrato é então feito por uma fotografia.

Não a tenho.

O Artista compreendeu e resolveu praticamente o assunto, e toca a colher informes, pois os que cultivam o Belo vivem de *realidades*: idade, carnação, cabelos, barba, olhos, corpulência...

E mãos à tarefa. Uma vez a obra executada, com o ceremonial próprio, foi montada num cavalete, ricamente emoldurada, e por «sobre a suposta ou imaginada verdade», uma cortina flamante.

Descida a cortina o Artista interroga o Filho, mas este, de lágrimas nos olhos, exclama:

Como Meu Pai está mudado de feições!

Tu, leitor, tens cá na tèrrinha uma coisa semelhante.

Relato: há uma tela de certo Benfeitor da Santa Casa que foi assemelhantemente executada. Por iniciativa do falecido Mesário Joaquim de Faria Peixoto, teve de ser homenageado um cidadão. Colheu, pois, da Família os requisitos indispensáveis (como no do Brasil), não esquecendo um pormenor que o indivíduo tinha um quisto bem vincado.

A título de curiosidade procurei em vão o quadro. Recorri pois ao meu informador. Percorremos os dois aquelas dependências em que é costume estarem dependurados os retratos desses beneméritos.

Vimos retratos em três zonas que pretendo capitular da forma seguinte: os que reluzem no salão nobre, estão no Céu; aqueles que figuram na escadaria que dá acesso ao mesmo, acham-se no *Purgatório*. . . Mas um mundo deles existem, quanto a mim, no *Inferno* à espera da Justiça de Deus, para serem distinguidos pelas suas qualidades. Impressiona, no entanto, vê-los numa confusão de idades, de sexos e até de hierarquia social. Estávamos já desanimados da pesquisa, do insucesso, e, quando nos despedíamos de uma Irmã Hospitaleira, o Sr. Peixoto exclama, não como o Grande Rei D. Carlos aos da comitiva, em Berlim, ao lobrigar o Kaiser: «Lá está o gajo», mas simplesmente apontando para o retratado: «É aquele. . . é aquele».

Enfim, estava identificado o cadáver do Benfeitor pelo quisto em evidência.

A tela pode ser apreciada na Secretaria da Santa Casa.

É curioso salientar que o Pintor devia ser um tanto escrupuloso não assinando a tela, e sòmente o recibo da importância do seu custo. . .

Este Benfeitor talvez não tivesse, como o do Rio, um Filho, com duas lágrimas a recordar o Pai que era conhecido em Adães pelo sobrenome de Barcelos!

## Um improviso

**A** COMPANHEI de Braga a Fafe uma excursão.

Fazia parte da passeata a realização dum espectáculo no teatro da vila. Mas, caso não previsto, falhou um dos componentes, personalidade mental de grande relevo.

O Chefe do Grupo encarrega-me à última hora, (o pano quase a subir) de anunciar o contratempo.

Eis como, de improviso, falei:

«Minhas Senhoras e meus Senhores: — Não sou o conferencista nomeado no programa — Dr. Luís Bivar, poliglota notável, à semelhança de Conseglière Pedroso, que até o polonês creio que falava para o que é preciso possuir uma glote especial.

Aqui, onde me vedes, sou simplesmente o fotógrafo que acompanha esta excursão.

A título de informação, digo que cheguei há pouco, e sem sotaque, do Rio de Janeiro.

Ali pertenci ao Observatório Astronómico e Metereológico do qual era Director vulto de boa categoria, o Dr. Morize.

Tinha, entre outros encargos do emprego, o de fotografar as estrelas do Céu.

Vítor Hugo, nos «Miseráveis», escreveu: «Por que motivo as fitais? Por serem brilhantes e encerrarem um mistério. Olhai junto de vós e tendes outro mistério: a Mulher».

Escusado será dizer que todos nós temos uma atracção para tal mistério. . .

Falo nesta linda terra onde nasceu o grande tribuno José Vieira de Castro, de quem Camilo exarou num livro de correspondência «que a proeminente fisionomia do seu discorrer era o colorido da palavra, a área larga do pensamento, o período enérgico e candente, o rapto da imagem, o ritmo lusitano da forma, a boa medida nas referências e citações, o ardor cívico nas crises de patriotismo, a destimidez e alvoroço das tempes-



tades que levantou no parlamento. Coração, poesia, paixão, orgulho, sarcasmo, violência — todos estes heterogêneos raios de luz iluminavam o grande orador português, sem assombro de Garrett, de Rodrigo da Fonseca ou de Rebelo da Silva, pois nenhum foi tão eloquente, tão espontâneo e tão repentista.

Oxalá, nisto que pronunciei, não houvesse um colapso da memória...

Aceitai, Senhoras e Senhores, com benevolência o meu bem intencionado atrevimento nesta incumbência de justificação da ausência do insigne Dr. Bivar!

Desejo notificar-vos que sou de Barcelos, e tereis muitas vezes ouvido em ar achincalhante, nem sempre no devido sentido da frase: «Justiça de Barcelos te persiga...»

Peço a Deus que nunca esta malfadada frase seja empregada contra V. Ex.<sup>as</sup>, mas (há sempre um mas), não quero que me toque a da «Justiça de Fafe...» nem pela tangente!

Depois de me desembaraçar desta situação, com «as mãos cheias de dedos» (como correntiamente ouvia no Estado de Minas Gerais, naqueles lances em que a criatura se vê embaraçado) recorri ao regime anedótico.

Logo na primeira fila estava um eclesiástico. E contei que na farmácia de certa terra, às noites, se juntava um Oficial do Exército e o Pároco. Ora o seu fraco não era o seu forte... discutir assuntos teológicos. Numa tormenta, pois, foi derrotado e, num ímpeto, grita: O Sr. é Padre e basta. O Reverendo retorquiou: e o Sr. é Alferes e besta...

\*

Assim, a parecer apêndice quanto às prerrogativas do recuso da memória, não por pedantismo, quero aqui repetir com critério de *repórter*, o que ouvi na Assembleia Barcelense do seu então Presidente, Dr. Aires Duarte, a quando pelas suas mãos fui levado a realizar uma palestra «Figuras, Tipos e Coisas», neo-título que adoptei neste livro.

Mãos, as suas, que apertam as nossas com lealdade e firmeza nos lances de padecimento e nos de sofrimento!

Personalidade «vítima mais das suas virtudes do que dos seus defeitos», como numa data aniversariante, em minha Casa, eu disse perante um conjunto de gente de categoria, de todos os matizes, cuja presença me encheu de prazer.

Beldemónio, o nosso melhor tradutor de Balzac, na gazetinha que o tornou para uns popular e para outros... não, fazendo reparos a elogios exagerados por um jornalista a certo autor medíocre, frisou: «faz-lhe um elogio... que ele faz-te outro...»

Quero sòmente provar que dava um bom repórter... Porque aqueles que o são verdadeiramente têm de, rigorosamente, reproduzir, palavras, frases, com absoluta exactidão, empregando sòmente nas considerações, na crítica, o seu estilo pessoal.

Houve um repórter, de nomeada europeia, que do Porto a Lisboa, numa carruagem de comboio, acompanhando Guerra Junqueiro e Olavo Bilac, captou com segurança o que proferiram os dois Poetas.

Lembro-me perfeitamente, que entrevistando Bernardino Machado, então Presidente da República, ouviu deste:

«Os alemães são autocratas, mas o seu comércio é democrático; pelo contrário, os ingleses são liberais, mas o seu comércio é autocrata».

Eis-me repórter... a lembrar e creio que com rigorosa exactidão o que a meu respeito, na apresentação da minha pessoa, disse o Dr. Aires:

«...Há na personalidade do Soucasaux dois traços característicos: a sua bonomia inalterável e uma simpatia constante por tudo que é novo: factos, ideias, até pessoas.

Ao contrário da maioria de pessoas de grande experiência, que se vão tornando intolerantes, com a idade, o Soucasaux tenta compreender e acompanhar todos os progressos, todas as «novidades», e é certamente esse feitio ou esse pendor do seu espírito que lhe conserva, depois dos oitenta anos, uma frescura e mocidade que muitos já perderam aos vinte».

## FIGURAS, TIPOS E COISAS

Às mãos do Saudoso Dr. Martins Lima, num papel de embrulho, estava exarada a conta que vão ler:

«Marso. Despesas da semana santa dos tresseiros. Licor figos—55—. m.<sup>s</sup> licor figos—60—. m.<sup>s</sup> um carro de pinheiros—480—. Dinheiro a um Rapaz por carretar Tabuado—20—. I Duzia de forro—360—. I cento de Pregos—60—. P.<sup>a</sup> humas Fichaduras—80—. m.<sup>s</sup> 1/2 cento de Pregos—25—. Água Ardente de Figos—25—. Dinheiro para terra Negra i pregos—40—. Merenda aos carpinteiros—160—. Pregos—20—. V.<sup>o</sup> aos Judeus—30—. Cal para o Tumblo—30—. 165 do dôce a—160—. 10 garrafas de V.<sup>o</sup> a 120—1:200—. Dinheiro ao rapaz—20—. Queijo 4 ar. e 1/4. Beberete aos Judeus—300—. 30 palmos de linhage a 180—6 varas. Dinheiro aos Judeus do Tumblo—240—. Merenda para desfazer assistindo os Mezarios o Sr. Ricardo e Bruno—300—. A Luger de 3 cordas de carro por ficarem esfarpadas e não poder vender pello presso—120—.»

\*

Sucedeu em 1893... Um fotógrafo veio a Barcelos em digressão Artística. Quis obter uns clichés da nossa feira semanal. Procurou para êxito, ponto estratégico. Prantou-se, assim, na torre da desaparecida Igreja dos Terceiros. Os progressos em material, então, eram precários. Não existiam os obturadores para instantâneos, nem filmes, nem películas e havia que recorrer à chapa seca, mas de pouca sensibilidade.

Bem. Para obter resultado satisfatório esperou ouvir as badaladas do sino grande do templo do Senhor da Cruz, ao meio dia, das Avé-Marias. Aquele momento de oração, de imobilidade e do *ssii*...

A máquina montada no tripé e sob a campânula maior e o foco dirigido à zona da feira do gado. Mas «o Diabo tece-as», até mesmo nas Casas de Deus... O sacristão, em baixo, pucha pela corda para o sinal e o badalo bate forte e feio na cabeça do operador.

Tonteia mas ainda pôde abrir o fechadouro do *chassi* para a pose... E logo a seguir volta o aparelho para a feira das mulheres, porém, ainda ressentido da percursão do badalo... esquece-se e impressiona a chapa já exposta da feira do gado...

«O cabo das tormentas»... Ao revelar viu no negativo um verdadeiro *sarilho*... As duas zonas: a do gado e a das mulheres, misturadas... em partes iguais... Os homens com rabo e as mulheres com cornos!

A quanto obriga a Arte!...



## Interpretação humorística de um «belo»

**Q**UANDO iniciei, no Brasil, o «Álbum do Estado de Minas Gerais», tive como colaboradores o poeta Dr. Augusto de Lima e o cientista Dr. Joaquim da Costa Sena.

Era este, então, Director de uma Escola Superior em Ouro Preto — considerada a cidade mais portuguesa do Brasil, no tempo colonial — segundo o Dr. Diogo de Vasconcelos, autor de uma interessante história; há quem dê no entanto primazia à de S. Salvador.

O Dr. Costa Sena, creio que para se aliviar das responsabilidades maciças da cátedra, aproveitava os lazeres, evadindo-se para o regime anedótico, com graça vivaz e muito espontânea.

Há mais de meio século, quando se pensou construir a hoje florescente Capital de que meu irmão Francisco foi um dos cabouqueiros e onde numa das artérias está gravado o seu nome, por honrosa decisão da Prefeitura, houve intensa controvérsia na qual tomava parte activa tão ilustre personalidade.

Argumentava que, em vez do snobismo de uma cidade, o saldo fortemente positivo nos cofres, devia preferentemente ser aplicado na construção de vias de trânsito e, depois, na intensa propaganda sobre o clima e a riqueza incomensurável do seu subsolo, em minerais, etc., para atrair emigrantes.

Dizia, com a sua predominante faceta, que ainda não tinha visto o tal «belo», do então Curral d'El-Rey, «belo» que havia de predominar no *chamadouro* da cidade: Belo Horizonte.

Verifiquei, durante o ano que nela residi ainda sem os actuais arranha-céus, que a atmosfera era sempre limpa e os longes não se me deparavam com as naturais gradações orográficas, vincando os planos.

Era sem conta, a propósito de tudo e de todos, que se evidenciava gracioso.

Informaram-me que em certa sessão da Câmara dos Deputados, um situacionista proclamava o êxito político de qualquer caso, assim :

— « Sr. Presidente : Minas si elevou tão alto, tão alto... »

O Dr. Sena :

— « Que caíu do outro lado... »

Pelo facto de ele não enxergar o tal « belo » panorâmico, contava que tinha de se situar na posição visual de um cura de almas num lance em que todos os fiéis viam, e o Padre, alma simples de sertanejo, não via nada... .

Relatava que num arraial (seja aldeia), no interior muito afastado, surgiu um dia um indivíduo e, procurando o Pároco, ofereceu-se para fazer um quadro para a igreja. Aceite a proposta, não se deteve e foi logo pedindo dinheiro para a tela e para as tintas.

E, conforme ia precisando, repetia a receita. E um dia, para se justificar da pedincha e inspirar confiança, disse ao Padre que os Artistas, como os Ministros do Senhor, têm as suas necessidades imperiosas.

La fazendo vida alegre nas comidas e bebidas. Se na região não predominava na mesa o churrasco do Rio Grande do Sul e a língua curada da mesma procedência, nem tão pouco, com todos, a carne seca, ia-se gulosamente contentando com o lombo de porco assado, servido com rodela desenfiantes de laranjas e acompanhado do costumeiro arroz e feijão. E pela-va-se por o petisco dos torresmos em uso... .

Chegou a altura de parecer abusiva a tal pedinchice do vil metal. Eis como ele preparou a cena final desta peça em que o camarada era protagonista, e a figura do centro — o bom do Clérigo.

Procurou discretamente o Padre, na igreja, e, em meio sigilo a fingir confesso, assim falou :

— Reverência ! No momento em que estava devidamente emoldurado e montado no cavalete o quadro, cujo tema era Jesus em oração no Horto, surgiu um anjo entre nuvens douradas, com luz, para mim, estranha ! E eis como se expressou :

— Sou um enviado do Céu. Verificando como interprete o quadro, embuido dum sabor imaterial, Nosso Senhor concede-lhe o seguinte privilégio : Os que forem filhos legítimos, vêem-no e os que não forem, não o vêem. (Aqui convém informar o não « assíduo leitor », que a tela estava em branco, pois só tinha recebido o preparo oleoso).

O ingénuo Padre ao ouvir este relato desligou-se do mundo, como os que rezam sem espectadores, e entregou-se a si mesmo.

Na missa domingueira anunciou a boa nova, informando os fiéis do dia e da hora para ser exposto o quadro.

O tipo tinha combinado, entretanto, com o sacristão a teatralização da cena final, e, com o Padre a frase oportuna, para o descerrar da cortina.

Nesse dia, de grandes distâncias, a cavalo e os de perto, a pé, pois não havia caminhos de ferro nem estradas de macadame — surgiu uma multidão. . .

Mas vamos à parte emocionante: É altura de, no púlpito, o Ministro de Cristo se alargar doutrinariamente quanto à Virtude e ao Pecado. À frase combinada, cai a cortina.

Meu Deus! Um delirium tremens na amálgama de fiéis. São uníssonas as exclamações, admirativas com o doce sabor bem acentuado da região.

Todos vêem! Todos, não! É o padre uma excepção. Fica perturbado! Paradoxalmente, parece que ia caindo com um chelique. . . nos seus próprios braços. . .

Um puro! Parecendo até o espírito do Povorelo em carne e osso! A alma simples de sertanejo não se conforma. Faz todos os esforços para obter perfeita visão. Abaixa-se; soergue-se; fecha o olho esquerdo; com as duas mãos faz óculo de mira no direito, inútilmente! Não se contém e exclama:

— Senhor! Senhor! Serei eu entre todos os presentes, o único filho do pecado que não vos vê?

Convém informar que a frase foi pronunciada com outro sabor, conforme o fazia Gil Vicente. . .

Podia o Padre, desde que não se considerasse filho de matrimónio cristão, dizer, como ouvi a um Amigo na linda cidade de Barbacena: «Muita gente tem pejo ou vergonha de se confessar filho ilegítimo. Não leio por tal cartilha, pois orgulho-me de ser filho não do dever, mas do Amor que é o que eu sou!»

\*

Assim, pois, o Dr. Costa Sena, quis comparar-se ao puro Padre que não via o quadro. . . como também ele não via. . . o «belo», de Belo Horizonte. . .

## FIGURAS, TIPOS E COISAS

Existiram dois trolhas muito populares com sobrenomes de Clemente e Sampaio, em Barcelos.

Usavam muito estes artifices a giria. Ora preparando-se para uns copitos, assim se expressaram:

— «Que diabo de trefé estás a galtrar? Não piavas um gargantôso de gelête, muito mais gido do que galtrar».

— «Inses, se teu enes avesa chelpa... Em xaibreiro o piraco do frógo não drespa p'ra dana».

\*

O Bento Moreira tinha um estabelecimento de calçado à Rua hoje D. António Barroso onde se vê a loja de Fazendas Aguiar e propôs-se «fabricar chancas próprias para baile!»

\*

Linda camponesa veio a uma repartição cá da terra manifestar um vinho. Mas, distraidamente, em vez de entregar o Manifesto, entregou uma carta de namoro.

*Ardendo em sanha rude num protesto  
Explude o empregado confundido  
Pois que vê, encimado, Manifesto:  
«Anjo meu e só meu, saudoso e q'rido».*

*«Menina, lhe diz ele, que é isto?»  
E a sopetra co'as faces em rubor...  
É na verdade um caso nunca visto.  
Qu' em vez de vinho se manifeste Amor!*

\*

Há mais de meio século foi publicado um anúncio, assim redigido, à porta da igreja de Panque:

### Annuncio

Cumo todos munto bem çabe áminhan é dia du S. S. curaçon de Jezus i puriço a festa de mei dia im S. Sandiains e bai pregar o Padre zé du talho de Cervains prega de minham e fas huma pratica á tarde quem quijer vá ouvilo se puder que bale a pena e. t. c.

## Zé Povinho minhoto

**L**I há pouco que a figura do Zé Povinho que tão popularizada foi por Bordalo Pinheiro, se deve à observação de um homem de Abrantes.

Há mais de meio século, deparou-se-me na Apúlia um camarada, minhoto desde as unhas dos pés à raiz dos cabelos, que fixei numa chapa (pois ainda não estavam em emprego os filmes e as películas...).

E o Mestre Gonçalves Torres, perante a respectiva fotocópia, realizou um desenho cheio de vigor psicológico, e humano, que reproduzimos com muito agrado:

Foi surpreendido o nosso Zé, na Apúlia, em frente ao mar que é profundo, que é *imenso* como ele — símbolo perfeito do homem do Norte, de fibra resistente.

Um riso franco ilumina-lhe o rosto, esse riso que ele tem até nas crises mais agudas da sua vida.

Para felicidade sua, a chamada civilização não teve ainda força, com os seus embuídos e falsos pretextos, para lhe sufocar essa expressão sadia.

Apesar da carga dos 70 que ninguém lhe tira, aguenta-se... sem constrangimento, a prumo.

Segura na dextra um landreiro, como árrimo aos seus jañeiros. Anos atrás, em certa romaria acossado pelo ciúme, deixou-o cair, de pronto, sobre o participante de uma *ala de namorados* que a terra — essa mãe «taciturana» — guarda.



Zé Povinho



Dependura na sinistra um característico par de tamancos, apropriadamente entaxados. Na sua manufactura foi empregado o tradicional pau de laranjeira, celebrizado por legiões de fabricantes de tão prosaico artigo.

Jamais pegou neles na mão para fugir dum rival.

... Desta massa, por uma *genealogia* corrente, é que saíram heróis e mártires, e até o triste escrevedor destas linhas...

Em regra, nem sempre a História os nomeia; engloba-os, à mistura, ficando ignorados numa vala comum.

No entanto, levantam-se estátuas a grandes generais, etc.

Medonha ironia! E é o Zé que faz referver os entusiasmos das romarias, o bulício das feiras; que movimenta o solo que nos dá o pão!

É com seus braços — alavanca poderosa cujo ponto de apoio é o chão bendito — que se levantam catedrais e se plantam árvores!

Tão fortes tentáculos levaram longe a Cruz e longe fixaram no solo a bandeira da Pátria!

E nós, burocratas das letras, burgueses do ridículo, exigimos dele sem justa compensação, esforços de semi-deus.

E vamos à maldade de o oferecermos às vistas, nas gazetas de paródia, com uma albarda no lombo.

\*

Leitor bondoso e inteligente, fuma o teu cigarro ou chupa nervosamente um charuto e, com reflexão, diz-me, fixando tão expressivo desenho do pobre de Cristo, se é ridículo!

Muitas vezes, ridículos somos nós, os que não trabalhamos de sol a sol; que não lhe damos compensações devidas. E parecendo-nos a sua atitude caricata, na maneira de suspender os tamancos, de firmar o pau, não nos detemos na apreciação dum sujeito encafuado num fraque ou num casaco desandados do figurino!

A sua divisa é: «pobrete-alegrete». «Paixões não pagam dívidas». Barriga cheia, hoje, e para amanhã, Deus dará...

## Dr. Sousa Cristino—Avelino Aires Duarte

○ DR. SOUSA CRISTINO foi Médico no 2.º Bat. de Infantaria 20. Reformado, exerceu a clínica durante alguns anos, em Barcelos.

Era um psicoterapeuta de nomeada.

Acabou os seus dias em S. Miguel da Carreira.

Fui visitá-lo e após as minhas saudações, ouvi:

«Estou a fazer tirocínio para o jazigo».

Dali a dias estava sepultado!

Conversador emérito, à semelhança do que foi o Poeta barcelense António Malheiro, segundo o critério abalizado do erudito Dr. Rodrigo Veloso e também do Dr. Martins Lima.

A sua expressão verbal, no colorido, na ironia, na elegância, correspondia à prosa escrita do Eça de Queirós.

Pena tenho de não registar muitos daqueles seus ditos de espírito e que foram fixados e se repetiam nas tertúlias de então!

Chegado eu do Rio de Janeiro, no período da Grande Guerra, era esperado, no Porto, por amigos que me acompanharam até Barcelos.

Para o compartimento do comboio em que vínhamos, entrou no apeadeiro da freguesia onde morava. Outro qualquer limitava-se aos cumprimentos correntios. Não! Saudou-me assim:

«Que vejo! Uma nebulosa que se desprendeu do alto, caiu na terra, arrefeceu, solidificou e apresenta-se diante de mim com a configuração de Augusto Soucasaux! Esplêndido! Magnífico! Não parece que foi castigado por um clima tropical!»

Continuando:

«Que diz o meu amigo desta coisa do Kaiser estar a castigar à metralha, com a boca dos canhões, isto que é a massa humana? Aposto que vem com propósitos de acometer o herege...»

Não, obtemperei-lhe. Os meus propósitos são: os de não morrer *herdicamente*, mas, sim, os de conservar *herdicamente* a vida...

Vale a pena registar que o Dr. Cristino nunca devia ser interrompido, mesmo com a mais simples advertência. Até desembarcar, conservou-se, pois, silencioso!

Conto um caso semelhante: — O centro de cavaqueira, na época em que havia tolerância e respeito por ideias ou princípios opostos, era na Loja de Fazendas do Comendador Ramos, à Rua D. António Barroso. Gente de categoria social elevada ali se ajuntava:

Dr. Rodrigo Veloso, senhor de uma bagagem de conhecimentos invulgar, de barbicha levemente cuidada; o Dr. Martins Lima, idealista, com uma linda conformação craneana; o Domingos de Figueiredo, de tez morena, grave; o Dr. António Ferraz, erecto, corpulento, elegantemente vestido; o Conselheiro José Novais, bela figura que, num à vontade, quando atormentado com o calor, prosaicamente punha o casaco sobre os ombros; raras vezes o Abade Pais aparecia para quebrar com chalaças algum assunto muito puxavante...

Mas entro no assunto: — Estava o Dr. Cristino dissertando sobre problema momentoso e, como sempre sucedia, todos embebidos de prazer, silenciosos e, no momento azado, por entender que devia estar já há algum tempo a pé, amavelmente se acercou dele um filho do Comendador com uma cadeira. Pois, nem o período do desenvolvimento acabou! Retirou-se sem mais aquelas...

La uma vez para a Estação, de regresso à sua aldeia, e uma senhora debruçada num muro, à Avenida Alcaides de Faria, vê em frente e, no chão, um homem estirado, parecendo não dar acordo de si e pediu-lhe para num lance o observar. O diagnóstico foi fulminante:

«O remédio é fácil... É meter-lhe uma esquiça na bar-riga...»

O leitor sabe. (Trata-se de um pauzinho aguçado na ponta, que é introduzido em orifício feito na tampa da frente das pipas, o qual se tira e se põe no momento das provas de vinho).

Para rematar, a condoída Senhora usava óculos de uma envergadura *arranha-céus* ele ao *despedir-se*, *fitando-a*:

«Muito gosto de a ver de *cangalhas*».

Avelino Aires Duarte não passava como adventício vulgar por Barcelos.

Veio para esta terra da Lusa-Atenas, mantendo-se coimbrão integral.

A miude levava consigo gente da nossa melhor sociedade em feição turística à sua cidade.

Revolucionou como farmacêutico, progressivamente, com técnica apurada, os trabalhos laboratoriais, nessa época, coitados, nada higiénicos e apoucados na estética. . .

Como professor na extinta Escola Primária Superior, mostrou conhecer, como poucos, os métodos de ensino, obedecendo ao horário regulamentar. Pode-se dizer que nunca deu uma falta!

Muito moderada a sua personalidade. Curioso, nunca lhe ouvi uma gargalhada sonora, mas um sorriso iluminava-lhe sempre o rosto.

Em Política, como então o Dr. Luís de Novais, parecia esperar, como este, a *última palavra*. . . Mas nada indiferente à evolução do fenómeno social.

Como 1.º Comandante dos Bombeiros, num pormenor se tornou humanamente elevado, organizando uma Caixa de Previdência para as praças.

Escreveu muitos *suevtos* na «Lágrima». Caligrafia muito miuda e muito igual. Jamais uma ratura ou entrelinha.

Não faço biografias neste livro. São notas saltitantes, ligeiras.

Por curiosidade aqui traslado dois dos seus graciosos escritos, em 1896:

«Para a festa de Cruzes prepara-se uma exposição de rosas. Se nos fosse permitido meter o nosso bedelho em assunto tão delicado, desejaríamos que a exposição tomasse maior amplitude abrangendo tudo que diz respeito ao reino vegetal, e que mais ou menos possa interessar-lhe. E sem termos que recorrer a estranhos facilmente se conseguiria um mostruário de truz.

Para a secção de flores temos uma variada colecção de rosas, de todos os tamanhos, feitios e cores, singelas e dobradas, em botão e já abandalhadas, brancas, pálidas, carminadas e ave-ludadas, de estufa e silvestres, — Tomam o primeiro lugar a *Rosa Leoa*, a *Rosa Sapateira*, a *Rosa Bicha*, a *Rosinha de Fragoso*, e o *Gomes Rosa*. Nas margaridas também há uma colecção razoável, sobressaindo a *Margarida do Urbano* e a *Margarida do Brás*. Como exemplar raro há uma *Margarida Rosa*. Narcisos

também se mostram rasoavelmente nos dois sexos. Nos jacintos tem proeminente lugar o Jacintrinho.

As árvores não se ostentam menos brilhantemente. Em grande variedade temos *Pereiras*, *Carvalhos*, *Loureiros*, *Laranjeiras*, *Oliveiras*, *Moreiras*, *Pinheiros*, e como arbustos *Silvas*, *Matos*, *Nabiças*, e *Espinheiras*.

Os frutos representam-se pelo *Pepino*, *Alho*, *Ervilha*, *Perinha* e *Limas*.

Em produtos fermentados há os *Vinagres*.

Nas confecções — *Ramos*.

Terrenos para culturas — *Campos*, *Montes*, *Vales* e *Quintas*.

Para as regas — *Ribeiros*, *Fontes* e *Regos*.

E para nada faltar ainda temos os animais destruidores das plantas, como *Coelhos*, *Pegas*, *Bichas*, *Bichezas*, *Grilos*, *Falcões*, *Carneiros*, *Galinhas*.

Influências atmosféricas — *Chuva* e *Nevoeiro*.

Para conduções — *Caniçada*.

Objectos de corte — *Machados*.

Se o encarregado da exposição nos der a honra de seguir o nosso programa prestará um bom serviço ao concelho, e um esplêndido regabofê aos forasteiros ».

\*

A um plebiscito: Qual é a qualidade mais apreciável na mulher, respondeu:

« Sem ambages direi que sou um lamecha pelas mulheres que sabem pintar-se. A monotonia de vermos constantemente a mesma cara torna-nos aborrecido e fastidioso, porque é do nosso natural gostarmos da diversidade. *Variatio delectat*, diziam nossos avoengos.

Ora a mulher que tem o dom de aparecer pálida e transparente como se já estivesse na água-furtada da tuberculose: com umas olheiras fundas como se passasse a noite a chorar a ausência do namorado; vermelha romã, como o seu predilecto a osculasse a primeira vez; nariz de beterraba, fingindo-se agastada para a apaixonada lhe satisfazer os seus caprinhos, e por aqui fora exibindo sempre a compreensão da sublime arte, para mim vai ao superlativo, é *apreciabilíssima!* »



## Abade António Pais

... **N**AQUELE tempo poucos eclesiásticos, na nossa região, o suplantaram em alegria no exercício do seu ministério. Não falava no púlpito ou nas habituais homilias dos horrores do Inferno, pois pensava que, mesmo sem fogueiras... muitos Diabos nos atormentavam neste Mundo...

Escrevia com o sabor psicológico usado pela gente minhota, servindo-se do vocabulário corrente, conseguindo cadência nos períodos para não haver arritmia... Seja, sem asperezas e solavancos...

Nunca na oratória ou na prosa jornalística se intrometeu em congeminações a modos de metafísicas, de mastigo difícil e digestão penosa.

Deixou em as colunas de «O Barcelense», *Cartas d'Aldeia*, lindas aquarelas dos usos e costumes que nos são familiares.

Gisando a construção do prédio da sua residência, em Quiraz, teve a preocupação de nela se ver uma varanda extensa, para caber grande mesa destinada à boa comodidade dos seus convidados, sempre seleccionados; presentes nas solenidades do Tríduo e, pagamente, nas ocasiões do Sarrabulho.

Poucos mortais deixaram na nossa memória tantas facetas de espírito. Ditos, frases, às vezes com uma ligeira malícia.

Na morte da Esposa de um paroquiano abastado, no lance de lhe levar consolações como Padre e Amigo, disse-lhe, em ar de conselho, que devia prestar justa homenagem à sua boa companheira. E frisou, mesmo para dar uma certa satisfação à sociedade.

Mas no momento estava alguém, pelas costas, a fazer uma sinalização negativa ao dorido.

O Abade usava porém óculos cujos vidros reflectiram a imagem do patusco, e num repente, voltando-se:

— Ó meu Filho da... Pureza, olha que eu até com o olho detrás vejo!

É que o camarada supunha que o Abade era participante nos lucros do armador.

O Camilo, assemelhantemente, a propósito dum crítico que procurou magoá-lo, também salientou com a sua prosa forte «que havia escritos que só deviam ser lidos com um olho».

Tinha o prazer da boa mesa, ao ponto de nas *matanças*, efectuadas na sua paróquia, estas não *coincidirem* para em todas ser presente.

Não usava, abusava de certos condimentos, como a mostarda e procurava justificar a sua inocência...

Desde jovem que era acometido de himopetises e nessas crises, contava-me que procurava reaver no verbasco o sangue perdido. Um *dador*... Assisti a muitas *comesainas* com ele mas nunca as moléculas do álcool o desconsertaram, quer nas atitudes, quer nas expressões.

Talvez haja *lógica* quanto a tão bela personalidade chegar a longo tempo, saindo do ritual dietético, quando calhava...

Marañon, médico, prefaciando um livro de culinária, deixou gravado o que transcrevo:

«Uma boa cozinha, por muito anti-higiénica que seja no restrito sentido, pode ser mais proveitosa, mais útil, do que uma cozinha cheia de *insipidez científica*».

Pudesse neste livro registar tudo aquilo que o distinguiu fora da craveira comum.

Gostava do jogo das cartas e tinha repulsa pelo da Lotaria Nacional, porque não via perto de si os pontos; estavam longe... em Lisboa.

Quando se inaugurou a Igreja de S. Vicente de Areias, ao jantar, sentiu-se uma trovoadá medonha que inutilizou os fusíveis da iluminação. Entre os muitos convidados, ao voltar a luz, via-se o conhecido Fidalgo da Silva, desmaiado.

(Tinha a paixoneta de possuir bons cavalos e bons trens). Ora, vendo-o reanimado exclamou alto e bom som, o Abade:

«Veste as saias de tua Ex.<sup>ma</sup> Esposa». Estava ela junto do Fidalgo, *incolume!*

Leitor... cá vou dando vários rumos nesta prosa com arremedios de assemelhança ao feitio cavaqueiro do querido Abade.

Num dia de grande gala («Crisma») culminada pela presença de D. António, em Quiraz, contava-me presente, como hóspede da casa. Do Domingo da festa, para a Segunda, meia noite e para entretenimento, o Abade pede para eu subir a um móvel e fazer duas imitações em que diziam... ser *inimitável*... Uma

ao actor José Ricardo em cena cómica; outra, ao Cónego Alves Mendes de um sermão à Virgem, proferido na Misericórdia. Ai! Quem me dera ter sido cinematografado e neste momento dar palmas a mim mesmo!

Também o saudoso Barcelense se pelava ao ouvir-me recitar um soneto de seu apreço. Autor, o Poeta Vicente Novais, que conheci em Braga, num estaminé existente nas traseiras do desaparecido Teatro S. Geraldo. Coitado! Já aturdido pelo álcool. Soneto inserto num pequeno livro de versos intitulado *Musa Rocha* e foi impresso na tipografia «Gazeta do Povo» e passaram pelo componedor que eu manuseava na oficina, instalada na R. Direita. É hoje uma raridade bibliográfica (1885). Como prólogo ilucida Vicente Novais: «que existe na cidade de Brene a cuja municipalidade pertencem, doze magníficos toneis chamados *Os Doze Apóstolos*, repletos de preciosíssimo vinho de Siracusa, que só é servido nos grandes dias de festa. A esses venerandos macróbios oferece respectivamente os doze sonetos publicados neste folheto».

Eis o do paladar do Abade:

*« Contra o vício tenaz da bebedeira,  
Do púlpito da Igreja, em voz magoada,  
Gritava certo frade e, de enfiada,  
Mil anatemas vibra à turba inteira :*

*Vício dos vícios! — diz e ainda há quem queira,  
Por um banal prazer que só degrada,  
Passar anos de vida atribulada  
A praticar asneira sobre asneira?!*

*Bem sei, irmãos, bem sei que em nossa idade  
O vinho é necessário, tem virtude...  
Mas com regra, em pequena quantidade :*

*Basta um copo às comidas, dá saúde...  
Porém o copo em que bebia o frade  
Comportava no bojo... meio almude...»*

Como tema *vinho*, a propósito, relato uma chalaça minha. «Como vale mais cair em graça, do que ser engraçado», fui frequentemente convidado do Abade para ser seu *attaché*. Pic-nics, passeatas, *Etc.* Acompanhei-o a Amarante à «Casa de Freitas», esplêndido palacete dum nosso conterrâneo Joaquim da Costa Leite em que era visita comum António Cândido. Ia àquela linda vila sermonar.

Na estação de caminho de ferro em que saímos estava um coche de patente categorizada. Um trintanário vestido com indumentária régia. Uma cartola, *alto lá com ela!*... Cavalos arraçados.

Servia-se nos seleccionados pratos das ementas da «Casa de Freitas» um vinho que bem se poderia classificar como o *falerno*, citado por Xenofonte ou Horácio.

Batalha Reis, mestre em assuntos vinícolas, há mais de sessenta anos, deixou escrito, «que das variadas castas de uvas das parreiras minhotas, se conseguia vinho inconfundível em cor, corpo, álcool e aroma».

Atrevo-me a acreditar que foi depois de ingerir este nectar amarantino de que deixou tão apropinquado conceito!

Por experiência, muito própria, gozei vinhos de nomeada: italianos — Chianti, Barbera e Toscano; espanhol — Rioja; francês — Sauterne. Também nas margens do Reno, um de renome, mas como o que me levou estas tretas, nenhum!

Ao recolhermos aos quartos, maliciosamente, ao despedir-me com as sabidas Boas Noites, apertando-lhe as mãos:

«Sr. Abade não é que eu, mesmo de véspera, já tenho sede do pingato a saborear amanhã...»

Poucos ouvi que tivessem tanto valor para brindes! Eram curtos, mas psicologicamente iam direito ao ponto vulnerável.

Num jantar em minha casa em que convivas, entre outros, Drs. Martins Lima e João Novais; o Poeta Arnaldo Brás; o Padre Augusto Cunha. (todos no Além), presidia ele e no fim pede que todos se levantem e proferiu a seguinte saudação:

«Senhores! Nesta animação que têm perdurado neste jantar os sons das nossas vozes têm sido correspondentes a este bem estar. Verifiquei um facto que nos passou despercebido, observo-o neste momento. Alguém da minha estima ausentou-se por minutos do nosso convívio. Foi chamada pelos gemidos de uma criança. Esse som só uma pessoa o ouviu: a Mãe. Seja, pois, o nosso brinde de honra à Mãe! Levantemos as taças!»

Essa criança era minha Filha, hoje já Avó!

Em memória do Abade António Pais vou publicar deliciosas crónicas suas que estão no olvido, com os seus vários títulos e datas.

Como o seu pseudónimo é *Arqueólogo*, de harmonia com o tempo em que as fez, conservo-lhe a ortografia rigorosa.

Desde já dou parabéns aos leitores.

Início, pois, na página imediata essas crónicas.



## «Barcelos há 50 anos (1)»

Conheci aqui em Barcelos, ha bons annos, e com estabelecimento de caza de pasto, no Campo da Feira, e na qual pendente d'uma saccada abafada por uma armação enorme em forma de crivo, estava uma taboleta com esta legenda — « Bons vinhos e suavissimos manjares » — um casal, que nem sempre deixava passar as quatro estações de cada anno, sem que houvesse por lá qualquer arranhadelita, de lingua, já se deixa vêr.

O homem, um santo homem, por sinal que era, foi o melhor cosinheiro, que temos tido em Barcelos, desde taes tempos, empregava-se tambem em louvações no serviço do fôro judicario, e, por fim, era guarda fiscal da antiga companhia dos tabacos, sabão e polvora. A companheira, d'um genio irascivel, mas bôa governante de sua caza, estava á testa do seu negocio e á bocca do fogão de tijolo e de madeira de pinho, aonde, a carvão, preparava os suavissimos manjares para os amantes da pinga, que, então, orçava por 15 reis cada meia.

Aos domingos a tia Anninhas espetava no topete o seu enorme pente de tartaruga, que, bem aproveitado, daria uma duzia de caixas para rapé, e que lhe levantava a sua mantilha de durandt mais de dous palmos acima da cabeça; e n'esta toilette ia á sua missa, não sem levar na algibeira meia duzia de bons dentes d'alho e mais aprestes com que se resiste á investida dos feitiços, em que era muito crendeira, e pouco dada a convivencia com pessoas, que tresandassem a feitiçarias.

D'este cazal assim bem dado e governado, restava apenas um cazal de filhos, sempre obedientes, mas a miude vergastados pela mãe, que não era nem para graças, nem tão pouco para meias medidas. Pão, pão; queijo, queijo; lá isso era. Deus a tenha em bom lugar.

---

(1) Há mais de meio século. Datada de Julho de 1894.

O rapaz, um excellente moço, uma alma bem formada, com um coração de ouro de lei, não tinha fucturo; attentos os mingados recursos de seus paes; a rapariga, bôa rapariga tambem, ia ajudando a mãe nos misteres da sua industria; já fazia meia, sempre muito suja, e apanhava coças de crear bicho.

Um bello dia o Padre Cleto de St.<sup>a</sup> Eugenia, que era capellão no côro do Senhor da Cruz, e das missas, aos domingos e dias santos, da fidalga de Marrancos, no Campo da Feira, em caza que é hoje do sr. Manuel Paes, gostando de jogar na loteria, comprava um bilhete da de Lisboa, e prometteu ao pae do rapaz, que, se o bilhete sahisse premiado, faria a este o patrimonio para se ordenar.

Não houve santo nem santa, que os pobres velhos deixassem d'empenhar, para que a batota da loteria lhes fosse favoravel. E foi com effeito. O velho padre pilhou bom prémio, e confirmou, de palavras, a sua promessa.

O rapaz passou logo da lição do Borges para a grammatica latina, fazendo, com muito aproveitamento, o seu estudo na lingua de Tito Livio, que lhe era ensinada pelo padre José Bernardo Coelho da Cunha, sabedor dos enredos da antiga lingua de Lacio.

Em breve trecho foi o rapaz para Braga estudar sciencias ecclesiasticas; e, desconhecendo as regras d'equitação, montado em um cavallo allugado pelo Vicente ferrador, esteve quasi morto na rua do Souto, por que o rossim tomou mêdo a umas engenhocas com que os sirgueiros costumavam, em plena rua, torcer os cõrdões, que empregavam, na sua industria. Mais uma vez a melhor protecção do anjo da guarda.

Com notavel e rapido aproveitamento concluiu o meu biographado os seus estudos, e, chegada a hora de reduzir a instrumento publico a promessa verbal do beneficiado pela loteria, a coisa esteve a dar em agua de batatas; mas, com o auxilio de Deus, chegou-se ao *ultimatum*, indo o excellente moço, que, pouco antes tinha assistido ao passamento do seu bom e honrado pae, receber á cidade de Lamego as sagradas ordens de subdiácono e presbytero — e isto nos ultimos annos do pontificado do sr. D. Pedro Paulo pelos mezes de maio ou de junho de 1854, ou seja ha quarenta annos.

Tinha entrado já o mez de setembro, e o novo levita ainda não tinha celebrado a sua primeira missa, por cauza da estreiteza da caza de sua habitação, onde queria offerecer um copo d'agua aos seus venerandos amigos padre Cleto, como bemfei-

tor e padre José Bernardo como seu mestre. O certo é, que, como a caza não tinha proporções para alargar, o modesto e estimavel sacerdote ficaria eternamente a assistir á missa sem nunca a celebrar, se amigos seus, nomeadamente Domingos dos Santos Ferreira, o não animassem a que fosse ao Bom Jesuz do Monte, aonde o acompanharia a Sociedade Philarmonica Recreativa Barcellense, sem encargos para elle, e ahi principiasse a exercer o seu sagrado ministerio.

Assim se determinou e se cumpriu.

Ao dár da meia noite de um sabbado do mez de setembro de 1854 — em caza do extincto Ferreira se reunia toda a philarmonica, que, em numero de 14 amadores, entre os quaes algo havia da elite da rapaziada barcellense, poz-se tudo em alegre marcha, a pé, indo a cavallo sómente o novo celebrante, em direcção a Braga, passando uma jornada em enthusiastico divertimento, e que a todos, como nos foi attestado, deixou indeleveis recordações. D'esse grupo de rapazes então cheios de vida e de dedicações existem hoje apenas — quatro velhos —; recebam o adjectivo como quizerem, mas a verdade é esta.

Falta-nos espaço para descrevermos festa tão alegre, tão viva, tão amiga e tão cheia de dedicações.

Voltou toda a troupe a esta villa na segunda-feira a seguir ao dia da missa nóva que terá sempre uma memoria grata, para os que, d'então, ainda vivem, e que se salientou pela sua originalidade.

O respeitavel sacerdote ainda hoje vive; e quando alguém passar por um ecclesiastico respeitavel pelas suas cãs, pela sua modestia verdadeiramente evangelica, pela sua illustração e pela sua bonhomia como bom amigo, bom filho e bom irmão, tenha-o sempre como digno da consideração e estima de todas as pessoas de bem, porque é esse o perfil desenhado toscamente n'esta chronica de — « Barcellos há meio seculo — ».

## «Barcelos há 50 anos (1)

### As Festas a S. João

Bons tempos aquelles em que nas festas a S. João Baptista não dominava sómente o gaudío dos arraiaes em folgança, mas que, simultâneamente, eram animadas pelo espirito religioso, que christianisou as antigas festas astrolaticas do paganismo, cortando desmandos, reprimindo vicios e inculcando a piedade christã como grande auxiliar da civilisação e da moral. Mas, deixemos isto e vamos ás nossas festas ao Santo Precursor, aqui em Barcellos, ha cincoenta annos.

As festas a S. João eram de iniciativa da meza administradora da confraria de S. João, erecta na Igreja da nossa Collegiada, e que nunca primou em administrações modélos, mas que então tinha mezarios, que, á sua custa, faceavam as despezas de tão imponente festividade.

Todos com muita vontade, com muito zelo, com muita dedicação, e alguns d'elles com muitos meios de fortuna. Estou a vêr como aquelles rapazes d'então, dos quaes só hoje existe um velho tão respeitavel como respeitado, trabalhavam aqui no Campo da Feira, principalmente no adorno do vetusto chafariz, com um afan, que hoje chega a fazer inveja!

Elle era João Bernardino Rodrigues Dourado, tio materno do maior amigo que eu tenho; elle era João Joaquim Pereira, secretario da administração d'este concelho e avô materno do actual, Secundino Pereira Esteves: elle era António Joaquim de Miranda Villas-boas, António de Souza Lima, João Baptista Pereira Rebello, António Joaquim Monteiro, de Barcellinhos, Manuel José Alves Redondo da Cruz, o unico vivo ainda, como reliquia veneranda d'aquelles tempos de tanto enthusiasmo e de

---

(1) Há mais de meio século. Datada de Julho de 1894.

tanta vida, que eram a alma d'aquellas festas como outras se não teem feito.

O arraial era no Campo da Feira, todo arruado com grandes ramos de carvalho e de amieiro, que vinham da deveza da quinta da Granja á margem do rio.

A illuminação era de laranja preparada por um tal Pederneira, um technico n'aquelle genero de trabalho, e repartida pelos ramos espalhados e plantados por toda a extensão do Campo da Feira desde o passeio das Obras até ao convento e Igreja das Freiras.

No centro levantava-se o velho chafariz, illuminado a luz viva da tigellinha com sêbo, vestido com festões de murta, flores... uma belleza!

A banda da muzica barcellense tocava no meio do arraial, sem palanque, por que então não se uzava, o hymno do Santo Precursor, peça obrigada em toda a noite, e que se confundia com as esturdias e canções do povo em que obrigada era só a cantiga ao S. João. Nem havia Mascottes, nem Barbeiros de Sevilha, nem Mercadantes, nem Africanas, nem nada theatral, o S. João, e só o S. João; o hymno da festa.

O fogo do ar soltava-se de junto do antigo muro, que circumdava os campos e cerca do hospital em frente á Igreja. O fogo preso de rodas e de macacos era muito, e muito variado. Queimava-se então fogo, que dava para trez ou quatro dos melhores arraiaes, que, n'estes ultimos annos, se tem feito aqui.

O fogo durava até ás 2 horas da manhã, e o arraial despojava-se quando tocava para a missa da Misericordia, ás 3 horas, enchendo-se a Igreja do hospital, aonde celebrada aquella missa, finda a qual cada um se recolhia as suas cazas.

Em o dia de S. João havia missa solemne com exposição do S.S. Sacramento na capella da confraria da Igreja da Collegiada, e acompanhada a orgão, pela capella do Alho e José do Amaral, um dos melhores organistas que se tem creado n'este paiz. Barcellos fez bem deixar estragar de todo os orgãos das suas Igrejas, depois que a morte gelou aquellas mãos; e só os deve reconstruir, quando aqui tenha fallecido a ultima pessoa que ouviu o José dos Terceiros tocar orgão.

Pelas 3 para as 4 horas da tarde havia sermão na Collegiada, findo o qual, sahia a procissão assim disposta.

Um grupo de rapazio saltando e berrando — «ó pãe velho! ó manta da burra!» — desafiava os paes das gigantas, dous garotos muito travessos com enormes caraças, tocando em



conchas, um d'elles vestido de velha, correndo atraz dos rapazes, que os desafiavam, iam abrindo caminho e provocavam gargalhadas pelas alas de povo, que esperava a procissão. Logo atraz as celebres gigantas, dançando ao toque de tambores e de zabumbas; depois, o carro das hervas adornado com primor a murta e cravos. Seguia-se o baile das ovelhas, typos vestidos de pastores da serra, com enorme manada de ovelhas e anhos, com chifres e borrachas ao tiracollo; apoz este, o baile dos prêtos, exhibição que foi importada para Barcellos por um sujeito, que morreu com o nome de Chicherichi, nem outro nome lhe conhecemos, e veio-lhe elle de uma canção do tal baile dos prêtos:

«Chichi cherichi  
«Chichi chériché  
«Minina bonita  
«Pr'a prêto não é!»

Apoz este, o baile dos pastores com outro carro como o das hervas levando dentro um menino, representando S. João, com um cordeirinho preso por uma fita de lã vermelha. Atraz d'este, o baile do penedo, ensaiado tambem pelo Chicherichi. Ahi estão ainda vivos dous amadores d'este baile desde a sua primitiva — João Bernardo do Amaral — o magico, com o seu: «grú grú, bicos de Perú, — e Bento do Amaral — um dos mouros, que era portador da — arrudia! Depois, o baile do Rei David: e seguia-se o cortejo religioso, aberto pela confraria de S. João em que vinham incorporadas todas as confrarias da villa, entre as quaes vinha, em andor processional, a Veneranda Imagem de S. João Baptista com um pé de milho mas já espigado, que nunca faltava; atraz era conduzido o S.S. Sacramento debaixo do pallio fechando o prestito a banda de muzica barcellense. As ruas e largos por onde passava a procissão estavam engalanadas com bandeiras e colgaduras de damasco.

Recolhida a procissão, espalhavam-se então os bailes pelas ruas da villa, e, uns apoz outros, iam pelas portas dos mezaros de S. João, e de outras familias mais gradas fazerem as suas danças, e mostrarem as suas exhibições, que, não raro, começavam já em antes de se irem incorporar na procissão, durante a qual apenas cantava o dos pastores e tocava o do rei David. Dous dias de festa cheia para o profano e para o sagrado; e só assim se podem conceber as festas do christianismo: do contrario é ir para traz».

## FIGURAS, TIPOS E COISAS

Tivemos em Barcelos um farmacêutico, que não queria que suas filhas aprendessem a ler. Isto impressionou muito a minha mocidade. Eu sem Pai e sem meios para estudar e o varão com recursos sem as mandar instruir! Pois mais tarde, « não há nada como tempo », é que pude alcançar o objectivo. Para que elas não escrevessem cartas como esta:

« Ana, meu curação. Cá arrecevi a tua carta e nella bi o que me mandavas dezer a respeito do que nós onte falêmos. Ana saves que te amo até á morte e inté ó despois de morrer, inda devaixo da terra. Num me desimpares, pois sou este teu amore, 2.º cavo de infantaria, 2.º bat. e prumeira companhia. Adeus e Adeus! »

\*

Em Alvelos houve um teatro-barracão, de amadores. Quando começou certo espectáculo uma rapariga, ao lóbrigar um personagem, que embora caracterizado, identificou logo, não se conteve: — « Olha o José do Eido ».

E o sujeito, virado para o homem do pano de boca:

— « Desça esse estrugido que eu cá não represento mais, já que me « arreconhecera ».

\*

Em Esposende havia tipos com chamadouros esquisitos, como em todas as terras os há.

Em 1894 morreu um chamado Pisco. Pois querem saber como correu o serviço?

Coincidência. O que se chamava Melro é que se encarregou de chamar os padres para o enterro. Mas como não lhe era possível, por seu turno encarregou o Cuco de dizer ao Pardejo que fosse dar parte aos padres Mocho e Chasco: sim, para assistirem ao enterro do Pisco . . .

De maneira que o Melro encarregou o Cuco de dizer ao Pardejo para chamar o Mocho e o Chasco para o enterro do Pisco.

Curioso!

## Da peça «Barcelos por dentro»

### MAIS UNS BOCADOS QUE DERAM TOADA

○ Eirogo, assim conhecido cá na terra, há muitos anos, tinha uma feição popular, muito simpática.

A sua *arquitectura* física era um tanto escavada. Suplantava, em corpulência, a mediania dos mortais. A tez lembrava a tonalidade das sêneas bem tostadas que, a pataco, saíam das fornalhas da Padaria Baptista. Fabricavam-se às Quartas-Feiras. Como eram saborosas! Mas também, então, outro pão se distinguia e era conhecido com a designação de *Pão de Praça*. Ignoro porquê. Maneirinho, dum todo de atraente gulo-seima, confeccionado com farinhas adquadas ao seu tipo. Também tinha dias destinados à venda e também o seu custo era *pataqueiro*...

Um dia o Eirogo emigrou sem vintém e regressou pobre e honrado.

Curioso! Gravou, como se fosse um disco, o sotaque fortemente acentuado dum sertanejo do Ceará. Mas não era somente o timbre sonante musical da voz. Também as expressões correntias da linguagem!

Após o seu regresso e no antigo quartel dos Bombeiros Voluntários, instalado na casa hoje da Padaria João Luís, perante um grupo, lamentava-se de um padecimento que o afligia:

«Tenho uma coceira desgraçada qui mi traz esbôdegado».

E com um tanto de pudôr indicou *corogràficamente* a zona afectada, produzindo risos...

Um dia «gozei como um preto» com a sua presença em S. Paulo. E, num repente, disse-lhe que íamos tomar cerveja para matar saudades e matar também a sede.

Só quem um dia esteve, e por muito tempo, ausente da terra de origem, é que compreende o que representa um encontro desta natureza.

Qualquer nada, às vezes, fere a nossa sensibilidade. Recordo-me que tendo tomado café, em cidade bem afastada, do litoral, na mesa de serviço, deparou-se-me uma cinta, supponho, de jornal. Não se via nome a quem destinada. Sòmente no carimbo dó correio — BARCELOS!

Baldosamente procurei indagar quem seria o barcelense!

Continuando. Falou-se de tudo que nos encantava, em recordações.

E já quase nas despedidas contou-me dum precalço que sofreu. Estava esperando um bonde e vê a poucos passos uma pessoa que assim me descreveu:

«Baixinho, miudo de corpo, a sorrir, moreno, sem basófia, uns óculos de ouro com armação fininha», etc.

Não esteve com mais aquelas, dá-lhe um abraço, *patriòticamente forte*, mercê dos seus braços tentaculosos. Mas o que o esperava, para desilusão? O homenageado:

«Ó seu cabra, não seja besta. Seu sem vêrgonha» . . .

«Supuz (ó meu Deus!) que era, em carne e osso, o Sr. Nunes Pireira, professor di mininos».

Portanto . . . foi simbolizado na peça «Barcelos por dentro».

Dois personagens: Engraxate e *Brasileiro*; com o todo de quem chega depois de ausente. As perguntas eram umas aca-valadas nas outras e o Engraxate que «não era burro nem nada» ia desenrolando a fita informativa. Por exemplo:

«Freguês, sabe que uma rua de Barcelos tem sido crismada uma porrada de vezes. Primeiro, dos Judeus; depois, dos Lan-terros; a seguir das Flores e, por fim, Infante D. Henrique! Não me admira visto que tantos tipos mudam de um dia para outro de labita . . .

## Brasileiro

(De repente) « Ó moleque você mi achincalhou um calo. Ui! »

## Engraxate

« Desculpe-me, Freguês, mas eu julguei que o magoei no joanete e não no calo ».

## Brasileiro

« Seu analfabeto. É calo; é calo, pois não tenho joanete ».

Para terminar a cena. O pano do cenário mostrava a Calçada, tendo ao fundo evidenciado o templo do Senhor da Cruz. O Brasileiro fica silencioso em atitude de observação e com o dedo fura-bolas aponta a igreja e indaga do Engraxate:

« Qui casa ridonda é aquela » ?

Engraxate — (Rindo maliciosamente):

« É a igreja do Senhor da Cruz ».

Brasileiro — (Benzendo-se):

« Como Barcelos está dimôdado! »

## Engraxate

« Não admira que o Freguês ache Barcelos muito *dimôdado* por ver acolá (apontando) o templo do Senhor da Cruz... Quando o Freguês foi para o Brasil ainda se andava de carro puchado a burros. Agora está tudo acelerado.

Chegou o primeiro automóvel ao Norte, a Barcelos, para os Srs. Fiusas!

Enquanto estive no Brasil... isto já há uns séculos... atrás... edificou-se a linda igreja de que se admira»...

Paz à alma do humilde e bom Eirogo!





## «Barcellos há 50 annos» (1)

Agora, que faz um calor tropical, e capaz de derreter uma creatura, ainda que seja tão magra como eu, e ainda mesmo que esteja nos casos de se lhe comer a carne na quaresma sem ser preciso tomar a bulla, por se confundir com uma *noroega* das que o Oliveira vende a trez vintens o meio kilo, querem vocês uma chronica para a «Lágrima» e que seja a continuação das de — «Barcellos há 50 annos»!! Vá lá; mas é realmente uma sensaboria; porque, n'este momento, com o calor, eu já nem me lembro bem, do que fiz hontem, quanto mais do que aqui se passou, há cincoenta annos!

Mas creiam que, não é porque então fizesse aqui menos calor do que agora. No mez de julho, quando a Gertrudes dos Terceiros saltava para cima do telhado a tocar no sinito pequeno, ás cinco horas da tarde, para a novena da Senhora do Carmo, ninguem parava com calor, e eu, rapaz dos meus oito annos, aproveitando a hora de descanso da minha familia, vinha traquinar, descalço, para o quintal e nem ao menos podia supportar os pés no chão, tão intenso era o calor, que lhe dava a temperatura alta d'uma fornalha em braza.

E que sol aquelle, que era tão quente, tão vivo, mas tão vivificante que não queimava, como agora queima, as folhas das videiras, nem rojava, como agora, os cachos das uvas borraçaes, que parecem mesmo aquellas maçãs assadas no forno, que, de mistura com outras tantas já pôdres, o João Antonio vendia, a pataco a malga, aos typographos do «Ecco de Barcellos»!

(1) Há mais de meio século. Datada de Agosto de 1894.

Que bons tempos aquelles, e que tristeza se não vae apode-  
rando de nós na epocha que passa?!

Mas, leve o diabo paixões; e já que fallei na festa de N. Senhora do Carmo nos Terceiros, dir-vos-hei de como ella era, ha cincoenta annos.

A festa é feita em satisfação de dous legados. Uma senhora da antiga casa da Ordem, na Fonte de Baixo, deixou uma tal ou qual quantia á Ordem Terceira com o onus da novena a N. Senhora do Carmo, e, no seu dia, uma festa solemne de meio dia, havendo, de vespera, o toque de uma caixa, um zabumba e um pifano e fogueira á noite, em frente do templo. No dia da exposição do S.S. Sacramento, missa solemne e sermão. Uma outra senhora deixou nova quantia, para que a caixa, o zabumba e o pifano tocassem todo o dia, e a exposição do SS. Sacramento se prolongasse tambem por todo o dia da festa, e assim ficou a solemnidade sendo de manhã e de tarde.

O legado era cumprido á risca; o tambor, o zabumba e o pifano, que era tocado por um homem aí dos lados de S. Bento da Varzea, nos meus tempos de rapaz, foram substituidos por uma banda de muzica, ha pouco mais de trinta annos.

Eu dava o cavaquinho por ir ás novenas da Senhora do Carmo, que eram feitas pela capella do João da Silva Cardoso acompanhada a orgão tocado pelo eminente organista José do Amaral; estou a ouvir o meu velho amigo Domingos Caravana a cantar, com voz de tiple, a antiphona «sub tuum praesidium confugimus», e que fazia um «duo» com o baixo, cantado pelo padre Bento, na parte — «sed á periculis in necessitatibus»—. E sabia eu lá, n'aquelle tempo, o que aquillo queria dizer?! O que eu gostava, era de ouvir as excellentes vozes do meu amigo Domingos Caravana, o unico vivo ainda d'aquella capella, e a do padre Bento, que morreu, haverá vinte annos? Haverá! Os meus amigos João Joaquim Fernandes, da rua Direita, e José Mattos, do botequim da mesma rua, é que podem satisfazer á interrogação, apesar d'este ultimo ser muito novo ainda; mas, é cá por coizas... elle bem sabe por quê.

E a fogueira á noite com o «zê preira» e o pifano a guinchar e a saltar, em volta da barrica cheia de lenha de pódas, tocando as ultimas peças ao pé do brazeiro enorme, que esfogueava as caritas do rapazio em cardumes, batendo no rescaldo, traquinando e rindo em gargalhadas garotas, que só me era dado ouvir de longe, engalhado nos ferros da sacada!!

A festa era muito concorrida por gente de todas as classes, que, como agora, não tinha vergonha de ir ás Igrejas.

As senhoras trajavam mantilhas em forma de arco em derredor da cabeça, e que lhes abaulavam a fronte, de modo que, algumas havia a quem, a mantilha lhes sumia o rosto, á laia dos santos de nicho; e, ao sahirem de casa, sahia mantilha... mantilha e o rosto d'aí a uma hora. Quem estivesse no côro, parecia que, na Igreja, se desdobrava um tapete negro e movente; e quem fosse á capella môr, via um grupo de rostos agradáveis, porque a mantilha tinha esse encanto, encobria sardas, olheiras e costuras, e não lhe custava nada fazer de uma cara detestavel um rosto sympathico; talqualmente os habitos das freiras; lá dentro, uma belleza, cá fóra, um horror!

E aquillo não fazia nada ao cazo; namorava-se como agora, com a differença de que havia mais recato, e mais vergonha. Bons tempos».

## FIGURAS, TIPOS E COISAS

Quando fugazmente fui industrial de «apagada e vil tristeza», resolvi escrever a um colega e fiz-lhe uma proposta, eu mandar-lhe meias e ele uma fazenda.

Procurei fazer espírito na proposta entre *facto* e *fato*. Ora eis como esse culto e inteligente industrial me atendeu:

«Haja saúde de *facto*. O *facto* da sua carta recorda o *facto* de sua pessoa, que muito prezo e a combinação em que sobre o *fato* e as meias acordamos, de *facto*. Pode ter como *facto* que o *fato* serve bem de *facto*. Sendo um *facto* que ambos ficamos bem servidos de meias e de *fato*. Também é *facto* que achei graça além do proveito ao resultado que resultou do... *facto*».

\*

O Trinta Reis foi de nomeada na popularidade. Era importador de pescada de Vigo quando ela custava 60 Reis o arrâtel.

Partidário acérrimo da banda dos Bombeiros Voluntários, de que era Director João Valongo.

Tinha umas horas como que certas para esperar o peixe e era ouvi-lo assobiar. Tinha um ouvido privilegiado. Sem exagero, era capaz de assobiar um trecho completo de uma partitura da «Aida».

Estava sempre pronto para brincadeiras.

Ja numa dessas tardes a passar em frente à Praça D. Pedro V um fulano conhecido como integérrimo mentiroso e o Trinta Reis diz-lhe, que invente uma e o tipo, apressado: «deixe-me, não é maré de brincadeiras; vou a toda a pressa chamar o Sr. Lamela, pois o Sr. Benevides, de S. Martinho de Vila Frescaíinha, foi atacado do *mal ruin*».

O Trinta tendo em muita consideração o Sr. Benevides, um seu bom freguês, corre a saber do seu estado e depara-se-lhe «são como um pero» a passear na sua Quinta.



## Festas das Cruzes de velhos tempos

○ *Silvinha* do «Janeiro», como afeiçoadamente é bem conhecido em Barcelos, deu-me uma fotocópia do extinto semanário «O Sorvete» em que Sebastião Sanhudo caricaturou *Figuras, Tipos e Coisas* que predominaram na organização das Festas das Cruzes, há perto de 70 anos.

Não sei como o *Silvinha* pode manter o fogo sagrado do seu *hairrismo*, cercado do arame farpado... das desilusões!

Ora a fotocópia em causa estava como eu, fisicamente, sem aquela vitalidade... moça.

Foi um modesto rapaz, o nosso conterrâneo Jorge Corrêa, que se tem revelado com excelentes qualidades de Artista (auto-didata) quem fez ressurgir essas imagens habilitando-as às vigorosas reproduções que compõem esta evocativa prosa. Surge-me com a técnica de um miniaturista!

À vista, em primeira instância, o Cónego Aguiar.

Magreza de asceta. A cabeça mirrada, seca como uva passa.

Morava num prédio demolido que estava localizado precisamente onde se vê o ângulo nascente-sul do edifício da Câmara Municipal.

No primeiro andar, uma sacada de ferro batido, bastante trabalhada e que a Governante, caprichosa, ornamentava com vasos floridos. No mês de S. João dava preferência aos cravos vermelhos que alguém diz... serem retintamente portugueses...

Algumas vezes vi o Cónego, pois morava nas limitofidades do local, apanhar algumas barrigadas de sol nas manhãs frientas, em passos acelerados.

Parece-me que se pitadeava e com um daqueles lenços vermelhaços de Alcobaça, raça extinta, chegava-o ao nariz



aquilino, para abafar o ruído dos espirros e de molde a receber nele a *matéria expulsa*, saturada de rapé...

A Governante a horas estabelecidas, ao findar do coro, ia com um taboleiro do chá, talvez com aquela tão simpática louça de Viana, à igreja Matriz; as torradas com manteiga eram de pão não *civilizado*, como actualmente, mas ainda *selvagem*, contendo as vitaminas todas.

Sebastião Sanhudo se utilizou o seu lápis para o distinguir nas Festas, sem dúvida que se deve ao facto de ser figura de escol.

\*



A. R. Cardoso Pinto. Não era daqui. Para Barcelos veio e aclimatou-se logo ao meio. Tinha o prazer das ceias, e interesse por polémicas, então acesas nas letras.

Por muito tempo foi escrivão ajudante do 4.º Ofício — Andrade.

Era fisicamente de estrutura *eucaliptal*. Os bigodes já *candidatos* a descer... nas dimensões na moda, visto que em breve tempo imperava a do tipo *kaiser*, de extremos arrebitados ó *p'ra* riba...

Cervantes Saavedra não se esqueceu de frisar «que a posteridade precisaria de os conhecer».

Foi redactor do semanário «A Gazeta do Povo» em que houve jornalismo aceso, sobretudo numa campanha anti-clerical. Hoje coisa antiquada... Percebi, como tipógrafo dessa gazeta, que Cardoso Pinto era tardio em encher os *linguados* e ao escrever cantava as palavras, os períodos, talvez para estar certo que soariam musicalmente bem.

Como atrás disse, durante a sua actividade na vida social da nossa terra havia tormentas nas letras. Andavam esquentados os polemistas. Camilo, creio que com a questão da «*Sebenta*»; Sena Freitas, com a «*Autópsia à Velhice do P.º Eterno*»; Junqueiro, a contas com um jornalista de pulso, seu antagonista, que o atacava no diário «A Província».

O que agora se verifica com os jogos desportivos, formando grupos de apaixonados, assemelhantemente sucedia com os que, com elevado interesse, seguiam essas discussões! Lembra-me perfeitamente de irem à noite, no inverno, certos individuos à Estação esperar os jornais, não tendo paciência de os aguardar à chegada ao centro, dos revendedores...

Possuía paixão pela Arte de Talma e foi ensaiador do grupo do «Teatro do Gynasio», que funcionou onde hoje está a «Assembleia Barcelense». Como amador colhi dele lições proveitosas. Vou contar o que ouvi num almoço em Casa do Dr. Gaspar Baltar, no Porto, em que era, como eu, participante o camonionista Prof. José Maria Rodrigues (isto a propósito da tal excitação nas letras). Tinha este uma polémica acesa com Camilo, sim, atrás referida. Notavam, porém, os observadores como o Homem de Seide, a poucas horas de saírem a público os escritos do Prof. José Júlio, estava habilitado de pronto a ripostar.

Numa altura Camilo ridiculariza-o por este escrever um período sem gramática, tratando-se de quem tinha foros de ser vernáculo!

Eis a decifração do enigma: Contou nesse almoço o Ilustre Prof. que tinha feito a devida correcção e esta emendada saíu. Portanto, correcta a público...

É que o tipógrafo ia mostrar as provas em primeiro lugar a Camilo e depois ao Autor...

\*

Comendador Lago Forte. Morava numa casa ao lado do templo do Senhor da Cruz. Tipo elegante. Não aguardava por actos adequados para envergar sobrecasaca. Usava chapéu de seda, que nós, os rapazes designávamos por litro. Abusava muito desse traje!

Era de corpanzil quase que do tipo de soldado de artilharia de montanha.

Caminhava em ritmo equilibrado, para não movimentar demasiado as abas fartas da sobrecasaca.

Creio que nas horas vagas, excedentes, botava verbo nas gazetas... Tinha espírito pilheriante.

Contaram-me que recebendo importante visita com cerimonial próprio para a sua alta patente, se rodeou do que a etiqueta determina.

E na altura devida, é-lhe servido um Porto de honra.

Foi ele, o dono da Casa, que cerimoniosamente se levantou para, com critério escolher na garrafeira o de alto apreço.

No cálice destinado à visita e no seu, com meticuloso cuidado, a fim de que o depósito da velhice não prejudicasse o pa-



ladar e a limpidez dourada do produto, oriundo das escalavradas encostas durienses, lançou o vinho.

Um charuto baiano queimava e saboreava, lançando intermitentes golfadas de fumo, e sibariticamente, ia bebendo, aos goles, o conteúdo do néctar contido no seu cálice.

E, bom cavaqueador, entretinha a visita. Mas depois de ter gasto o seu *latim* chamando a atenção dessa personagem quanto à qualidade extra do vinho, notou, pesaroso, que ela não tinha tocado no cálice, o que lhe fez espécie! Porém, num abrir e fechar de olhos, a personagem «que não era de meias medidas», duma assentada engole todo o vinho!

Esteve para tirar a sobrecasaca e ficar em mangas de camisa. Conteve-se. Não o fez...

Mas, em voz alta, chama pela distinta Esposa:

«Clemência! Clemência! Um copo de água, e grande, a este Cavalheiro, que tem sede!»

\*



Dei um varejo aos meus camaradas de Barcelos, idosos, a ver se algum me notificava quem era o varão que esta zincogravura mostra: uma espécie de «ninguém», de Almeida Garrett... Tenho reminiscência do seu tipo corpulento e ar de sisudez, tenho-a no caco, sim o cérebro que fixa as imagens...

Um zelador? Creio que sim. Porém como não é identificado, seja um soldado... desconhecido!

Seria o terror dos rapazes desnudos da época que ao lobrigarem-no fugiam em natação para a margem oposta do rio Cávado, com troixa à cabeça?

Pelo seu tipo seria hoje de têmpera adequada a desempenhar a função de guarda-redes? Ou um árbitro desempoeirado nos jogos actuais?



Este que agora vedes foi Advogado de Provisão e morava, melhor, tinha o escritório numa casa de dois andares, que existiu precisamente no local em que vemos o monumento a D. António Barroso.

Nem mais nem menos que o distinguido cidadão David de Barros Botelho.

Que bela e típica cabeça! Pensemos que o lápis do caricaturista é sempre pronto a «carregar nos calos» do exaquo; conteve-se e deixou-lhe íntegra, respeitosa, a sua máscara!

Imaginemos que ressuscitasse e o víssemos, assim de chofre, integrar-se numa reunião magna, da actual sociedade; para um fim cívico!

Foi várias vezes Presidente da Câmara, Provedor da Santa Casa e mais lugares em que havia uma missão elevada, como nas Festas das Cruzes!

Nada pude apurar quanto a saber se a sua mocidade timbrou em tertúlias boémicas.

Dos Filhos, três, o Adelino, o Gonçalo e Pedro, esses sim; mas todos com feitios diferentes.

Foram de nomeada as ceias pela qualidade e quantidade dos participantes, em casa do Adelino David, à Rua dos Ferreiros.

Contou-me o escritor Antero de Figueiredo, sempre nas suas obras muito dado a minúcias no descritivo, que nunca se esqueceu de assistir a uma em que viu no centro da mesa um cântaro de vinho!

O Adelino, na convivência comum era mediano, um tanto vulgar, na conversa mas com uma *quenturazinha*... *transfigurava-se* e os ditos, espontâneos, registaram-se e fixaram-se com aprazimento.

O Pedro, que transitou pela antiga repartição de Fazenda, em Esposende, não pronunciava os r r e numa peça em que representou eis como ele se ouvia:

«Um Bódegia quando encontega estas maquedavilhas, côm-pagas a todo o pêgueço, pois sabe apequeciá-las.

(Um Borgia quando encontra estas maravilhas, compra-as a todo o preço, pois sabe apreciá-las).



Também havia cá uma honrada Família que muito bem conheci, a dos Tecelões, feirante, com carripa em que a Esposa do Chefe não pronunciava os r r e o Poeta Joaquim Malheiro ouviu um dia :

« Ó Zé, são horas. Deita os *alleios* aos *bullos* ».

E Malheiro empregou, a rir, uma palavra em que os ll eram substituídos e não a vejo nos dicionários e não se emprega nas palavras cruzadas...

\*

Atenção! Os dois « varões assinalados » com fardas faustosas, que vêem a olho nu, eram da fauna musical de antanho.

A constante preocupação estética constituía em as fardas se assemelharem, o mais exactamente possível, às do exército; mas ao requinte de atingir o grau do *grande uniforme*; o que foi contrariado por um decreto.

E... um pouco de abuso... *estilístico*... Cheiravam a *bric-à-brac*, a *mayonese* ou *pêlé-mêle*... Fardas *pirotécnicas*, *arraialescas*; de cores *super-rubro*, *tontas de pinturesco*, de *garridice*!...

Peço desculpa ao leitor desta *salsada*...



Termino esta como que evocação dos velhos Festeiros das Cruzes, meio informativa e meio recreativa, focando a egrégia e invulgar personalidade do eminente político e grande barcelense Faria Rego.

Morreu em 1880. Vi o seu enterro e tão concorrido de homenageadores que eu, varado, tendo uns sete anos, ingenuamente, disse a minha Mãe: « Não sabia que o Mundo *tinha tanta gente!* » Vivía eu numa casa em frente à do grande Morto.

Faria Rego foi um mártir da pura Liberdade; não da « de funil ».

Adverso a D. Miguel, mas « dando o corpo ao manifesto » em muitas vicissitudes.

Um seu inimigo figadal em ideias, de nome João Fangueiro, pela violência, acirrando apaniguados exaltados, salta as cavaleiras de Faria Rego, passeia-o irrisoriamente pelas ruas até ao Benfeito junto à casa do Capitão-Mor João Matos, no meio de chufas, e (cruel esta palavra!) DESMONTA e um da mísera canalha, que há nestes fenómenos políticos, trocista, por várias vezes, em voz de comando, enfrentando-o:

«Vira à direita! Vira à esquerda», como se fosse um galucho.

Faria Rego segue em holocausto aos seus puros princípios, a sua trajectória. Vai parar a uma prisão em Valença donde foge mercê de chave falsa, que um amigo lhe forneceu.

Emigra para a Inglaterra.

Surge na Ilha Terceira onde se junta aos revolucionários; ilha que mais tarde representou no Parlamento.

Em Barcelos evidencia a sua categoria mental, moral e activa, como Presidente da Câmara. Deve-se a ele o povoamento dos nossos montes, de pinheiros bravos, a maior riqueza actual de que lança mão a nossa tão precária lavoura, distribuindo por escrito, com instruções, à larga, o penisco.

Deixa, entre outras progressivas obras, a Praça D. Pedro V, para o tempo acometimento de valor.

Um dia eu, com modestas palavras, a acompanhar a publicação de um seu retrato, escrevi: « não há herói sem feitos, como não há honrado sem factos », isto adequado a tão exemplar cidadão!

Havia no seu tempo, e também do belo estofa de Faria Rego, um notável jornalista, Cunha Osório, seu temível adversário político. Mas alguém perguntou-lhe o motivo por que nunca o molestava na honestidade e Osório, pronto: « Discordo dele como político; como carácter, respeito-o ».

Devo terminar, em sua homenagem, com três versos, da autoria de António Malheiro, adequados:

« Tão puros cidadãos, modelos de nobreza,  
Com a virtude sã que n'este fulgurava,  
Fica de os produzir cansada a natureza ».



## FIGURAS, TIPOS E COISAS

Veio a Barcelos em 1894 o primeiro fonógrafo e exibido por A. Ledesma que era culto. Escreveu na « Lágrima » e também exerceu o professorado. Impressionei-lhe dois cilindros, que eram de cera. Um imitando o popular Padre Pequeno de Rates.

Na Póvoa, muito frequentado pelo clero minhoto, a coisa deu brado. A melopeia era mais ou menos assim, ali em Manhente, em sermão do Encontro :

« Parece que a tarde de hoje chora, ao passo que vós conservais os olhos enxutos, ó desgraçados filhos da Eva », etc.

Contava o José Carvalho, então 2.º comandante dos Bombeiros, que num ano, o púlpito foi improvisado numa baça e esta até certa altura com areia. Porém uns súcios tiraram da base a rolha do buraco que tinha, e, dali a nada, o orador estava afundado e jurou perante um soveiro que estava ao lado do pseudo púlpito nunca mais ali prègar. E afirmava o José Carvalho que foi preciso deitar o soveiro abaixo para aceitar outro sermão. Isto em Manhente...

Era corrente que o D. Américo, Cardeal, tão injustamente guerrado, inclusivé nuns certos alexandrinos de Guilherme Braga, o chamou à sua presença por ele até por um carro de mato fazer sermões, ao que o pobre de Cristo, humildemente Lhe disse : « Se vossa Eminência os ouvisse, nem um carro de mato dava ! »

\*

João da Marôta foi individuo assaz conhecido, há mais de meio século, em Barcelos e bastante apreciado pelos seus ditos chocarreiros.

Portanto tudo condicionado ao seu sobrenome, bastando masculinizá-lo...

Dirigindo-se ele em 1898 a esta, então vila, depara-se-lhe no caminho um risonho grupo de camponesas, e, zás, logo pio :

« Ó que belas *franguinhas*. É destas que o meu médico me tem receitado... »

Uma velha, talvez mãe, que as aeompanhava, com gargalhada estridula :

« Olhe, Sr., as *franguinhas* não lhas posso dispensar; os ovos... sim ».

## A Fotografia

### «INERTE E INEXPRESSIVA?»

... **T**RADUZO, um tanto livremente, o que escreveu C. Barberan sobre Fotografia e Fotógrafos para justificar, quanto possível para mim, se é «Arte inexpressiva e inerte», como li...

«Há uma espécie de indiferença perante a Fotografia, quando, aliás, ela se nos apresenta unvida dos mais altos valores artísticos.

Se, na actualidade, tivermos de buscar as inquietudes e os problemas que afectam os países, temos que recorrer a ela.

A visão das paisagens, dos costumes, gira em nossos dias à volta, melhor, à desorbitação realista e, assim, penetra no fundo do espírito dos lugares e das gentes.

Parece um paradoxo pensar que, nascendo para ser escrava do real, os seus verdadeiros intérpretes pouca importância ligam rigorosamente a tal requisito.

O meio mecânico é enobrecido pela sensibilidade do Artista, que procura mostrar-nos o que tem relevo, espírito e beleza.

Dá conta, como acontece com a aplicação das cores, da gradação de gamas nos volumes e qualidades entre o branco e o negro, com crepúsculos luminosos que, devidamente aproveitados, evidenciam Arte idêntica à de um bom quadro!

É tudo um encadeamento de luz ao serviço da beleza, como qualquer outro».

\*

Isto é o conceituoso pensar de quem sabe, condenando o erro de tão injustamente se considerar a Fotografia «Arte inerte e inexpressiva».

O Padre Agostinho de Montefeltro, no seu lindo sermão *A Espiritualidade da Alma*, disse que «se fosse só a verdade, o Fotógrafo seria o rei dos Artistas». Mas ele não lhe negou as boas qualidades; as supremas. Sabemos que há Arte precária. . .

Ramalho frisou «que tudo neste Mundo é produto da Arte, aquilo que não é produto da Natureza».

Donatelo insculpiu um Crucificado com demasiada observação do corpo humano. Um Génio, seu contemporâneo, obtemperou-lhe: «Fizeste

um Homem, mas não um Deus!»

Que lhe faltava?

Muitos confundem, baralham o natural com o artístico.

Com a minha memória dos 85, julgo ter fixado o que nas suas memórias deixou relatado o grande Coquelín. Era protagonista em certa peça e o papel cominava-o a simular o sono em final de acto. Sucedeu, porém, que tinha passado uma noite de pura boémia e... dormiu de verdade. Pois um crítico comentou que ele «não tinha dormido naturalmente. . .»



ARTE FOTOGRÁFICA

Mantegaza, num dos seus livros, contou, mais ou menos, que certa dama ao apreciar um ramo de flores naturais se expressou assim: «Que lindas! Parecem artificiais!»

\*

O Fotógrafo tem de possuir alguns conhecimentos de química, de física, de desenho; hábitos de sociedade; certa cultura



literária e... de se subordinar à psicologia. Muitas responsabilidades a suportar. Por exemplo: na composição de um grupo. Há-de simultâneamente atender à luz e ao fundo. E surge aquilo que poderei chamar uma *tragédia*... A posição ou atitude das mãos! Disse-me em certo momento o Mestre João Augusto Ribeiro: «Verifique que toda a Mulher bonita, em regra tem lindas as mãos».

E o retoque? Da Alemanha, e para «A Ilustração Moderna», a propósito de modestas apreciações dum certamen de Arte Fotográfica, comentei, entre outros pormenores, este: que a maioria dos que manuseiam o lápis sobre o negativo, no retoque, o fazem de tal jeito, tão atrabiliariamente, que a personagem em causa, possuidora de ângulos faciais dilatados, nos surge por fim bochechuda, tal e qual como sucede nos bonecos infantis, de borracha, em que, por compressão se lhe introduziu ar... Temos a impressão de que o camarada reclama nos lábios um autêntico trombone de varas!

Todas as operações, de acordo com a óptica e a devida distância do modelo; a natureza do material a impressionar; a revelação; a cópia; a superfície do papel; a entonação; o corte! Tudo isto tem de ser coordenado.

Um só destes requisitos não observado, estraga o todo.

Tem o Fotógrafo de marcar nitidamente aquilo que vinque a personalidade. Exemplos: o sorriso mordaz de Junqueiro, que apreciei de perto; o da bondade de João de Deus; a sisudez de Teófilo Braga; o ar de *sonhador antigo* de Arriaga; o grave de Herculano; o irónico de Eça...

Tem de convergir, portanto, muita atenção sobre o rosto. É de Goethe esta observação: «Quando pensamos coisas elevadas, a nossa fisionomia espiritualiza-se». Mas o povo usa uma expressão semelhante: «Ao rosto acode o bem e o mal».

Poucos se lembrarão da celeuma que, em velhos tempos, levantou o retrato de Antero, feito por Columbano. Mas na tormenta alguém deitou água na fervura. Foi Silva Pinto: «Columbano pintou-o de dentro para fora e de fora para dentro».

Para amenizar estas modestas considerações e para reforço da minha pretensão, apresento parte de um artigo inserto, há pouco, na *Revu de Paris*, que a amabilidade do actual Reitor do Liceu de Braga, Dr. Francisco de Andrade, a quem tão nitidamente interessa tudo que se relaciona com o espírito fez chegar ao meu poder. Intitula-se *Un siècle de vision*. Eis o que nele se lê: «Para Baudelaire, o único merecimento da Foto-

grafia residia no facto de conservar as coisas preciosas cuja forma vai desaparecer. Recusava-lhe, porém, o poder de evadir os domínios do impalpável e da imaginação.

É de lastimar a incompreensão de que o genial crítico deu provas, perante a nascente Arte da Fotografia. Precisamente, no entanto, que a sua opinião era partilhada pela maior parte dos Artistas do seu tempo. Não vemos nós, em 1862, o nome de Ingres subscrevendo uma petição de pintores a protestar contra qualquer assimilação da Fotografia pela Arte! Desse mesmo Ingres que chegou a confessar: O que eu desejava alcançar era a exactidão da foto. Simplesmente não lhe convinha dizê-lo, confessou...

A primeira bienal da Fotografia acaba de proclamar bem alto — embora tal não fosse preciso — a considerável contribuição que essa técnica deu à Estética e, também, de fazer justiça quanto às profissões ridículas e aos anátemas que lhe assacaram! A retrospectiva da Biblioteca Nacional, intitulada *Un Siècle de vision* deu luz muito especial à contribuição da Fotografia para a história da Pintura, de há uns cem anos para cá. Já Courbet, em 1854, não hesitara em pintar, no seu atelier, *Proud'hom et sa famille*, buscando inspiração na Fotografia! Henri Monnier seguiu o seu exemplo e Delacroix. Este praticava perfeitamente a técnica de Daguerre! Compôs, portanto, baseado num álbum fotográfico de nus, muitos estudos a craião.

Manet, Dega, Lautrec, Renoir e Corot, utilizaram-se da Fotografia ».

Li, ainda há pouco, que, em Nova York, se realizou uma exposição de 500 fotografias de amadores e profissionais de 68 nações, destacando-se 257 de grande categoria. Organizou-a Edward Steichen, provando que um homem de sensibilidade, de garra, observador, pode produzir trabalhos de Arte comparáveis aos da Pintura.

Para ir finalizando... Sem dúvida que o retrato é muito difícil, por exemplo, quando se tem de atender ao Belo, na Mulher, para quem os encantos não são para desprezar. O Belo está para ela, como o sol para o sistema planetário... Vítor Hugo, nos *Miseráveis*, escreveu: « Por que motivo fitais uma estrela? Por ser brilhante e por encerrar um mistério. Olhai junto de vós e tendes outro mistério — a Mulher ».

Mas não é só Ela que está em foco em tais lances, também certos Homens que não querem ser o que são, mas aquilo que pensam ser.

Curioso. Geralmente, o Cliente não diz que está parecido e sim que está bonito... Terá isto uma explicação simpática pelo facto do feio, como a dor e a morte, serem inestéticos.

Finalmente, Srs. Fotógrafos, realizem obra que desminta a tal frase: «A Fotografia é inerte e inexpressiva». Como? O observador ao olhar para um retrato, há-de dizer logo, desajudado de informação:

— Este Sr. é um boémio; este outro é um místico; aque-loutro, um guerreiro...

Rematando. Leiam o que escreveu Junqueiro a Manuel de Arriaga, acusando a recepção de um retrato:

«Querido Amigo: O teu Belo retrato foi recebido festiva e saudosamente por nós todos. Tu representas, na minha família espiritual, uma das almas que me estão mais próximas.

A fotografia é uma das virtudes amorosas da luz. A divina claridade, não só me põe em contacto, idealmente e fraternalmente, com todas as formas e essências da natureza, mas retrata-as, reprodu-las, fixa-as em imagem, de maneira que nas folhas dum pequeno álbum eu tenho a presença real e verídica de tudo o que eu amo, de tudo o que é agradável ao meu coração e ao meu olhar, — seja a árvore que me deu sombra ou o tecto que me deu abrigo, seja meu pai ou minha mãe, sejam as areias ou as estrelas, os cravos do meu quintal ou as nebulosas recônditas do infinito. A luz, fotografando, vence o espaço e vence o tempo. Põe diante dos meus olhos, não só o que está invisível a uma distância ilimitada, mas o que já não existe, o que desapareceu e que morreu. Aproximar e eternizar, eis o milagre amoroso da luz fotografante. A luz familiariza o universo.

Agora lhe agradeço a reprodução da tua imagem. Trouxe-te para minha casa, vejo-te quando quero. E, daqui a mil anos, os meus descendentes poderão ainda ver no mesmo bocado de papel a mesma figura nobre, irradiando simplicidade, candura, inteligência.

Um abraço do teu amigo, *Guerra Junqueiro*.

P. S. — Os meus respeitos e lembranças a tua mulher e teus filhos».

---

Quando fiz uma exposição dos meus trabalhos no edifício do «Comércio do Porto» a coisa deu brado e morro sem saber por quê! No «Primeiro de Janeiro», nada menos que em dois rodapés, o jornalista Sousa Martins de-teve-se em comentários. Na bela revista «Ilustração Moderna», do insigne Artista Marques Abreu, João Augusto Ribeiro, Pintor, Escultor, Professor, espirito viajado, ainda com a faculdade de escrever correctamente, crismou a fotografia ora reproduzida, neste artigo, assim: «GRAÇA INGÊNUA».

## FIGURAS, TIPOS E COISAS

Num, jamais esquecido, passeio em cavalgada, a Castro Laboreiro, promovido por um falecido amigo, Jerónimo Monteiro, então escrivão de direito em Melgaço, em Dezembro, com frio de arrepiar, numa ceia em que *requintava* presunto, do tal, um dos convivas, com muita pilhéria, disse que um velho pároco da freguesia, entanguido, falou na missa à sua moda, do Inferno. Mas não com jeito de rigor... ortodoxo.

«O Inferno, fiéis, é uma geleira eterna. O frio em excesso, também queima, Etc.

Mas um dos ouvintes, meio intrigado, na sacristia foi tirar-se de dúvidas. Pois não era aquilo que sabia da doutrina que aprendeu.

O Padre esclareceu-o assim:

«...Como esta temperatura que sentimos, é de matar, se eu na Igreja dissesse que o Inferno era fogo talvez muitos crentes o prefeririam...».

\*

Não sei, seguramente, se ouvi com precisão o relato de um invulgar assento de baptismo existente no registo paroquial de uma das freguesias do concelho de Barcelos.

Ei-lo:

«Aos tantos... dias do mês de... nesta paroquial Igreja de... baptizei e puz os santos óleos numa criança do sexo feminino; digo, sexo masculino; à qual dei o nome de Francisquinho; digo Francisco, porque aqui não são admissíveis diminutivos».

Depois, por azar, sujou o assento e foi o caso assim ressalvado pelo reverendo:

«Declaro que borrei com o dedo o Francisquinho». Etc.

\*

Num Agosto escaldante, e de Famalicão para o Porto, no comboio, um amigo meu «falava pelos cotovêlos» dizendo pouco...

Passageiro, Júlio Brandão.

Fatigado por não ter audição à sua retórica, estendeu-se ao comprido pois nesse tempo havia folga de lugares, e adormeceu.

Comentei: agora já não diz *asneiras* e Júlio Brandão... «por não ressonar alto...»



## Exame de sanidade sui generis

COMO sócio da «Fábrica Barcelense», aqui permaneceu algum tempo António Nunes Hall. Caiu no goto dos barcelenses pelo seu feitio chão, atraente!

Creio ser exacto que as famílias, as sociedades, as raças, as civilizações têm a sua psicologia própria. Ora isto se verifica particularmente nos habitantes das aldeias, vilas, cidades, etc.

Barcelos desde que me conheço e sei de tradição, foi sempre hostile por vários meios e modos aos pedantes, chegando até a suportar certas fraquezas ao camarada por este ser simples, desataviado...

O N. Hall vinha experimentado por uma escola fundamentalmente prática, cheia de ensinamentos para a Vida, que é a de caixeiro viajante em que foi um ás!

Que luta! Fregueses ou clientes de jeitos variados!

O ignorante, o sabido!

O caixeiro tem de ser arguto, movimentando certo teclado para o convencimento...

Acompanhei-o uma ocasião que visitava clientes e encantou-me a sua linguagem apropriada.

O N. Hall já apanhou o período do automóvel, mas o mesmo não sucedeu ao industrial João Duarte, pois este aguentou as diligências ainda do tempo de Camilo. Modesto e de inteligência apurada, João Duarte colheu, em tal escola, também ensinamentos para a vida prática, dando assim elevadamente conta, com êxito, de intrincados problemas!

O N. Hall é bem constituído quanto a compleição física. Se fosse isto possível realizar-se... pediria-lhe para me fazer participar, sem prejuízo próprio, de um pouco do seu arcabouço, a fim de fortalecer a minha tão mesquinha estatura...

Bem arqueado o seu amplo peito, bem poderia dizer, como certo poeta, «que a jaula é cárcere estreito para caber o altivo coração!»



Por várias vezes me levou a Vendas de Galises, linda terra em que possui uma casa na qual, lá dentro, parece que ela é a continuação da nossa.

Ali foi-me dado relacionar com um íntimo de N. Hall, o Dr. Agostinho Antunes.

Deixou no curso do seu tempo, em Coimbra, assinalada a sua passagem devido ao elevado espírito boémio!

Procurava no verso corrente, a propósito da mais pequena coisa, dar espontânea exteriorização à sua veia poética...

Às vezes, raras, como Brito Camacho ou Junqueiro para efeito... estético, acentuava a ironia...

Dominava nele porém uma alma diamantina! Contou-me uma sua governante, em Lagares da Beira, que, durante a última Grande Guerra, predominavam no seu consultório as verbas grátis! Ia porém mais longe. Recorria à despesa para acudir à fome! Tive, disse-me a dita governante, de esconder o imprescindível para as necessidades da família e do pessoal. E terminou: « Não dê... que peças ».

Era Delegado de Saúde no Concelho de Oliveira do Hospital. Todavia avesso às formalidades legais nos serviços do Tribunal. E às vezes transgredia o protocolo... Porém, devido ao prestígio moral e mental que justamente gozava, havia com ele, sem prejuízo da causa, um tanto de vista grossa...

Aqui deixo, à gente da « Justiça de Fafe » e à gente da « Justiça de Barcelos », um seu Exame de Sanidade que me relatou e escrevi:

« Estava dormindo o sono dos justos quando fui despertado pela criada :

— « Sr. Dr. : Está ali um homem da Freguesia da Sobreda que quer ser examinado. Um inzame ».

— « Se ele quer fazer exame, que vá à escola, mas que só lhe abrem as portas às 9 horas ».

A rapariga volta :

— « O inzame que quer não é desses mas sim para o Tribunal ».

Depara-se-me um individuo com um olho como repolho e sangrando da boca.

— « Quem foi a besta que lhe fez isso ? »

— « Foi o Pinto do Seixo, que o Sr. Dr. conhece ».

— « Quer que pregue com ele nas Costas d'África ? »

— « Sim, senhor ».

E à medida que ia escrevendo :

—« Quer que pregue com ele nas Costas d'África ?»

EXAME :

Agressor, Pinto do Seixo.

Agredido, José Maria da Fonseca.

O Examinado apresenta numa das faces da cara, junto a « um olho de ver », uma nódoa escura, que o desfeia bastante, por não ter igual do outro lado. Esta lesão tanto podia ser feita num Instituto de Beleza, como produzida por couce de mula brava...

Estava bêbado como um carro! Aconselhei-o a que bebesse mais dois copos para a socêga e que fosse berd...».

Acusando a oferta de um retrato, que lhe fiz :

« Amigo e Senhor Soucasaux :  
Muito bom dia ! Aqui estou  
'Agradecer o beneficio  
Que fez ao meu frontespício !  
Quer saber, ó Soucasaux :  
Foi tal a sua benesse  
Que ninguém me reconhece !  
( Nem mesmo eu sei se sou ).  
Minha Mulher essa disse  
Uma tão grande tolice  
Que até me deu um chelique :  
Que era o Infante D. Henrique !  
( ¿ Também... o fotografou  
Amigo e Sr. Soucasaux ? )

Até já um safardana  
Me disse em ar de comédia :  
Este é o Vargas Herédia  
Da Carmen La de Triana !  
( P'ra mim isso era uma mina  
Mas... c'oa Império Argentina ! )  
Lembrei-me agora há bocado  
Que se tivessem trocado  
As chapas que me tirou  
.....  
...lego-as à posteridade  
C'um letreiro a dizer :  
Esta era minha avó  
Quando de tenra idade ! »

Um desastre de automóvel... e morreu ! Mas deixou em mim bem viva a sua invulgar personalidade !



## Quadros votivos

**D**AVAM para ensanchas...

Porém seria peitado como *carola*, pelo apreço em que os tenho, e considerado suspeito.

Só por empobrecida sensibilidade, por incompreensão, tristemente se explica o desaparecimento dos nossos templos de tão curiosos quadros!

Quase todos com as suas arrevesadas legendas. Pintados, aquarelados, gravados, com pura ingenuidade, filhos da pura crença! Documentos de gratidão aos seus celestes protectores!

E a fantasia das suas criações!

Figuraram por « direito de conquista » dependurados nas casas de Deus, apropriadamente expostos ao nosso aprazimento! Vão rareando. Não raro estão refugiados em recintos inadequados, mercê, quem sabe, por intervenção de crenças que se consideram de « puro sangue »... Os lugares próprios são aqueles para que foram feitos. A posse em particulares cheira quase a *açambarcamento*... A sairem dos templos, só deviam perdurar nos Museus, para o prazer de muitos.

Registo alguns desses quadros votivos :

« Milagre que fes Nossa Sr.<sup>a</sup> Das necessidades A Domingos José da Silva da Freg.<sup>a</sup> S. Paio Carvalhal: está com saude Perfeita ».

\*

« MILAGRE Q FES N. S. DAS NECESSIDADES AMANUEL IOAQUIM DEULIVEIRA DA FREG. DENEGREIROS Q. ESTANDO NO OSPITAL DE COIMBRA COM VMA GRABE MOLESTIA CEAPEGOU COM A SRA. LOGO FICOU LIBRE NA HERA DE 1834 ».

\*

« M. O. Fes N. S. Das nidades a Hu — F<sup>o</sup> de João Fernandes Da Fregz.<sup>a</sup> de Masieira da M.<sup>a</sup>. Tres Vezes esteve na outra vida e depresa a darlhe A St.<sup>a</sup> Vensam, Apegando-se com a Sr.<sup>a</sup> lhe deu saude — no fim de dezr.<sup>o</sup> ».

Havia um que muito me encantava. Não o sei de cor completamente o contexto, mas conservo nitente o que interessa:

« MILAGRE QUE FEZ N. SRA. DAS NECESSIDADES A..... DE POIARES QUE ESTANDO EM CIMA DE UMA UVEIRA CAIU DESSA UVEIRA AVAIXO QUVRANDO FELISMENTE UMA PERNA QUANDO PODIA TER QUVRADO AS DUAS ».

\*

Há particulares coleccionadores cuja memória merece devido respeito. Foi na amizade, dos meus eleitos, o Padre Manuel de Sousa Maia. Iniciou-se em letra de fôrma com um folheto intitulado « Necrópole de Canidêlo », do apreço de José Leite de Vasconcelos, que o visitava.

Juntou muitas tábuas votivas mas já « com ela ferrada » de as destinar, por legado, a um Museu e este existe, e tem o seu nome, em Vila do Conde. Assim! Sim!

Ora na colecção existe um especimen invulgar:

« M. Que fes N. Sr.<sup>a</sup> Ap.<sup>a</sup> (1) dous mêses Antes de apparecer... 1874 ».

\*

Houve aqui em Barcelos, por volta de 1875, um pintor de modesta categoria, deveras curioso. Distinguia-se mórmente pelas legendas e certas extravagâncias na escolha dos assuntos.

Existia na Casa Fernando de Magalhães e numa sala, por ele pintado, um soveiro e em cima, entre os braços do tronco da árvore, uma lebre, e lobrigava-se isto: « Lebre a pastar mansamente ».

Um quadro havia também do mesmo, numa linda capela alpendrada, cá no Concelho, no qual se lia:

« Santo António de Pádua, natural de Lisboa, ora residente nesta freguesia de Martim o fez o pintor Manuel Luís Pereira ».

---

(1) Aparecida.



Lastimavelmente, ainda não há muito, foi *modernizado*!...  
Nisto sou « *bota de elástico* » e, no entanto, na maioria dos casos « eu nunca fiquei homem de uma só geração » (1).

\*

Merece inserir o que se via num quadro votivo do nosso Recolhimento do Menino Deus, datado de tempo em que a fundadora, a « *preta Vitória* », vivia com o seu senhor ou, talvez quando a Imagem ainda se venerava na Colegiada :

« Milagre q fes o menino Ds. de Victoria em hun f.<sup>a</sup> de Manuel Linhares da freguesia de S. João de V.<sup>a</sup> boa; q naceendo-lhe hua menina pella mea noite Sã vividoura sem lesão, algua e com a necessaria esperteza mamando nos P.<sup>os</sup> da Ama; da li alguns dias lhe começou a hincar mt.<sup>o</sup> o ventre e chorando continuamente com grande perigo de vida, chamarão o parochó p.<sup>a</sup> a Batizar em Caza e sabendo q a menina não tinha ourinado desde q naceu por não ter via por donde despeiar a ourina, se pegarão co menino e foi servido dar-lhe logo via para despeiar a ourina. Data 1720 ».

---

(1) Frase de José Augusto França, que aceito.

## FIGURAS, TIPOS E COISAS

Não recomendável isto para aqueles que desta *piada* tenham conhecimento.

Quem sai do Rio para S. Paulo, a meio da viagem, fica a Estação de Cruzeiro; entra-se no Norte deste Estado. Começam a aparecer algumas cidades de nomes, para nós, esquisitos, como Guaratinguetá, Pindamonhangaba, Taubaté, Etc.

Os revisores vão nomeando essas paragens. Já simplificam, por exemplo, dizendo Pinda e Guara.

Pois em Pindamonhangaba surgiu um cometa (assim se intitulam os caixeiros viajantes) a oferecer *calçados* (é no plural que se ouve lá). Uma firma procurada era de dois portugueses.

Feita a encomenda, com os *acepipes* próprios da oferta, dali a dias chegava aos fregueses uma carta capeando a factura e o conhecimento (conhecimento é a guia de C. de Ferro).

Porém quando um dos nossos patrícios começa a conferir a factura, lê: «24 par de sapatos de tantos pontos; tantos ditos de 30 pontos. Enfim, uma multidão de ditos, e não se conteve que não vociferasse:

— «Ó António: tu encomendaste ditos, a esse cometa?».

— «Eu não. Mas já sei a tática. Impingem a mercadoria e a gente que se aguenta no pagamento».

E toca a escrever ao fornecedor avisando-o «que logo que os ditos chegassem, ficavam de sua conta».

Claro. Estão a ver qual a resposta. «Sim, que não tinham mandado ditos. Era uma maneira de simplificar a escrita. Seria monótono, maçador, estar a repetir precisamente os nomes das peças que estavam nas linhas de cima. Convencionou, assim, o empregado de escritório adoptar o ditos. Podia, por exemplo, pôr aspas, cômas, item, idem.» Etc.

Compreendida esta lição num silêncio que — em regra caracteriza as cidades do interior — ouviu-se isto, simplesmente, em voz alta:

— «Ó António, sabes que mais? Tu és um burro e eu sou um dito».

## Eleição dum Juiz de S. Martinho

**R**EALIZOU-SE em Barcelos, com todos os matadores, nas *limitrofidades* do Templo do Senhor da Cruz, a assembleia magna dos freires de S. Martinho.

Precisaria de ter um grande poder observativo para, às vistas assombradas, descrever o ambiente em que decorreu em 1891, a pinturesca reunião em que tinha de ser eleito o Juiz da Confraria...

Não era fácil distinguir se era tasco ou tasca, sim, a discriminação do sexo do rés-do-chão do prédio, ainda existente, em que se efectuou.

As paredes, gordurosas, escorregadias. O tecto irreconhecível, respeito à qualidade de madeira nele empregada, pois que a fumaça o tinha desfigurado, seja o patinado da velhês.

Mesa à laia das de romaria, sobre cuja superfície, encorrelhada, se via uma toalha manchada de sumo de parra, ladeada ela por dois bancos sem encosto. O ambiente era próprio.

Dependurado, arqueólogo candeeiro de petróleo cujo abafador as moscas tinham maculado, absorvendo assim a luz já de si amarelecida, pelo morrão da torcida.

Um nicho com franciscana imagem de Santo António, que só por informação podia ser identificada, como que substituindo o orago S. Martinho.

Um balcão e nele prantado um tabuleiro com grades em que estavam emborcadas malgas com os rebordos sudros, a dar-lhes o retinto carácter da porcaria.

No perfil de um lado do balcão, ao alto, duas tábuas em que se lobrigavam tornos sustentando copos que pela sua configuração pareciam ser canelados. Talvez que só à luz intensa do sol se saberia se era de vidro o material com que fabricados.

Ao fundo um arcaico fogão e em cima uma pingadeira de cerâmica concelhia, dum vidrado de tradição, na qual se via

assado um leitão louro, única nota coloridamente risonha no todo tasqueante.

E nada de me alongar em pormenores.

A taina evoluiu lenta e suave até à meia-noite, entrecortada pelos súcios com muita força de piada e de constantes solicitações de pingato.

Depois do calor ministrado pelo vinho, de nomeada, dominar os eleiçoeiros, estes animaram-se e começaram a abraçar-se, entrando em confidências.

Um levantou-se e deu-lhe para dissertar sobre democracia. Emperrado pelo álcool, põe-se de pé e recita um soneto do poeta lírico, barcelense, Alberto Malheiro, intitulado « Aqui d'El-Rei » :

*« Sei que o Progresso para nós caminha,  
Que num comboio expresso chegará  
E que a República acenando está  
Com lenço perfumado à Pátria minha.*

*Sei que a Democracia se avizinha  
E se trata por tu com Jeová,  
Como quem vem de carrinho para cá,  
Crendo que o velho Deus a faz rainha...*

*Sei que vai pouco e pouco terminando  
Tudo que é velho com a velha lei.  
Dum governo monárquico nefando.*

*Tudo acredito e sei...  
O que não imagino é como e quando  
Há-de acabar o Grito « Aqui d'El Rei ».*

Um dos participantes é conversador, e não concorda com o verso « monarquia nefanda ».

Obtempera o recitador :

— « Isso não é comigo que não sou o Autor. Mas mudemos de assunto e de vinho ».

E pediu à criada meia canada do branco.

Porém o amante de poesia olha para a rapariga àquela luz enevoadada, aproxima-se, e pespega-lhe com esta madrigal :

*« .....teus lindos olhos  
São inconstantes na cor,  
Mas assim são mais formosos,  
Falam assim mais d'amor ».*

O tasqueiro, já cansado e sonolento, berra :

—« Meu amigo. Quero aqui muito respeito ».

—« O seu safardana: não seja onagro. A pequena não precisa de ser defendida. Defendida está ela por não estar de boas relações com a formosura... »

Cães da Lixa, perros de Amarante e jumentos da Travanca!  
Um sarilho!

Um dos sensatos, e menos avinagrado, remata o incidente aconselhando calma e faz as contas.

Porém o dos versos põe à prova o seu bom coração e diz que a rapariga foi ofendida naquilo que a mulher tem em alto apreço, seja a sua beleza.

Por sua iniciativa fez um rateio para a gorgeta, que rendeu três tostões (nada mau naquele tempo) e ainda tirou do bolso, como P. S., um pataco, somando portanto a reparação coisa condigna... com que a serviçal ficou contente...

Já 3 horas da madrugada. Despedidas. Um dos boémios estava tão bonito que julgando apertar a mão dum dos da patuscada, com a sua mão direita apertou a sua própria mão esquerda.

Acompanhemos, ao ar livre, com certa dificuldade visual, através dum nevoeiro de cortar à faca, estes bons e inofensivos estúrdios.

Um morava para os lados da Estação do Caminho de Ferro, cortou o Campo da Feira em linha diagonal em marcha confusa, parando em frente de um dos velhos lampiões da iluminação pública, levantado onde hoje vemos um chafariz. Embarça-se a puxar por um cigarro crismado de « Almirante » e com ele na dextra fitando a luz do lampião, *voltagem* pirilampo, diz :

—« O cavalheiro não faz o favor de me dar o seu fogo ».

Sigamos outro que residia numa casa do chamado Nagalho, que havia perto da Matriz. Vai-se cosendo com as habitações e já em frente dos Paços do Concelho esbarra com um marco postal. Toma uma atitude *agressiva*. Com os braços cinge-o quanto as suas forças o consentem e vocifera :

—« Está preso e bem preso, ouviu ? »

E só depois de exausto é que largou a vítima imbele.

O terceiro vivia em Barcelinhos. Chegado à ponte tendo descido a calçada que enfrenta a Colegiada, estatela-se no lagedo romano, escorregadio como eirogo, levanta-se desorientado, cambaleando e em vez de prosseguir, retrocede. Passados uns minutos, não sei se por influência benéfica das auras matinais do Cávado, orienta-se caminhando protegido pelas amuras da ponte



fazendo delas corrimão, ei-lo à porta do cardenho, mas vê-se em palpos de aranha para introduzir a chave.

E agora vão saber como naquele Ano da Graça de 1891, nesta «antiga, nobre, heróica e sempre illustre terra de Barcelos», como a capitulava o saudoso Abade Paes, terminou tudo.

Estava o sol a espreitar por cima da crista do Monte de Airó e passava, no momento, um almocreve em caminho da Póvoa, a cantar a «Maria Cachucha com quem dormes tu» muito em voga então, por sinal com uma rima final muito feia. Deparando-se-lhe aquele pranto, comiserado, mete a chave na fechadura e introduz o dorido no lar adormecido. Sobe este as escadas. A Esposa sobressaltada acende o cochicho e não abre bico. Compreende tudo. Sabe que uma das obras de Misericórdia é vestir os nus, mas entende que nesta emergência é de boa moral despir os vestidos. . .

Remata a cena metendo-o em *vale de lençóis* e, prudentemente, sobre um mocho colocado junto da cabeceira do leito, pousa um vaso da noite a exalar uns benéficos *perfumes amoniacais*, para um pressuposto *aleveio* do Juiz eleito!

Este, a modos de Boas-Noites (apesar da hora matinal) muito aperradamente diz para a companheira:

—«Mulher: tu estás muito bêbada!»

## David Caravana e Morgado de Passos

○ David Caravana pertenceu ao grupo dos velhos elegantes cá do burgo.

Coração generoso e feitio « sem papas na língua ». Carácter modelar.

Foi dos meus bons amigos. A sua mesa era muito variada com « paparicos » em razão de ser muito « biqueiro ». Procurava nos repastos apaziguar os talheres a fim de, espaçadamente, ir falando de *figuras, tipos e coisas* do nosso aprazimento.

Jamais o apanhei numa só mentira ou verifiquei acto seu de deslealdade.

Tenho de monòtonamente... esclarecer sempre a quem me lê que só a fugir, a escapar, posso tratar das personalidades e quanto possível sob feição risonha.

Em jantar a que assisti em sua casa para participar na comezaina duma das primeiras lampreias, com todo o sangue, colhida em instrumela que existia no açude junto à nossa ponte, contou-me o que vou rememorar. Mas antes esclareço que a Esposa do David merecia ser daquelas citadas por Júlio Diniz que obscuramente desaparecem tendo dignamente na vida sido no lar heroínas! E que Mãe!

O prato da lampreia condimentado pelas suas mãos era de entranhado e tradicional sabor da nossa velha cozinha nortenha.

Mas segue o que me contou, nesse ágape, parecendo anedota...

Havia e creio que ainda há, na Graça, próximo de Braga, uma passagem, em barca, no rio Cávado.

Grande enchente! Margens alagadas! Corrente estouvada! Vento ciclónico! Na tormenta perde a vida um passageiro, viúvo, com fortuna obtida por casamento.

Não tendo filhos foi herdeiro um irmão « sem beira nem leira e sem ramo de figueira ».

Em «dada feita» o herdeiro ao fazer tal travessia, em direcção às propriedades herdadas, referiu-se ao fatídico acontecimento, virado para o barqueiro, deste modo:

«Nunca passo aqui que deixe de me lembrar ser este rio o causador de meu irmão matar a sede, para sempre, e a mim matar-me a fome...»

Disse ao David no momento se apurou do sentido do comentário, se de feição sarcástica ou de sentimento afectivo.

Se foi chorosa e se — principalmente — houve lágrimas sinceras, o herdeiro ficou com pão para as enxugar, o que nem a todos isto sucede nestas fatalidades...

Sempre andando no ritmo da prosa.

Entre os muitos predicados que enalteciam o David, contava-se o de ser amador teatral de primeira, em papéis denominados de centro. Inteligente, bela figura, voz de barítono agradável, dicção com todos os ss e rr.

Pedi-lhe para aceitar o de Diabo, protagonista da peça que urdi. Não era o do Inferno... e sim gentil participante das gentes da côrte... Os versos, da pena do Martins Lima, timbrados de ironia. Consciente, leu e estudou o contexto e não lhe passou despercebida a alusão a um rabo citado nos versos que fazia parte da indumentária...

De chofre: «Soucasaux, com rabo... não entro em cena!»

Psicológicamente isto estava mais do que certo pois, felizmente para a sua memória, nunca teve «rabos de palha»...

Portanto... nem um só rabo... mesmo a fingir... consentiu! Tenho-o agregado ao meu coração!

\*

Agora, o insinuante Morgado de Passos:

Fraque muito cingido ao corpo magro. Chapéu de côco sempre distanciado da moda...

Barbichas ralas a ladearem-lhe as faces vincadas com um permanente risinho.

Quando seu boníssimo Filho, Dr. Teotónio da Fonseca lhe enchia a casa de Santa Eulália de Rio Covo, com os íntimos, era para ele um S. Miguel de prazer!

Os copos em que se servia o vinho eram grandes como a sua alma! A divisa era... estarem sempre cheios!

As festas iam até de madrugada e quando se tomava o comboio, de regresso a Barcelos, já estava de posse dos bilhe-

tes para os distribuir um a um, aos convidados com um tic muito especial da sua pessoa!

Socorria, sem alarde, os pobres e tinha o seu fraco... é que se inquietava que alguém praticasse nas suas propriedades qualquer dano!

Apresentava-se em qualquer parte com tão franciscana aparência que só por informação se sabia da sua categoria na boa sociedade.

De alguns casos de menosprezo foi objecto e dos quais se saiu lindamente, sem fanfarronadas ou malcriações; não lhe pedia o moderado temperamento!

Em Braga foi a um barbeiro para aguardar a sua vez. Mas entra em seguida na loja um pinocas, encasquetado no figurino do dia e sem respeito pelo Morgado é preferentemente servido.

Expôs os queixos à operação e no fim paga a barba. Dá um tostão e o figaro logo lhe entrega a demasia, quatro vinténs.

O Morgado: «Guarda o tostão que é quanto costume pagar...». Quintuplo da tabela!

Noutra ocasião foi ao Mercado Municipal e direito à secção do peixe. Reluzia um bellissimo salmão! Primícia! Perguntou à vendedeira quanto custava e esta fita-o e em ar de apoucamento disse-lhe que tratasse de outro modo de vida; «sabe, tiosinho, quanto custa para ir contar à Família? Dez tostões».

O Morgado, o tal sorrisinho a dominar: «Tome lá os dez tostões e mais cinco tostões para o levar a casa do Sr. Deão da Sé, Sr. Correia Simões», pessoa de grande influência política, então!

Isto, pelo valor da moeda, deu brado na Bracara Augusta!

## FIGURAS, TIPOS E COISAS

Li isto: «SIENA—O sonho milenário do voo humano será em breve realizado — afirma Edmundo Arcolani, habitante desta região. Depois de 33 anos de estudos, Arcolani construiu um aparelho que permite, segundo ele, mover-se no ar só com auxílio da força muscular. Com a forma dum morcego, este aparelho tem 2 metros e 40 centímetros de envergadura. Arcolani ocupa-se do registo da sua invenção e fará uma demonstração pública dentro de algumas semanas».

Sou bairrista, mas não assanhado, achando só grande tudo que é de Barcelos... Mas já tivemos cá no concelho quem se antecipasse a este acometimento:

Era um tal «Serantoninho», que conheci, de Santa Maria de Galegos.

Imaginou voar não com asas semelhante às de morcego, mas aproveitando as abas de uma carocha.

Subiu a uma árvore alta e lançou-se! Caiu. Quebrou a perna direita e no meio de dores:

— «Não voei porque me faltou o rabo».

Nunca apurei se o comeu, por ser de palha...

\*

Encontrei-me um dia, em Braga, com honestíssimo pároco de uma das nossas freguesias. Disse-me dos propósitos que ali o levaram. Pretendeu o meu concurso «como artista(?) e homem muito(?) viajado». Estarreci nos ali-cerces... la ele comprar uma imagem.

Expuz-lhe as dificuldades que se me antepunham. E, para *disfarçar*, convidei-o para tomarmos café. Contei-lhe o seguinte, que me foi garantido como verdadeiro. Uma mulher do povo parou em frente da porta da oficina de um santeiro, da cidade, na qual, um *cabouqueiro*, começava a afeioar uma escultura. E ela não se conteve que não fizesse a seguinte pergunta:

— «Ó tio: que santinho é esse?».

— «Olhe, mulhersinha!... Conforme. Se sair com barbas, é S. Francisco; e sem barbas poderá ser a Virgem Mãe...».



## As últimas eleições da Monarquia em Barcelos

**N**ÃO sei se foram mais divertidas no tempo do Senhor D. Miguel «que batia o fado enquanto o povo o gemia», do que prometem sê-lo neste ano, já bem entrado em Agosto...

Que fornecem ricos fatores para os psicólogos e não menos pasto aos ironistas, isso é que não aguenta dúvida.

O cronista vai segurando para os pósteros conforme pode, que não é mesmo nada, e da maneira que sabe, que é menos, alguns flagrantes que documentem de algum jeito a fisionomia das eleições na terra de Filipa Borges e do artístico Senhor dos Passos.

Retirar da vida ao português ou, mais propriamente, ao Minhoto, a feira, a festividade e as eleições, é furtar-lhe, sem



### **DR. JOSÉ RAMOS :**

— Mas teremos ao menos uma votação superior a quarenta votos?

### **LAVRADOR FINGIDO NÃO PERCEBER :**

— Este ano o borraçal carregou. A respeito de americano é que a aneza é má.

(Ao perto o Luiz Ferraz faz alta reportagem).

atentar contra o Código Civil, três animados, três estrugidores números dum programa variadíssimo e animado.

Há um inteiro, um íntegro parentesco de raízes bem introduzidas para o fundo, entre eleições, festividades e feiras.

E, assim, o Zé pertence-lhes, como elas fazem parte de si...

As eleições têm, como as festividades, os votos que não se limitam à intercessão do orago para a cessação da calamidade dos calos ou desobstrução da pedra da bexiga, mas trazem a



**DR. ALVARES DA SILVA :**

—Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

**ABADE :**

—Para sempre seja louvado. E diabos levem estas políticas de

«Agora viras tu,  
Agora viro eu,  
Agora viras tu,  
Viras tu mais eu».



**DR. GONÇALO :**

—Quero homens fortes, de situação definida e não destes que querem agradecer a meio mundo sem aliás agradarem a ninguém.

O confabulante da saca, profundamente comprometido, sem perceber:

—Sr. doitor, se vossa inselência soiber quantas peras tenho aqui dentro desta taleiga, dou-lhas todas seis.

obrigante do filho livre nas inspecções ou da distinção do rapaz, no exame à porta.

Têm, também, *música* que é a *cantata* que a pauta, no conjunto das cinco linhas paralelas, não é assaz suficiente para aguentar, mas que a loquela do chefe político substitui poderosamente, ferindo todos os diapasões e arrancando até o clássico dó do peito!

As eleições têm, como as festividades, *fogo de artifício*, desconhecido ainda da pirotecnia, pois entra menos nele a química do que a lábia, a ronha, a solércia.

Têm, igualmente, as *promessas* que não implicam com o sacrifício de ir a S. Torcato sem *dar dois dedos de gramática* pelo caminho, ou com a originalíssima e não menos pitoresca ideia de transportar uma rasa de sal, à cabeça, desde Vilar de Frades à Abadia de Longe, conforme aconteceu a uma coeva do Dr. Augusto Matos e do não menos Matos, padre Agostinho.

*Promessas*, porém, que auguram estradas até à porta das propriedades de altas influências, pontes que ligam não só duas margens, mas conduzem depressa a casa dalgum eleitoiro-mor.

Têm as eleições, como as festividades, *mártires*, *bemaventurados* e santos.

Têm *mártires* de muita força de pau, de muita sorte de intrigas, de muita vingança mesquinha.

Têm *bemaventurados* que vão às cadeiras do poder à custa das mais sugestivas e



Falavam tão baixo que o repórter apenas ouviu dizer ao reverendo:

— Dr. Matos Graça, Deus é bom mas o Diabo também não é mau...

Enquanto uma voz à surdina, clamou:

— Tão bons são uns, como outros...

ardilosas chapeladas, ignorando, desde a raiz dos calos à raiz dos cabelos, as necessidades deste alegre povo que vive no trabalho a cantar, para alívio do peso que lhe acarreta a conquista da boroa.

Têm santos canonizados pela consciência popular isto é: os abnegados, os despreendidos, os justos, que à custa de todos os sacrificios, nas maiores crises da sua vida, aparecem, com o verbo quente ou com a espada relampagueante, a acudir à Pátria em perigo.

As eleições podem comparar-se, da mesma forma, às feiras.

Há oferta e compra de votos.

Enfim realizam-se transacções vestindo por diversos figurinos, conforme o tempo e os personagens e... o estômago de cada um.

Em Barcelos, tudo corre às mil maravilhas!

Mas nós somos correligionários políticos do Sr. Conselheiro José Novais, do Sr. Dr. José Ramos e do Sr. Dr. José de Castro, e se não lhes damos o voto é por que o não temos...

14 de Agosto de 1910.

## Operação com anestesia... e versos...

**N**O Hospital de S. José, fui sujeito a uma operação efectuada pelo insigne cirurgião Dr. Armando Luzes, em cuja alta personalidade se conjugam grandes predicados morais, intelectuais e profissionais.

Eu estava numa posição um tanto teatral... pronto para a adequada operação. A anestesia local permitia-me estar um tanto atento ao que se passava. A certa altura, o Médico que, prudentemente me vigiava o pulso, perguntou-me como me sentia. Respondi muito ligeiro:

— Bem, muito obrigado. E V. Ex.<sup>a</sup>?...

Achei que a operação ia sendo demorada, (como sempre parece a quem se encontra naquele transe), e atrevi-me a perguntar ao assistente se ainda faltava muito... Em vez de me informar, perguntou-me se eu gostava de versos. O seu poeta preferido era Junqueiro, e dizia-o de tal forma que parecia estar convencido de conhecer toda a obra publicada. Então, aproveitando a deixa, informei-o de que nem todas as suas produções foram enfeixadas em livros:

Ouça estes que há mais de meio século saíram numa gazeta de Lisboa, e, declarando que não garantia a métrica mas sim o conceito, desfechei-lhos:

*«O sol é esse burguês cheio de magestade,  
Que costuma levantar-se de manhã cedo  
E deitar-se aos toques de Trindade!»*

Sim. Respeitei o conceito, talvez em prejuízo das regras...

A operação ia seguindo seus trâmites, (termo que um falecido procurador do foro barcelense, dos que fugiam das «causas perdidas», assim pronunciava). E, para encurtar distâncias, esquecido da minha submissão ao operador (que ingratidão!),



prometi recitar-lhe uma produção do mesmo poeta, que verifiquei ser-lhe desconhecida.

Obtive-os da mão de um grande escritor brasileiro, Sílvio Romero. Porém, tendo passado já tantos anos que os decorara, fiquei duvidoso da sua exactidão. Recorri, sem êxito, às bibliotecas de Braga e Porto. E foi a gentileza da dedicada filha do poeta que me indicou onde poderia consegui-los: na Biblioteca de Lisboa.

Foram concebidos em Pariz, na época em que ali pontificava Charcot, aquele que conceituosamente proferiu as célebres palavras: « Não há doenças, há doentes, e cada doente é um caso especial ».

Leitor: lê-os e dize-me se vale a pena divulgá-los aqui:

## DE NOITE

a M. de Arriaga

.....  
.....

E assim neste vai vem  
Se vai murchando a flor  
Da minha juventude,  
Fugindo-me a saúde  
Do corpo. e, o que é pior,  
Do coração também!

Ah! que infernal tormento  
Trazer a gente a ideia  
Nesta enredada teia  
Chamada pensamento!

Vamos gastando a vida  
Neste contínuo estudo.  
Nesta contínua lida,  
Interrogando tudo  
O que vedado é...  
E se eu pergunto à alma  
Aonde a luz se esconde,  
A alma não responde,  
Responde — a luz da fé.

Responde, sim!... mas são  
Já tantos os revezes  
Que até o seu clarão  
Me vai faltando às vezes.

Que isto de a gente pôr  
Únicamente a esp'rança  
Num bem que não se alcança,  
É duro... porque enfim  
Já fartos de sofrer  
Caímos de cansaço,  
Se um anjo não vier  
Tomar-nos pelo braço.

Vamos gastando as flores  
Das nossas primaveras  
A fantasiar amores,  
A fantasiar quimeras...  
Depois passam-se os dias,  
E vão passando os anos,  
E vem os desenganos,  
Sem vir as alegrias.

Feliz e venturoso  
Quem põe o seu cuidado  
Em passageiro gozo.

Feliz? talvez... nem sei!  
Parece que isto é fado,  
Parece que isto é lei.  
Que tudo neste mundo  
Lá tenha a sua mágua  
P'ra ter a que aspirar:  
A flor aspira à água,  
A água aspira ao mar,  
O mar aspira ao céu...

O mar é como eu!

Se a vista incerta e vaga  
Estendo à imensidade,  
Tão íntima saudade  
O coração me alaga!...  
Tão íntima!... que penso  
Se a minha alma um dia  
Acaso habitaria  
Já nesse espaço imenso.

Talvez. Talvez que agora  
Eu ande desterrado  
Da pátria verdadeira  
Da pátria em que nasci!  
Talvez... de outra maneira  
Não posso perceber  
O que é esta saudade,  
O que é este desejo  
D'um mundo que não vejo,  
D'um mundo que não vi.

Pois chora alguém acaso  
Um bem que não perdeu?  
Então, chorando eu,  
É certo que o perdi...  
É certo, muito embora  
Eu não me lembro já  
Do mundo que de cá  
Contemplo a toda a hora.

GUERRA JUNQUEIRO

In. A FOLHA — 3.ª série, 1871 — N.º 1

\*

E para estar de harmonia com a índole deste livro, meto aqui mais uns pequenos *nadas*.

A carreta de serviço, em regresso da sala de operações, tinha de atravessar uma enfermaria de mulheres e, ao passá-la, ouvi uma dizer: «Este senhor não parece que vem duma operação». Realmente, sentia-me muito bem e tanto assim que, mal me deitaram na cama, de papo para o ar, todo regalado, escrevi logo um postal à família, a dizer que tudo tinha corrido bem...

Mas o melhor estava reservado para o meu regresso a Barcelona. Um bom camarada, maliciosamente, exclama, ao abraçar-me: — «Como você foi um grande *bexigueiro*, há uma certa lógica... por ter sido operado na zona da *bexiga*».

Alusão a eu ter alguns anos redactoriado um quinzenário humorístico.

\*

Aproveitando a *monção* de cirurgia e... versos, vem a propósito meter mais...

Fui ao Porto consultar o Dr. Cerqueira Gomes, então bastonário da Ordem. E, como se tratava do órgão que, qual « pirolito, bate que bate » constantemente, recitei-lhe um soneto de António Feijó, que, ainda inédito, chegou à minha mão :

« O coração que chora resignado,  
Tendo perdido as ilusões da Vida »...

E num dado momento, calmo para não elevar a tensão arterial... fitando-lhe o peito amplo, pedi permissão e medi-lho. Coisa de três palmos e mais umas *reticências*...

— Doutor, o meu é *palmeiro*... E estou na casa dos 85. Tem isto alguma relação com longevidade?

— Soucasaux, é de tipos da sua constituição, magros, resistentes, que saíram os Heróis, os Santos...

— E os Mártires, também, como este seu humilde cliente...

Doutor: uma receitinha que a sua proficiência determine; remédio que me permita nunca morrer de véspera e sim no dia seguinte (ou... imediato)...

## Duas encavacadelas...

QUANDO pertenci à « Fábrica Barcelense » de que fui um dos iniciadores, e alguns anos da Gerência, o Administrador Geral, meu amigo João Duarte, encarregou-me de ir numa missão à Alemanha em que entrava o *vil metal*...

Fora das horas da responsabilidade aproveitava ver tudo que me interessava, com o fim de me instruir.

De preferência seduziam-me as coisas de Arte.

Meti no programa folgas para receber massagens, isto na cidade de Barmen, em estabelecimento modelar.

Verifiquei que aos Domingos não funcionava.

Na Segunda fui ao tratamento e, como hábito, dirigi-me ao *guichet* para aquisição do bilhete. A encarregada alanzouo *quelque chose* para mim incompreensível.

Falei-lhe em francês « patrioticamente mal » e nada de compreensão. Lancei mão de gestos, que Santo Agostinho escreveu « serem também palavras ». Desceu-me nas ventas a *por-tinhola*...

Resolvi de acordo comigo mesmo... por conhecer os meandros do edifício ir como um foguete ao encontro do massagista, mas no momento estava « ausente em parte incerta ».

Porém o que me estava reservado! Ó gentes de pudor. Algo mais que presumível!

Ainda agora mesmo, volvidos anos, ao lembrar-me, enrubesço... Há momentos em que a gente devia ser miope!

...Enfrentei com a amplíssima piscina cuja cobertura era de belos vitrais. A luz do sol por eles coada incidindo sobre os contornos da nudez dos utilizadores, em movimento, tinha o efeito que se goza num caleidoscópio!

À vista, muitos corpos chapinhando! Mergulhando!

Um Paraíso Terreal com muitas Evas!

Que encavacadela! Era o dia destinado, no balneário, exclusivamente às Senhoras!

Portanto eu um Adão honorário, honestamente vestido e calçado!

Deixo ao leitor a malícia de perceber, sem esforço, que «estavam com todas as suas vergonhas à mostra», servindo-me do que li num cronista das Descobertas, quando ele defrontou no Brasil com as selvícolas...

Às vezes faz jeito a gente não saber a língua do país em que está, como neste lance...

Traduzi, no entanto, do som das suas vozes, agrestes, devido à estranheza ocasionada pela minha presença, que deviam fazer corar um penedo!

Cá fora, ao ar livre, tomei o pulso acelerado. Mas acalmei! Dei-me à extravagância de socegar reduzindo isto ao câmbio do dia. O Escudo estava forte e o marco a 120 Reis. Filosofia de ocasião...

\*

Estava-me reservada outra encavacadena, mas esta não impuderosa.

Foi em Bonn ver a Casa-Museu de Beethoven.

Não quero entrar em muitos pormenores impressos que se colhem facilmente no local para a gente evidenciar erudição...

O que logo me chocou foi observar as pobres águas furtadas do prédio onde nasceu o grande Génio!

Depois as primeiras músicas que escreveu. O programa do seu também primeiro concerto.

Em evidência, dois pianos, um de grande sonoridade, construído propositadamente para amenizar a infelicidade da sua surdez, que o havia de martirizar!

Como é corrente dizer-se que «os portugueses vêem preferentemente com os dedos», para confirmar isto, zás, fiz pressão sobre uma tecla, no instrumento de maior intensidade.

Era de esperar... Fui logo admoestado pelo meu procedimento! Esta observação foi através a minha intérprete o que correspondeu a um pára-choques.

Socorrendo-me, pois, dessa minha intérprete, fiz-lhe saber que há em Portugal um adágio: «Não há regra sem excepção»...

É correntio em todos os Museus ler-se a observação de «Não tocar nos objectos expostos». Eu... que me aproveitei da excepção... O piano, demais, é objecto de tocar com os dedos...

Parece que achou espírito e cumprimentou-me, sorrindo, estendendo-me a dextra, na despedida.



## «Barcellos ha 50 annos (1)

**M**ORAVA no Campo da Feira uma senhora nonagenaria, viuva, e que era conhecida pelo nome de — fidalga de Marrancos — por ter casado com Francisco Velho Fonseca de Souza Castro, fidalgo, da freguezia de S. Mamede de Marrancos hoje do concelho de Villa Verde.

Esta senhora, a que alludo, chamava-se D. Maria Arriscado de Lacerda, natural da freguesia de Roriz, d'este concelho, aonde casou no dia 24 de março de 1781 — na capella de Nossa Senhora da Misericordia pertencente á caza e quinta do Barrio, solar da familia Arriscado, e de que hoje uzufructuaria a exm.<sup>a</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria José Mendanha Arriscado, d'esta villa, e que era avó paterna do fallecido conde de Azevêdo.

Ha cincoenta annos, que esta senhora vivia, sem nenhuma outra pessoa de familia, na caza, que é hoje do sr. dr. Manuel Paes no Campo da Feira.

Tinha, para a servir, o seguinte pessoal: — um escudeiro: uma escudeira, mulher d'aquelle: a mãe da escudeira, que tingia linhas para vender aos mercadores, e fazia tabaco da folha do feijão de vara para tomar: uma creada para guardar e tratar das gallinhas, que nunca passavam de seis ou oito, gallegas da raça commum: uma creada para tratar e guardar os cães, o Jolí e o Inglez — dous gosos a pedirem mesmo um baração e um rebo para irem agazalhar trutas no ribeiro das Pontes: uma dispen-seira, que, a miude, era visitada por uma sobrinha com demora de semanas, e, não raro, de mezes: uma cozinheira e um creado para o quintal e para os recados, empregando-se, o mais do tempo, a trabalhar para elle, compondo chapéus de sol, e que ai veio a acabar na antiga rua da Palha com o nome de — Manuel dos Guardasoes.

---

(1) Há mais de meio século. Datada de Setembro de 1894.

O Inglez e o Jolí eram tratados a bifes de carne crua, que se ia, de proposito, escolher ao açougue.

Para o Jolí foi um dia chamado o medico da caza, que deu grande casca, quando entrou no quarto, em que se lhe deparou um doente enroscado em um cesto de varas de salgueiro! Estou a vêr ainda o Jolí a lutar com a doença, que o levou para bem mais triste vida! O Inglez sobreviveu a sua bôa e carinhosa ama, que chegou a manifestar a ideia de deixar em testamento a sua caza ao cão; mas, como isso não podia ser, a escudeira arranjou traças de ficar com a caza, para tratar do cão cuja sorte foi triste depois da morte de sua ama, pois que, em vez de bifes de carne sem osso, comia muito osso sem carne, porque a não têm o bizzo do sócco nem o cabo da vassoura.

Não me lembro de que aquella senhora sahisse á rua. Tinha altar e missa em caza; era seu capellão o padre Cleto de Souza Ramos.

Pouco tempo em antes de morrer deu-lhe para dár um passeio no quintal, coisa que não fazia, havia muitos annos, e que foi como que o pronuncio da sua morte. Não sahia nunca do seu quarto, que era no segundo andar da caza para os lados do quintal, apenas subia ao seu oratorio, que era no furtado para o lado do Campo da Feira, em occasião da missa.

Mandava deitar assucar sobre as mezas do seu quarto para alimentação das moscas, não consentindo que as matassem. Era madrinha de baptismo do antigo cirurgião Lopes d'Albuquerque, avô paterno do meu presado amigo José Lopes Varella d'Albuquerque, o qual lhe assistiu até ao termo da sua molestia, que o habil facultativo classificou de velhice, vindo a fallecer em junho ou julho de 1846 por occasião da revolução da Maria da Fonte e está sepultada na Igreja da nossa Collegiada em jazigo de familia junto do altar de S. Pedro.

Os escudeiros, homem e mulher, trataram de estabelecer ali um botequim, que tinha o nome de — Botequim da Cascata — por ter ao fundo uma cascata em forma de chafariz, cujas taças eram adornadas com garrafas de licores, preparados pelo dono do café, entre os quaes havia um, que tinha muita procura, e a que elle dera o nome de licôr de — ratafia — que era côr de roza rubra, e levava este cochonilha.

Occupava este café todo o pavimento, que hoje serve de escriptorio, cujas portas estão transformadas em janellas. O mostrador, que corria de norte a sul, estava por baixo d'um arco, em cujas pilastras havia duas carrancas com uma concha de

madeira que servia de taça e com torneiras na bocca; uma dava agua fria, outra agua quente. Tudo isto era obra do tal escudeiro, que era homem muito engenhoso, para o que lhe sobrava sempre muito tempo.

Em 1847, durante a guerra civil, chamada da Patoleia, o café, há pouco montado, fez muito negocio mormente na passagem das tropas por esta villa.

Em 1850, pouco mais ou menos, não podendo os escudeiros com as despezas de uma demanda que o herdeiro da fidalga instaurou contra elles por causa da compra da caza, tiveram de vende-la, estando o processo na Relação do Porto, e em que elles eram os appellados.

Levaram o botequim para Braga onde se installaram na rua dos Chãos de Cima, hoje rua de S. Vicente, e lá morreram todos trez — mãe — filha e genro.

Estão sepultados na Igreja dos Terceiros d'aquella cidade. Pobre gente!... e pobre cão!...

## FIGURAS, TIPOS E COISAS

No Brasil entre naturais e estrangeiros ouvem-se a miude ditos com uma feição chocarreira.

Uma a juntar a muitas.

Um cidadão chamado Juca Pireira, carioca, de verdade, foi, à queima roupa, informado duma notícia desagradável. Que a Esposa tinha sido atropelada em Niterói.

O desenfeliz corre para a barca de travessia, dirigindo-se à cidade fronteira, excitado, vendo já tudo pelo pior! Os vinte minutos da travessia pareceram-lhe anos!

Desembarca, meio tonto! Fica, porém calmo reflectindo na sua precipitação.

Raciocina! Eu não sou Juca Pireira, não sou casado e não moro em Niterói. Que besteira!

E em vez de tomar um calmante, bebeu uma perfumada chávena de café.

Em polémica jornalística certo camarada não se quis defender dum ataque por meio da pena. Optou pelo muque...

Não conhecia pessoalmente quem o atacou.

Mas quando se lamuriava alguém lhe apontou, a certa distância, o autor, pela certa, da diatribe.

Precipitou-se. Estando dois indivíduos juntos dirigiu-se àquele que lhe foi apontado, mas com uma atitude agressiva e com um vozeirão de trovoada. E de repente pergunta:

—« O Sr. foi quem escreveu uma verrina contra mim, fulano de tal, no semanário cá da terra ».

Vendo-o com tal arremetida o interrogado, *portuguesinho valente*, sem lhe medir as consequências, disse, carrancudo, que sim:

Recebeu logo um valente supapo e desatou a rir. Porém o companheiro, que estava junto, chamou-lhe cobarde por não se desafrontar.

E o esbofeteado:

—« Cobarde? Eu o que não sou é o tal autor do artigo... »

E nova gargalhada...

## «Barcellos ha 50 annos (1)»

○ S croquis tirados do natural, pelo nosso apreciavel patricio Antonio Candido da Cunha, talentoso professor livre de dezenho, alumno distincto de bellas artes que vae cultivar no «salon» de Paris, aonde dará honra á terra, que o viu nascer, e abertos, em madeira, pelo nosso hospede e



dilecto amigo Domingos Coelho, um moço tão illustrado como modesto, um genio artistico de alto quilate, e que hoje illustram as paginas d'este numero da «Lagrima» representando a Capella de Santa Martha, e a casa da quinta d'este nome, na

(1) Há mais de meio século. Datada de Outubro de 1894.



visinha freguezia de Arcuzello, forneceram-me o objectivo para esta chronica.

Todos aqui conhecem a capella de Santa Martha, que ahi está a cavalleiro da linha de ferro junto da estação de Barcellos.

Não me proponho hoje fazer reproduções historicas da origem da capella, que tendo sido propriedade da antiga comenda de Chavão, tem a sua historia em os antigos chronistas. Fallarei apenas, como é meu proposito, de como ha cincoenta annos se cultivava ali a devoção para com a Santa Irmã de Lázaro e de Maria Magdalena. A metade fragil do genero humano, e, que, por felicidade sua, abraça a Religião Catholica, é muito devota de Santa Martha.

Lá d'onde é que lhe vem esta devoção, não nos é dado metter o nariz.

Como aqui por perto não houvesse ponto de romarias a Santa Martha, senão na montanha da Falperra, a nossa Santa Marta de Arcuzello tinha farta concorrência de romeiros, principalmente na vespera do dia da sua festa, que é a 29 de julho.

Havia ali, em um vasto terreno bravo e seive fronteiro á capella, arraial, em que tocava a banda Barcellense; e se queimava muito fogo solto e preso na noite do dia 28 de julho.

Pode dizer-se,— que Barcellos se despovoava para ir gosar o arraial em Santa Marta: ficavam apenas em casa as creanças e os velhos; eu nunca lá fui, porque me não deixavam; apenas via da janella os foguetes, que subiam acima dos pinheiros da cerca do hospital; ouvia tocar a muzica, e esperava que os mais velhos chegassem da romaria.

Rara era a familia de Barcellos, que, n'aquella noite, não fosse ceiar á romaria de Santa Martha. Cada grupo, que marchava para ali, Granja fóra, illuminado por um luar claro e quente, levava comsigo o dilecto cesto da ceíta acompanhado pelo enorme cangeirão do rascante de primeira lagarada, sem baga, nem coisa, que o valesse.

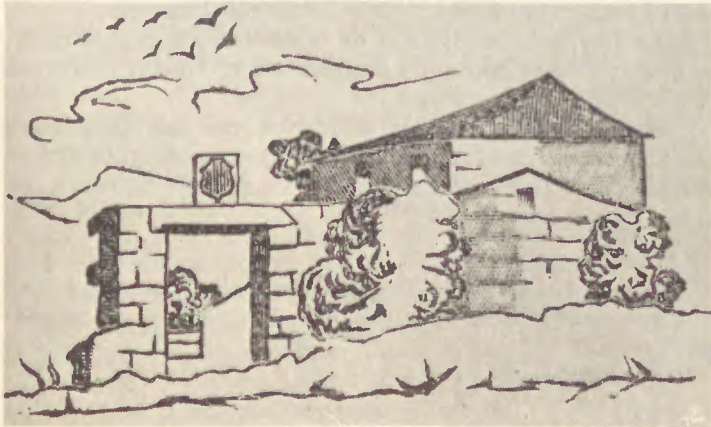
Havia ali tascas com fornos, e pipas de vinho; mezas de dôce em barda, alguidares de tremoços, cestos de trigo e de rosca, descantes de Manueis d'aldeia e grupos de tricanas da villa cantando o S. João, o que tudo se ouvia distinctamente no Campo da Feira.

O melhor da romaria era até ao fim das ceias, por que o vinho, faltando nas canecas, sobrava nas cabeças; e era certa e sabida rija marmeleirada entre os romeiros, obrigando a despejar-se o terreiro do arraial em poucos minutos. O ultimo acto

era terrivel; e, por isso, a romaria foi perdendo a ponto que veio a acabar por dissolução de partes.

Data de ha bons cincoenta annos o golpe mortal na romaria. Eis o facto.

No mais *dolce farniente* e acalorado enthusiasmo comiam, e bebiam rijamente, os differentes grupos estendidos na relva do monte de Santa Martha aqui e ali, em volta das toalhas brancas, cobertas de bons petiscos e matisadas de pratos e de copos com o bello rascante de 15 reis cada meia, quando o regedor de Arcuzello, que então era um tal João d'Amaro, passava pelo meio da romaria policiando o arraial com os seus cabos armados com malhos, como se aquilo fosse uma eirada de centeiro para malhar!



Entre as differentes ceatas estava uma a ser saboreada por Faustino José de Lima, seu filho João Evangelista de Lima, Agostinho José de Azevedo e Manuel Gomes Forte, todos d'esta villa, e muito conhecidos todos. O Faustino, que era então o regedor da villa, botou dito picante ao seu collega d'Arcuzello pela forma como elle havia ordenado o armamento da sua policia. João d'Amaro, que estava dentro dos limites da sua alçada auctoritaria, responde azedamente a Faustino, que não era homem pequeno, nem de meias medidas, e, n'um pulo, agarra do seu marmeleiro e estende por terra João d'Amaro; os outros companheiros, todos tezos, seguem o seu amigo, e, cahindo sobre os malhadores, pozeram-nos em Aveiro sem sapatos.

Calcule-se a confusão, o sobresalto, a desordem e a complicação do barulho, que tomou umas proporções verdadeiramente horríveis! Os gritos confundiam-se com as pauladas dos malhos e dos marmeleiros; e, quando tudo estava envolvido em uma terrível pavorosa, ouve-se a detonação de um tiro de espingarda, que, não tendo attingido ninguém, poz em fuga acelerada tudo quanto ali estava de fraco e de corajoso. Foi um dár de terra para feijões, uma confusão indescriptivel, como facilmente se pode conceber.

As senhoras, e todas as pessoas, que eram encarregadas de preparar as ceias, é que se viram n'ellas, para salvarem as loiças, os vidros e os restos dos petiscos, que estavam a meio caminho do seu destino. Está aí viva ainda uma senhora, que se viu n'estes apertos; é a sr.<sup>a</sup> D. Izabel Florencia de Souza Pereira, sogra do meu velho amigo Manuel Antonio Esteves.

Data d'aqui o esphacelo da romaria, que nunca mais foi concorrida; e que morreu completamente haverá uns trinta e quatro a trinta e cinco annos.

Como o espaço de que dispomos, não me deixa alongar mais, ficarei aqui por hoje; promettendo, na chronica seguinte, continuar com o mesmo assumpto. O que foi aquella capellinha, e o que é hoje!!.

---

N. B. — Mercê da Família Dr. José Júlio Vieira Ramos eu, felizmente, pude aproveitar das ruínas da capela tudo aquilo que se vê no « Museu Arqueológico ».

Repito, felizmente!

## Uma saudação feita por... «um faccioso»

**A**NTÔNIO CÂNDIDO disse um dia que nunca foi orador espontâneo!

Julguei que esta festa se realizaria em Esposende, e, portanto, tinha tomado, a modos dele, uns apontamentos. Se realmente se realizasse ali, na terra do meu amigo — o publicista Manuel Boaventura ao nosso lado — começaria assim: Senhores: Perto, num largo, vê-se o busto em bronze, que perpetua a memória de Sampaio da «Revolução». Lembro-me dos comentários que o mesmo fez a respeito de dois parlamentares: «Fulano quanto mais grita e mais berra, menos se ouve; Sicrano tem o talento de dizer banalidades»...

Não vou *berrar*... Anseio não *banalizar* o conceito das minhas palavras nesta festa de devida homenagem ao Sr. Prior de Barcelos — Alfredo Rocha — nesta data, aniversariante.

Um colega dos meus amigos presentes: Drs. Mário Norton, Américo de Figueiredo e Alexandre Sá Carneiro, que passou despercebido como jurista, escreveu, porém, um livro que o notabilizou, intitulado *Fisiologie du goute*. Nele venceu este conceito: «O animal pasta, o homem come, mas só o homem de espírito janta».

Assim nós, aqui, estamos a *jantar*...

Portanto, dentro desta categoria, divagarei com pretensões de facilitar a digestão do delicioso ágape.

Estou presente como católico, como paroquiano e como amigo. Não posso ser juiz nesta causa... Sigo as doutrinas de Cristo não por atavismo e sim com consciência religiosa.

A quando das eleições do Chefe do Estado em que era candidato o General Norton de Matos, um padre desviado da órbita tolerante de Cristo, em ar carrancudo de polícia da Secreta, disse-me cobras e lagartos, depreciativos de tão notável colonialista.



Objectei-lhe que, num Congresso Missionário, um orador sacro de hierarquia elevada, salientou as suas boas qualidades na actividade que manteve na África, em benefício das Ordens Religiosas.

Demais isto sempre fora verificado nos artigos de sua pena. Pois Sua Reverência qualificou-me de «faccioso».

E já agora careço, Srs., de provar que nunca fui «faccioso».

Na altura em que não era muito cómodo afoitar-me a certas divagações, e numa gazeta de sabor democrático, ataquei a Lei de Separação, chegando à ousadia de a considerar anti-científica. E verifiquei que assim era, pois os meus correligionários a corrigiram das asperezas.

Quando vereador da Câmara, em sessão, protestei contra a prisão do Cónego Gaiolas, por me ter chocado a escolha dum dia de mercado semanal e dar-se no percurso preferência à rua mais movimentada e, demais, com força militar escusada!

No momento, um edil muito honrado e que nenhum proveito material colheu, antes prejuízos do seu acrisolado amor à República, interveio, informando-me que tinha sofrido vexame assemelhante e que esteve muito tempo a ferros.

Obtemperei-lhe que se nos compreendíamos senhores de um ideal mais generoso, por que havíamos de imitar tão maus exemplos?

O saudoso Dr. Miguel Fonseca, Presidente, frisou que o assunto não era de molde a tratar-se, por ser alheio à sessão.

Perguntei-lhe, em seguida:

Qual é a lei que civicamente me proibia de assim falar?

Reuniamo-nos no Teatro Gil Vicente, em jantar de confraternização, nós, os republicanos vitoriosos dos da gente do honrado e patriota Paiva Couceiro (sempre a verdade!) e falei do entusiasmo que nos dominava.

Pedi benevolência para os adversários políticos presos, bem perto de nós, não como criminosos comuns. Sei que as minhas palavras caíram bem e tive o gosto até de ser abraçado pelo comandante da força militar aqui em serviço, nessa altura.

Mas não pára aqui o meu «facciosismo». Dali a dias, na Administração onde nos reuníamos para expurgar dos lugares os monárquicos, dei logo o meu assentimento, assim:

Devemos começar pelo Sr. Dr. José de Castro Figueiredo Faria e nunca pelo pobre escriptor Vilas...



Ouvem-se frases :

É bolchevista; é maçã; é Jesuíta... Como se elas sempre tivessem o verdadeiro significado, claro, desligadas dos actos ou factos!

Sr. Prior! Esta festa não devia, em rigor, consentir estes considerandos.

Quis, porém, provar que não sou e nunca fui « faccioso » e, menos, « sectário ».

Aos jovens presentes ilucido que jamais entrei num lar, pela primeira vez, curando de saber as ideias dominantes dos donos da casa em qualquer sector, por me parecer isto uma espécie de cobardia. Suponho, que sim.

Termino com os meus cumprimentos, pedindo-lhe, Sr. Prior, que se acerque dos maus para os tornar bons, e se junte aos bons para que se mantenham como tais. A minha divisa na vida tem sido ser coerente e prudente. Contou-me o Padre Alves Correia que, ao publicar um livro sobre S. Francisco, recebeu preciosa colaboração dos *Vermelhos*.

Que no Templo, na Assembleia, nos Cafés, em toda a parte, irradie simpatia e bondade.

Escusava de lhe dizer que desejo que Deus lhe prolongue os anos, mas nunca tenha a doentia preocupação de um seu superior hierárquico, um Prelado, que ao atingir os 76 receava ser acometido a todo o momento de um insulto apopléctico. Estava sempre receoso de ficar leso. Jogava ele o xadrez com uma culta e espirituosa fidalga e, a certa altura, começa a suar e a empalidecer, pondo as mãos sob a mesa, o que não passou despercebido à parceira, quando disse: « Excelentíssima, cá está o mal. Tenho a perna direita insensível, morta! Acabo de lhe dar um beliscão e nada senti ». A Dama levanta-se, beija-lhe respeitosamente o anel prelatício e acalma-o: « O beliscão foi dado não na Sua, mas numa das minhas pernas ».

## FIGURAS, TIPOS E COISAS

Quando eu era fotógrafo do Observatório Astronómico e Meteorológico do Rio de Janeiro, empenhava-me certa tarde em saber das probabilidades do tempo, no dia seguinte. Aqui convém dizer que, nos Observatórios, há aparelhagens sem fim: para se saber com certeza matemática — temperaturas, velocidades dos ventos, quantidade de chuva caída, horas em que houve sol sem nuvens, *Etc.*

Era um sábado. Interroguei o Director, H. Morize. Este sorriu e disse-me: « Pergunte-me na segunda-feira ».

Alguém também perguntou a Mariano Carvalho, quando era Director do nosso Observatório da Ajuda, como fazia os prognósticos do tempo:

Foi lesto na resposta: « Vou ao Borda d'Água e onde vejo bom tempo ponho mau, e onde está mau ponho bom... e às vezes acerto, nos boletins que publico ».

Uma espécie de lotaria...

No tempo que fui militar havia um soldado analfabeto que tinha a alcunha de « Maluqueza ». Mas distinguiu-se entre os camaradas pelas suas saídas no paleio...

Andava ele a passear perto do quartel e uma mulher do povo, com uma carta na mão, pediu-lhe para a ler e eis a sua saída:

« Mulher, eu não sei ler letra *paizana*... ».

Tive relações no Brasil com um alfaiate, natural de Braga, Domingos Leite. Muito apaixonado por assuntos gramaticais e metendo bedelho em questões linguísticas com professores de um Ginásio, que o apreciavam, como verifiquei.

Dele fixei este conceito:

« A gente quando aceita um amigo é com os defeitos e virtudes que tem ».

Assim penso, salvo quando esses defeitos bradem aos céus...

Vou repetir o que lhe ouvi, cheio de espírito.

Acercou-se dele uma mendiga, negra como azeviche, esmolando. Foi atendida, e, em agradecimento, exclama:

« Sê Dominginhos eu pedirei ao Sinhó por você ».

Num repente, o Leite, meio *esturrado*:

« Que importância tem você perante Deus a pedir-lhe benefícios para mim, se Deus a deixa andar nesse miserável estado!... »

## O «Abade de Tregosa»

... **S**EJA o Abade José de Passos, que foi muito das minhas simpatias.

Em política acertamos o passo quanto a tolerância e respeito sob ideias antagônicas...

Era de mediana corpulência, acusando esta um deficit de carne.

Pele tostada, parece que por muita solarização.

Temperamento vibrátil.

Nos últimos tempos, antes de morrer, usava um fraque apoucado de fazenda, vendo-se aparentemente constrangido dentro dele...

Muito devotado ao cultivo das boas relações sociais, mercê de uma lealdade exemplar.

Versejava de vez em quando e modestamente lia aos íntimos as suas produções, em regra não lhes dando publicidade, parando no limbo.

A sua voz era afônica o que contrariava o êxito na sermoneira; aliás de uma inteligência vivaz.

Certa noite na sua residência paroquial, que foi abrigo defensivo de adversos no período da *Intentona*, informou-me que tinha, no dia seguinte, de matinar e na missa o tema seria o das *Almas*.

Surrateiro, madruguei, e, localizei-me no coro para o apreciar. Não perdi o tempo! A igreja repleta de fiéis.

Ora vou registrar aquilo que lhe ouvi.

Falou a modos de um Chefe de Família, numa linguagem de absoluta compreensão.

«...Lembro-vos, começou, meus caros irmãos, que deveis trabalhar para este Mundo como se tiverdes de viver sempre e, como Cristãos, para o Outro, como se tiverdes de morrer amanhã. Confrange-me dizer-vos que nem sempre esta doutrina é observada.

Num e noutro caso verifico uma espécie de avareza, coisa condenável, desde que se trate de *herança*... Em vez de lágrimas e orações, adivinho o pensamento na *herança*, estando ainda quente o cadáver!

Mas meditai! A *história* repete-se... Amanhã, o corpo de um de vós ainda há-de estar meio rígido e outros estarão a pensar na *talhada*...

Terminando: A minha longa experiência de Pastor de almas ensinou-me que não há um só mortal que ao falecer *feche as mãos*. Ao extinguir-se abre-as bem, como que a significar que deixa tudo na Terra!

Tirai disto uma lição proveitosa!»

Sempre de harmonia com a fisionomia deste livro, com o título dominante de «ETC.», vou relatar o que vi e ouvi, que se me fosse contado por outrem me parecia inverosímil. Pura verdade!

Tinha o bom Abade um cão dedicado e disciplinado. Por ocasião da Páscoa, no Passal, num banco e sobre a sua superfície, colocou três rações: uma de pão de Ló, outra de trigo e ainda outra de milho, da esquerda da nossa visão, isto é, da direita para a esquerda, espaçadas.

O cão, assentado, imóvel, ao nosso lado, como que *marcado*. E a uma voz de comando, do Abade:

«Avança, *Maroto*».

E pela ordem de disposição, sim, da esquerda para a direita, comeu os petiscos...

Mas nova experiência. Agora colocou tudo não da esquerda para a direita e sim da direita para a esquerda; seja, primeiro o pão leve, depois o pão de trigo e, por fim, o de milho.

Pois o Maroto seguiu as suas preferências, não quis saber se de direita se de esquerda, foi logo de entrada pelo pão de Margaride!

A respeito deste paladar animalejo «que digam os sábios da Escritura que segredos são estes da Natura».



## FIGURAS, TIPOS E COISAS

O Dr. Luiz Ferreira, médico, era duma feição simpaticamente popular como o Dr. Teotónio Fonseca.

Em determinado dia um indivíduo consultou-o, abusivamente, com respeito a complicada doença, abeirando-se dele pelas alturas da Porta Nova. E, o Dr. Ferreira, a passo lento, entravado pelo reumatismo, foi-o ouvindo sem proferir palavra, desde o local em referência até à entrada de casa, que era no Campo de S. José, sempre de boca fechada; e, no momento da despedida, o doente:

— «Então o Sr. Dr. não me receita nada?»

O médico, sorridente:

— «Olhe... tome uma coisa que não lhe faça mal».

\*

Não têm fim as histórias, no Brasil.

Por ocasião da 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> feira da Paixão os comboios chegam e partem das estações do Caminho de Ferro, sem sinalização sonora. *Silêncio de morte!*

Uma portuguesa, estranhou esse silêncio e interrogou o revisor, perguntando por que não se ouviam, como de costume os sons regulamentares da campainha.

Foi assim informada:

— «Então você não sabe que morreu Nosso Senhor?»

Ela, ingenuamente:

— «Eu nem sequer soube que esteve doente...»

\*

O falecido Padre Agostinho Matos tinha um feitio muito especial. Ninguém melhor talhado para pastorear almas no meio minhoto. Quando reitorava a freguesia de Manhente, na propriedade dum parquiano, deu-se à conversa sobre o ano agrícola. O tema foi o vinho.

Lamuriava-se o lavrador da pouquez do verdasco, visto que as castas predominantes tinham sido duma aneza minguada. O reitor com ar prazenteiro perguntou-lhe quantas pipas colheu, e foi logo informado que poucas. Evangêlicamente, consolou-o.

— «Homem. Não estejas triste! Pensa nos que nada têm. Lembro-te isto. Vendes duas para os teus arranjos. Deixa uma para ti e para tua mulher. Faz meia pipa de meio vinho para um amigo que te visite — e, em resumo, um conselho prático, para realizares grande economia. Tens ali o poço, deita no fundo dele todo o bagaço e, desta maneira, tu a balde, tiras do fundo água-pé todo o ano, para consumo do teu pessoal».

## «Barcellos ha 50 annos (1)»

**P**ROSEGUIMOS hoje com a historia da Capellinha de Santa Martha, de ha cincoenta annos para cá.

Era, como dissemos, a nossa Santa Martha d'Arcuzello muito venerada por seus numerosissimos devotos. Havia ali, na capellinha, uma missa rezada todos os domingos e dias santificados, e foi seu ultimo capellão o rev.<sup>o</sup> Antonio do Porto Paiva, egresso franciscano, meu saudosissimo e venerando professor de instrucção primaria, portuguez, francez e inglez, em cujas linguas era versadissimo; o padre mais illustrado e mais modesto, que eu tenho conhecido n'este concelho de Barcellos. Pois era este thezouro de saber e de virtudes, que aí vivia n'um casebre qualquer, no Campo de S. José, que, ao sahir do côro no Bom Jesus da Cruz aonde era capellão coreiro, ía dizer missa á capella de Santa Martha, e não raro levava um dos seus discipulos para lhe ajudar á missa. Lá foi muitas vezes Manuel Leite, Joaquim Leite, Joaquim Paes e Evaristo Barroso, que todos foram discipulos d'elle nos seus ultimos annos de leccionamento.

Quem sustentava esta missa, é o que eu não sei.

Não raro haviam ali missas solemnes em cumprimento de votos feitos á Padroeira da capellinha.

Não errarei ao dizer, que a ultima missa solemne, que ali se celebrou, foi no dia 8 de setembro de 1859 em satisfação de um voto feito pela sr.<sup>a</sup> D. Suzana Dourado de Figueirêdo, saudosa e sempre lembrada tia materna do amigo mais inseparavel, que eu tenho. Foi celebrante o padre José Vieira de Souza Coutinho, que falleceu abbade de Requião; acolytou diacono o padre José Villas, e de subdiacono o padre Antonio Paes, que então tinha apenas o grau de subdiacono, e, creio que foi então

(1) Há mais de meio século. Datada de Novembro de 1894.

que elle exerceu aquella ordem pela primeira vez. Os tres levitas, todos muito novos e muito dados, estiveram perto de tirar a maior seriedade a um acto tão solemne; por que, ao padre Villas principiar a cantar o Evangelho — « Liber generationis Jesu Christi filii David » — os dous, celebrante e subdiacono, principiam de sorrir-se, o que se contagiou ao proprio cantante, e esteve aquillo a descambar em uma gargalhada geral. A capella já então estava mal venerada, e tanto que foi preciso pôr-lhe alguns adornos cujo serviço foi encarregado a Bôaventura José da Silva, servo do Senhor da Cruz. Foram officiantes o parochio da freguezia d'Arcuzello, padres João Fernandes, João Jeronymo Pereira do Valle e Bento José Barbosa; estes dous ultimos acompanharam a missa a canto-chão, e dos primeiros um era mestre de ceremonias, e o outro thuriferario.

Não me consta, que ali se celebrasse outra missa solemne. A capella está hoje votada ao mais odiento abandono, desprezada, profanada, e entregue ao serviço de coberto de despejos.

Era a capella de Santa Martha o atractivo para que muitas pessoas da villa por ali fossem dar os seus passeios aos domingos, indo pela Granja e regressando pela Pedra do Couto. Dous amadores d'este passeio, e devotos de Santa Martha, que, invariavelmente todos os dias, sem faltar um só, faziam este passeio, e iam rezar a Santa Martha, eram os dous velhotes, e amigos velhos, Manuel Sebastião Rodrigues da Cunha, negociante, morador na caza que é hoje do meu amigo Secundino Esteves, e João do campo da Feira, ou João da loja, assim conhecido, que morava na caza, que hoje pertence, depois de reconstruida de novo, aos herdeiros do meu saudoso amigo Custodio Rodrigues Leite.

Ao declinar da tarde sahia Manuel Sebastião montado em dous enormes tamancos, que pareciam duas carretas: meias de lã, de pizão, até ao joelho; um enorme capote de portinholas e de enorme golla, encimado por uma cartolla fina, que ameaça devassar os segredos da lua, dirigia-se á porta de João do campo da Feira, que, com trage em tudo igual, se abeirava do seu amigo e companheiro; e lá atravessava, aquelle par de velhos, respeitaveis e respeitados, o campo da Feira em direcção á Granja, seguindo até á capella de Santa Martha, aonde faziam oração; e de lá voltavam pela Pedra do Couto ao embocar da noite, deixando Manuel Sebastião o seu amigo em caza, á hora de ensacar a ceia, que lhe vinha feita de caza de Maria Ventura, e

recolhendo-se elle para cear tambem, fazer em seguida as suas orações, dár cavaco, com a mesma toilette do passeio, pelas lojas dos negociantes visinhos, e, a horas do toque de recolher no sino da cadeia, entregar-se nas mãos de Morpheu, para que, ao outro dia, repetisse, ás mesmas horas, a mesmíssima coisa do dia antecedente. Os dous peregrinos á Santa Martha, em dias de chuva, levavam, cada um, o seu enorme guarda-chuva de panninho vermelho, com varas de barba de baleia e castão com uma figa de osso, como então se usava; e, em dias claros, uzavam grandes bengallas de cana com castão de prata. Conser-varam sempre este costume, até á quebra do João do campo da Feira, que foi tido sempre pelo negociante mais endinheirado de Barcellos, e que veio a acabar miseravelmente; facto que surpreheendeu toda a gente da villa, e que impressionou de tal módo o seu intimo e velho amigo Manuel Sebastião, que, pôde dizer-se, que nunca mais teve saúde.

Havia na capella, e perto do altar, um buraco na parede aonde, diziam, ouvia a corrente do rio Jordão quem ali applicasse o ouvido; de módo que muitos eram os que cahiam na esparrella; e a surpresa da corrente do Jordão transformava-se-lhes em uma grande cabeçada contra a pedraria da parede. Com a abertura da linha de ferro pelo monte a Santa Martha, aquillo está tudo transformado; e a velhinha capella tem vergonha de que a vejam, occultando-se mais acima, e aconchegando-se para a sombra de arvores e de silvas, que lhe vão encobrendo a sua nudez, o seu esphacello e a sua tristíssima degradação. Os gemidos que a capellinha solta ao desconjuntarem-se-lhe os membros, produzirão no espaço o echo das mais desagradaveis dissonancias?

Creemos, que sim. . . . .





## Joaquim José de Oliveira

**A** sua compleição física era desde o *rés do chão* às *águas fur-tadas*, dum elegante equilíbrio. Bigode a meio termo... da moda. Olhos levemente azulados, de expressão doce, de harmonia com o seu semblante, « alegre e prazenteiro ».

Casou-se com uma Senhora provinda de lar cristão, linda, boa, modesta, que se identificou amoravelmente com o temperamento vibrátil do Marido.

Morreu!

Volvidos anos, por imposições da Vida, consorciou-se novamente. E, ó milagre! Achou uma Companheira que logo se adaptou ao ambiente. Inteligente, observadora! Foi modelo exemplar de bom senso.

Havendo filhos do primeiro consórcio e, depois, nascidos outros do segundo, nem num só caso se pronunciou em detrimento, entre eles, a mal sonora palavra *Madrasta!*

Os Filhos de ambos os matrimónios, referindo-me somente aos masculinos: — o Padre José de Oliveira; o Farmacêutico Dr. Ilídio de Oliveira, e o Prof. da Escola de Farmácia, Joaquim José de Oliveira, caracterizo-os quanto a carácter e a sinceridade, assim: « não mandarem dizer por outrem » o que pensam e o que sentem!

Quero sublinhar que Joaquim José de Oliveira quando na sua farmácia entregava os remédios, manipulados por si, fazia-o com um modo aliciante dando ânimo e esperança!

Feitas estas escapadelas referenciais, sempre de harmonia com o carácter deste livro, vou contar que, durante a minha longa vida, nunca registei em Barcelos e seu Concelho exemplo semelhante àquele que se observava nos célebres *sarrabulhos* na sua Casa, em Viatodos. Isto é, reunir propositadamente na sua mesa uma selecção de Amigos com matizes políticos muito diversos. As 200 páginas deste livro não dão folga para os

nomear. Confrange-me o coração pensar que isto actualmente seria difficil!

Mas, felizmente para ele, era comprehendido por antagonistas e dos de nome!

Assim, sendo Presidente de Ministério o Dr. José Domingues dos Santos, não curando de saber do enraizado monarchismo de J. Oliveira, visitava-o. Também outro democrático, ex-ministro, o Dr. Alfredo de Sousa era um afeiçoado a tão leal conservador! E num período de perseguições, deu preferência ao agasalho da acolhedora Casa da Isabelinha!

Era seu hóspede na data em que se julgava vitoriosa a Gente de Paiva Couceiro. A sala regorgitava de affectos! Champanhe à vista. Saliento a sua delicadeza. Parece-me que, presente, como adversário, somente este rabiscador...

Sentia-me inadequado ao ambiente!

O entusiasmo era notório!

Joaquim Oliveira, arguto, delicado, fitando-me, num rasgo, mandando-me servir champanhe, exclama:

« Srs.: Para que Augusto Soucasaux possa, sem constrangimento, elevar a sua taça, peço que todos bebamos pelas felicidades de Portugal Eterno! »

Que espírito de tolerância e de isenção de facciosismo!  
Recordo-o sempre com o espírito e com o coração!

## Eduardo Lima

**T**ENHO de ser apressado... Dar neste livro impressões fugidias daqueles que entendo estarem dentro do carácter da obra... aproveitando do seu todo aquilo que de espírito deixaram nos actos e nas palavras.

Eduardo Lima na realidade foi de boa patente.

A época da sua existência vital era um alfôbre de bons boémios, aos quais pertencia dentro de um especial diapasão.

Foi bom Chefe de Família e excelente Homem de Sociedade.

Cultivou a Música e na guitarra executava fados que enchiam o vasio das almas!

Num célebre incêndio em 6 de Maio de 1852, às 23 horas, por uma abnegada e *bombeiral* attitude sua, conseguiu modificar para muito melhor, a sua posição hierárquica... Era ele um modesto Fiscal do Sabão.

Manifestou-se fogo no prédio dos Simões, actualmente conhecido como da Família Salazar, à Rua Barjona de Freitas, no momento em que eram hóspedes D. Maria II e D. Fernando.

Eduardo Lima, abnegado, esgotou-se no serviço dos salvados. Na balbúrdia, por pronta compreensão, pôs de guarda uma bengala de ouro, tendo valor material e artístico — sublimada por ser uma delicada recordação.

E nada de atalhos... Sigo uma recta...

Nos casos amorosos não é « a distância mais curta » conforme Eça...

Com a entrega a El-Rei do precioso objecto surgiu uma compensação. Era dali a nada especialmente criada, em Barcelos, uma escrivania do 6.º Ofício, e da qual foi nomeado Chefe.

Funcionou no fronteiriço prédio de ângulo, em frente ao habitado hoje pela Família Norton, que tem uma moderada mas graciosa aparência habitacional.

Eduardo Lima deixou na « Lágrima » coisas soltas que eram um sarilho de disparates intencionalmente escritas para a gargalhada.

\*

Transcrevo o relato de um casamento em que ele superiormente conservou o encanto do fraseado, sem sujeição de intercâmbio... que muito me encanta reler.

Prosa que tem sabor a lua de mel...

Segue com a ortografia própria :

Leiam :

« Um casamento engalhinhado... »

Em 29 do passado mez d'agosto na Igreja de Panque e Mondim, d'este concelho, appareceram dois noivos para se matrimoniarem. Elle, de 72 annos, rijo como o carvalho do norte, mas com o coração flexivel como uma varinha de salgueiro : ella, de 44, fresca como uma melancia e capaz de ficar viuva tres veses...

Na sachristia, o noivo :

— Sr. abba-de, aqui estou e maila noiva p'ra me arreceber assim que tiver maré.

— Sim senhor. Traz v. os direitos que me pertencem, a gallinha e o molléte ?

— O molléte está aqui, a gallinha... dou-a ó despois.

— Tenha paciencia, vá busca-la.

— Pois então vou por ella.

Foi a casa. A capoeira estava vazia ; as gallinhas esgravunchavam pelos campos immediatos. Chama por ellas :

— Pipi pipi pipi. Diabos vos levem, quando vós sondes precisas não aparceides.

Foi, desesperado, a casa d'uma visinha :

— Maria ? Maria ?

— Quem é ?

— Sou eu : olha se me emprestas uma gallinha, porque fui agora p'ra m'arreceber, porém o padre quer já os dreitos todos.

— As minhas soltei-as pula minhão ; mas estão ali duas na capoeira a pôr : espera.

E foi buscar uma, entregando-a ao noivo. Este leva-a, mas no caminho foge-lhe das mãos correndo, porque não tinha as pernas atadas.

— Diabos levem o diabo e maila minha sorte. P'ra que m'alembrou casar segunda vez?

Corre á Igreja:

— Sr. abbade, tenha paciencia, faça favor de me casar; quinta-feira dou-lhe o bicho: venho desesperado porque o demonio fugiu-me quando eu estava já á beira do adro. Arre diabo!... arre diabo!... Antão ainda lhe digo mais: se não fosse por a noiva ficar mále já não queria saber de casamento. Sume-te pôrco sujo...

— Pois vá lá, mas custa-me bastante porque estou aqui de novo e não os quero pôr em fraco costume...

\*

Estão casados. Que lhes faça muito bom proveito! Oxalá que no decorrer da vida não appareça aos encarquilhadísimos velhos uma *gallinha* assim...

Nem pito...»



## FIGURAS, TIPOS E COISAS

Há 67 anos e no nosso mercado semanal, e por causa de tabelamento, o Conselheiro José Novais, como presidente da Câmara, escreveu num semanário da terra, a propósito dumas ordens dadas pelo administrador do concelho, o seguinte: « Que um vendedor lhe declarou em linguagem chã, mas de harmonia com os princípios constitucionais, em cuja violação não concordava, que o mesmo vendedor não se prontificava a vender o milho pelo preço taxado, dando como razão que ele era seu e não da autoridade ».

\*

O Dr. Rodrigo Veloso, há muito falecido, era Bibliófilo notável, Advogado de nome, senhor de três Bibliotecas, uma na Apúlia, outra em Curitelo e a grande, em Barcelos, enchendo desde o rés-do-chão até às águas-furtadas a Casa « Santa Maria » que hoje patrocina a insigne Sr.<sup>a</sup> D. Maria José Novais.

Animador dos novos no sentido de se instruírem! Muito lhe devo!

Mas para o leitor compreender o valor (lado material) dos seus livros, sou a informar que o catálogo da arrematação deles, aquando do leilão, em Lisboa, é taxado em mais de 250\$00!

Prestava-lhe serviços um carteiro, de sobrenome Brandão, nas horas livres da distribuição da correspondência.

Começou a sentir-se mal de saúde e o Dr. Rodrigo recomendou-o a um especialista da presumível doença.

Depois duma observação rigorosa, diagnóstico feito, o bilhetinho para a farmácia, o Dr. entra no campo da higiene e remata por lhe impôr uma vida activa.

— « Mecha-se; movimente-se; estão indicados os passeios ».

Qual o espanto do médico quando vê rir maliciosamente o cliente, que o informa:

«...Mas, Sr. Dr., eu sou carteiro e distribuo por toda a vila, três vezes por dia, a correspondência...»

## FÃO — ESPOSENDE

Cena representada em 20 de Agosto de 1939 na festa em beneficio dos Bombeiros Voluntários de Fão, realizada no edificio da Catequese, tendo como personagens: *Fão, Esposende e Banhista.*

### ESPOSENDE

(Entra acompanhado de Fão, gesticulando ambos) Vocês, os de Fão, se querem ter basófia, tragam para perto das casas, a praia distante ou, pelo menos, aproximem Fão do mar. . .

Raivosos! Possuíis uma praia como a de Esposende, de « Suave mar » ?

### FÃO

— A suavidade da ronca que, em noites de nevoeiro faz com que « as velhas amas », de que fala o poeta, não precisem cantar para adormecer crianças. . .

Tem graça o bairrismo da gente de Esposende a proclamar as excelências de uma praia que não lhe pertence. A praia não é da freguesia das Marinhas? É vossa?

### ESPOSENDE

— Muito cequinhos, fangueiros! Santa Luzia vos abra os olhos! Alambazam-se a pôr nos postais uma mentira na fotografia da Ponte, dizendo ser de Fão quando está edificada metade em terreno de Gandra! . . .

« Vedes um argueiro no olho do vizinho e não uma tranca no vosso ».

FÃO

— Olha quem fala!

O vosso cemitério esse não está metade em Esposende e outra metade em Gandra? Ainda há pouco um *desinfeliz* que bateu a bota (era pobre pé descalço) foi enterrado em sepultura que tinha sido aberta exactamente na divisória! E o cadáver, estendido, ficou com a cabeça para o lado de Esposende, e os pés para o lado de Gandra. Assim, no dia de Juízo final, quando tocar a trombeta (que em Esposende há-de ser a ronca marítima) uma vez ressuscitado, deve o camarada ficar atarantado sem saber qual a sua terra.

(Com decisão) Ponto final! Vocês a fim de adoçar a boca têm de recorrer aos pastéis *Clarinhas*. E, para orgulho dos de Fão, (com calor), em letras avantajadas, os anunciam na parede da « Havaneza ». (Voltam as costas um ao outro).

BANHISTA

(Que tem entrado e ouvido os últimos diálogos).

— Nós, os da Colónia, que aqui vimos achamos encanto nas duas terras, que ambas nos enchem de carinho. (Fão e Esposende já se têm voltado para o Banhista).

FÃO

— ... Desde que nós tenhamos o melhor quinhão...

BANHISTA

— Uma completa a outra... De cá a rusticidade de Nossa Senhora da Bonança; de lá a mancha fresca da verdura de Nossa Senhora da Saúde; no alto, dominante, avassaladora, a capelinha de S. Lourenço, da qual se expraia a vista num panorama de encantamento; ali, como que à mão, Gandra, que um pintor de fama, Cândido da Cunha, fixou em telas admiráveis. (Enternecido) De lá que maravilha é Fão, quando, em noites luarentas e sugestivas, o esmalte do casario se reflecte nos cris-

tais do Cávado, que um pouco adiante retrata a risonha vila de Esposende, salientada num cenário de magia; rio que beija carinhosamente as duas terras, como que a dizer que todos somos irmãos (com entusiasmo) filhos de Portugal!

FÃO

— Não sabia que as nossas terras eram tão lindas!

ESPOSENDE

— Nem eu.

FÃO

— Viva Esposende.

ESPOSENDE

— Viva Fão.

(CAI O PANO)





## O «Tenente Vale»

**D**URANTE o tempo que aqui permaneceu o 2.º Batalhão de Infantaria 20, bastantes oficiais conheci. Dois foram do meu agrado. Um já referenciado, Dr. Sousa Cristino, com cheiro pronunciado a Eça, sob certo aspecto. Outro, agora, na fileira, o Tenente Vale, que mesmo subindo de posto assim sempre foi conhecido. Na sua conversação tinha o estilo de Júlio César de Machado. *Folbetinesco!*

Casou com uma barcelense que o tornou feliz e foi, já reformado, morrer na sua linda casa de Vila Nova de Cerveira.

Nos repastos, de preferência no do jantar, evidenciava-se com requintes de elegância em palavras amenas, com sabor gracioso.

Hóspede de um hotel que funcionava no edifício hoje residência e propriedade da distinta Família Dr. Teotónio da Fonseca, mandado construir por uma parente de João Duarte, para o tempo um arrojo, num desses repastos lembrou-se de pôr à prova a compreensão e agilidade de um seu impedido. Mandou-o chamar e ordenou-lhe:

— Leva as minhas botas, que estão no quarto, ao Bento, sapateiro, para serem soladas.

E, dando tempo ao tempo, foi descrevendo o roteiro que devia estar seguindo o soldado, o qual marchava a mais do que os 120 passos por minuto da ordenança. Hoje diria-se que ia a nove e ilustrava os componentes do jantar, dos pontos que calcurreiava, o soldado.

— Meus Snrs.: Ouçam! O 39 está já neste instante na Travessa da Praça, na Rua Direita (agora esta D. António Barroso), a cumprir as minhas ordens.

Nisto, há um compasso de espera, ou cinco minutos de silêncio...

— Atendam, atendam! O impedido dá agora entrada na Calçada (hoje Porta Nova).

É um espírito observador; nada lhe escapa, para, sendo necessário, contar tudo que viu, mesmo vindo com velocidade adquirida...

Logo de entrada, ouçam, lobrica a capela de S. Tiago. (Demolida).

Apegado, a Loja do Diabo, que, por sinal, tinha uma filha anjo celestial! Ao balcão, sordidamente sujo, o Compra, usuário integral. (O espaço que era ocupado, pela Loja e capela, é onde o José Moreira da Costa e sócio Armindo Martins têm o seu estabelecimento).

A seguir, a Farmácia Cruz. Mais tarde, pela morte deste, mudou de disco e passou a intitular-se do José da Botica, um Zé com fé de menos no unguento de soldado ou na pomada, para as lêndeas, que manipulava... (Desapareceu. Hoje Farmácia Pacheco).

Agora, à vista, a Merceria João José de Oliveira, honrado republicano que sacrificou a venda do fiel amigo em proveito da prosa afogueada de João Chagas... No nicho nada de Santo António e sim o busto da República engrinaldado com alhos... (Presentemente ergue-se um prédio para a exploração do mesmo ramo de negócio).

Oito passos andados, a Loja de Fazendas Alves. Pela certa, o grupo sabido, Domingos Carreira, João Pires do Silva, Augusto Melo e, sem dúvida, Joaquim Vieira, a dissertar sobre a dança, em que era mestre.

Paredes meias, a Loja de Fazendas de Manuel António Esteves, pessoa talvez a mais conhecida do concelho; popularíssimo! O centro regenerador. Presente, Conselheiro José Novais, José Duarte, Dr. Alvares da Silva, João Maciel e outros. (Nesta altura a levantar-se um edificio com arrancadas modernas, por José de Beça).

Temos, achegada, ainda outra, de Manuel Luís da Silva Falcão. Atendendo à clientela, o João Machado, que nas horas vagas, que sobrenadavam, escrevia numa gazeta. Assentados, dois, o Cónego Alves Mendes, orador de fama e o Maestro Miguel Ângelo. (Actualmente, Sapataria Cunha).

Ainda mais outra Loja, conhecida pelo dos Gatos, do bondoso Joaquim Barroso, que se celebrizou por ser meu padrinho de baptismo... (Nesta data Agência do Banco Pinto & Sotto-Mayor).

Finalmente deixa à esquina a Casa dos Duartes. (Onde está a Confeitaria Colonial).

Cheio de entusiasmo, o Tenente :

O meu *impedido* já envereda pela estrada do Campo da Feira, em linha recta, chega sem olhar, agora, para os lados, em marcha acelerada. Já o temos, por um tris, à vista. Entrou no Campo dos Touros. (Actualmente Campo 5 de Outubro).

Sinto-lhe os passos!

Caramba! Ninguém tem um *impedido* como o meu 39!

.....  
Nisto, um rapagão forte como as armas, segurando um par de botas, na sinistra, aparece no limiar da porta da sala de jantar, e, com a dextra, fazendo a continência, diz :

— V. S.<sup>a</sup> dá licença, meu Tenente (1). Venho-lhe perguntar aonde é que tenho de levar as botas.

---

(1) O seu nome: António Emilio da Cunha Vale.

## FIGURAS, TIPOS E COISAS

Vou contar uma coisa que me sucedeu, na Porta Nova, na loja de um honrado barbeiro que tinha uma alcunha muito feia. Mas vou camouflá-la a fim de dourar a pilula. Era... «Corretas».

Aguardava a minha vez e perguntei: quem tinha a hora certa. Presente o boníssimo «Lima dos Couros», como era conhecido. Parecia-me uma figura destacada da aquarela de um grande mestre inglês, que um dia vi! Pansa abdominada, as faces, se isto é admissível... de um vermelho como que de tomate-*Incandescido*...

Puxa, solene, do seu como que cronómetro e, em ar de triunfo:

—« São dez. Quem os quer bons, puxa pelos cordões à bolsa ».

Tiro o meu Ómega do colete, que marcava exactamente as dez. Mostro-o ao Lima, mas este, como a querer humilhar a minha cebola, como antigamente se dizia, maliciosamente:

—« Por acaso é que está certo... »

Eu:

—« Ora cheque-o ao ouvido ».

—« Bolas! O seu relógio está parado! »

—« Pois é para saber que o meu relógio, mesmo parado, marca a hora certa ». E... dei-lhe corda...

A propósito de barbeiro. Já o fui, como amator. Achava-me, repouso, em Roriz com o meu amigo J. Duarte e penalizava-me de o ver com a barba crescida. Ele que tem o bom hábito de andar com os queixos (vá o termo) escanhoados. Havia uma providencial «Gillete» e meti ombros ao acometimento. Segui a tradição: «barba bem ensaboada, é meio-feita». E... rinqe, rinqe... fui até onde pude. E, ao resto, distancio-me, glorioso da minha operação e cheio de vaidade:

—« Amigo: Sinto-me satisfeito. A sua barba era de semana e, agora, felizmente, tem o aspecto de três dias ».

Dei-me bastante, em Belo Horizonte, com um parlamentar, já falecido, de nome João Luís Alves, do qual, no Rio, em resumo, eram reproduzidos em duas e três colunas, os seus discursos. Fixei uma sua frase, que merece ser meditada: « não há doutrinas; há oportunidades ».

## « Ciúme e Amor »

**H**Á 62 anos propuz um plebiscito sob este título. Acho acertado publicar as respectivas respostas para conhecimento instrutivo e recreativo, não digo de todos, mas de alguns apreciadores de boa prosa.

Pode parecer que tenho inclinações para converter esta modesta obra numa espécie de *magazin*...

Pelos escritos o observador inteligente dá um balanço um tanto a essas mentalidades do ano de 1895.

Os respondentes, na maioria, serviram-se de iniciais, dando-nos, assim um sabor da sua modéstia!...

Excepto um, todos já tombaram para o Outro Lado!

Com pseudónimos, sòmente « João do Minho », Silva Esteves e « Lobo d'Alva », farmacêutico de Balugães. Não me lembro a que nome correspondem as letras A. M.

Eis a relação dessas personalidades, sob iniciais:

Drs. Martins Lima, Augusto Monteiro e Rodrigo Veloso. Arnaldo Brás, Silva Esteves e Cónego António Júlio de Miranda.

\*

*Amor no Campo da Filosofia (Uma lágrima de doutrina)*

— As operações emanam das faculdades. Das faculdades sensitivas do homem emanam as operações sensitivas do mesmo: uma delas o *apetite sensitivo*, pelo qual o homem tende para um bem, percebido por meio dos sentidos, e conveniente à sua natureza sensitiva.

As paixões são fortes movimentos da faculdade *apetitivo-sensitiva*, determinados pela percepção do bem ou do mal, contrariamente ao que afirmam Descartes e Mallebranche e ao que opinam os Stoicos, Epicuro, Platão, Fourier e Saint-Simon.



Uma e a principal dessas paixões, em número de onze, é o amor, pois nele todas têm o seu princípio e o seu termo: «*Otez l'amour, il n'ya plus de passions*», diz Bossuet.

O amor, pois, é uma paixão, pela qual o homem tende para um bem, percebido por intermédio dos sentidos. E, neste caso, o amor é justo e racional: é de todos.

R. M.

Eu não admito amor sem ciúme. São quase irmãos gémeos, mas inimigos irreconciliáveis.

Alguém diz que o amor, sendo um sentimento puro e nobre, não deve entrar em luta com o ciúme que é baixo e ignóbil, mas os que assim falam é porque nunca desceram da teoria à prática. Alistem-se na ala dos namorados, inscrevam-se na classe dos leões, façam o seu pé *d'Alferes* a um rosto gaiato e sedutor, arrastem a asa a uma mocetona de nos fazer crescer água na boca, passeiem em frente da casa da sua *ela*, julgando-se transportados ao reino dos felizes só por terem a suprema ventura de lhe lobrigarem a ponta do nariz, enfim, ponham em acção *tutti quanti* lembra a um apaixonado, e venham para cá dizer em tom de quem quer endireitar o mundo: há amor sem ciúme. Se até há *leãozinho* que tem ciúme de tudo o que usa a sua amada desde o gancho do cabelo até ao tacão do sapatinho!

São sentimentos inerentes à natureza humana, e não hábitos adquiridos a nosso belo prazer.

A. B.

Há 3 fases no amor: impressão, conquista e correspondência.

Na última o amor é a identificação de duas almas que se compreendem, vibram no mesmo sentimento, palpítam na mesma conformidade de pensares.

O amor é uma paixão absorvente concentrando todas as faculdades afectivas e emotivas na pessoa que se ama.

Nada o distrai, nada o perturba, nada o desvia do seu fito constante e único.

O amor é um sentimento filial que irrompe puro e immaculado do íntimo da alma. E o amor, assim considerado, será

compatível com o ciúme? Não! O ciúme é uma paixão egoísta, brutal e um insulto feito à pessoa que se ama porque deriva da pouca confiança nos seus affectos e protesto de amor.

Existindo essa desconfiança não há a harmonia, a identificação das almas.

Existindo ciúme, não existe amor.

Amor e ciúme são, portanto, incompatíveis.

A. M.

\*

O amor é um sentimento nobre e próprio de uma alma bem formada.

Se o amor é verdadeiro e não visa a outro interesse mais que à posse lícita e íntima do ente que amamos, torna-se um sentimento puro, egoísta de si próprio, e, ao menor passo que julgamos ver outrem anhelar esse tesouro, tornámo-nos ciumentos e lutadores ao extremo da heroicidade.

Entre o amor e amizade há grande distância; o amor intenso eleva-se à paixão, que pode trazer tão graves consequências, como ofuscar-se de um momento a outro; a amizade, quando sincera, é um vínculo moderado de afeição que nunca se extingue.

JOSÉ AUGUSTO CARNEIRO

\*

Num jardim de flores literárias, onde borboleteiam mariposas irisadas de talento, será permitida a confraternidade dum zangão?

Se é, num zumbido pouco agradável e destoante, emito numa ferroadá a minha opinião sobre a frase em plebiscito.

Otelo ama loucamente Desdemona, no entanto, estrangula-a com ciúmes!...

O « Mouro de Veneza » é uma obra tão soberba em cintilações do real, que creio bem, que Shakspeare para escreve-la, lhe fosse necessário senti-la.

E o genial poeta enganar-se-ia? — Não.

O amor é um composto de uma parte de simpatia e de duas restantes de egoísmo. Da reacção, desses dois sentimentos puramente distintos, advem a resultante do ciúme.

Que haja amor com ciúmes, é natural; mas que haja ciúmes sem amor, é perfeitissimamente impossível!...

Dedução lógica — Que não poderiam existir ciúmes se não houvesse amor.

Recolho ao cortiço, um pouco vexado da minha audácia.

A. B.

É complexa a questão.

Pode haver amor sem ciúme ?

Eu digo que sim. E há.

O verdadeiro amor é a plena confiança. É a síntese de duas almas transformadas numa só.

Ora, não se pode admitir que um indivíduo desconfie de si mesmo. E, como no verdadeiro amor não existem dois, mas só um, o ciúme é uma barbaridade natural.

Se o amor é da escola dos modernos naturalistas, matéria, simples sensações da carne, pode haver ciúme,— que é, neste caso, a pena de que outrem goze o que o primeiro gozou, com mais ou menos delícia.

Mas, se o amor é Amor, se é ideia e não — simples sensação, o ciúme não é possível, porque se não tem ciúme da própria felicidade.

O sol, que irradia a luz, não tem ciúme da própria luz que difunde.

E o verdadeiro Amor é o melhor sol da alma dos bemaventurados da terra.

JOÃO DO MINHO

«...Ditosa condição, ditosa gente,  
Que não são de ciúmes ofendidos!...»  
Dizia-nos Camões em versos bem medidos.  
Dum povo que demora em terras do Oriente.

E mais não sei quem veja o doce olhar da amada  
Beijar caricioso o rosto dum rival,  
Sem que sinta o morder da áspide mortal,  
E em golfadas jorrar na alma atribulada  
O amaríssimo fel, a bilis do ciúme.

A. ESMERIZ

\*

A mulher má não entra para a minha opinião.

Conheço-lhe a psicologia.

Não lhe dou pousada em minha compaixão.

Varro-a com a cauda do tédio.

O homem canalha, esqueço-o.

Não quero calar estas rudezas.

Agradeço à sociedade esta orientação.

O amor é um sentimento que se não diz, mas que se revela.

O homem que leia o prefácio do olhar da sua amada.

Leia-o. Não o soletre.

O ciúme no amor é a chancela da indignidade — certifica a debilidade de espírito, oftalmia de razão e escassez de mérito próprio. São uns zelos de orgulho e egoísmo que vão amestrar a enganar, a mentir a si, depravando o coração. Ciúme no amor é a medida da estupidez e da perversidade, a pouca confiança de si próprio. O ladrão julga que todos roubam.

A mulher é uma nevrose de crença.

O homem deve espargir bênçãos com o hissope dos seus sentimentos sobre ela.

Do que disse concluo que o ciúme não deve existir no amor.

LOBO D'ALVA

\*

Chego muito a propósito. Soube do plebiscito e não quero faltar com o meu voto.

Com certeza uns dirão que *sim* outros que *não*: e todos têm razão, porque nenhum a tem.

Amor e ciúme são duas plantas muito aclimatáveis, mas que não vivem: o primeiro não vive porque é idealização sem realidade, o segundo morre porque naturalmente tudo esquece: vegetam ambos com a duração das rosas de Malherbe e com a miragem dos oisis do Sahará.

M. A.

\*

O amor e o ciúme são modalidades peculiares à sentimentalidade humana, e, como tais, fenómenos naturais que se podem estudar.

Nesse estudo há-de atender-se necessariamente à complexidade do assunto. Mas que dificuldade em conhecer a psicologia de cada individualidade! E sob o ponto fisiológico, que variedade de tipos, ainda dentro da mesma espécie de temperamentos!

Parece-me, pois, que não se poderá dizer acertadamente e por uma forma peremptória — que o ciúme é ou não incompatível com o amor.

O amor, na acepção restrita da palavra, pode consagrar-se por felicidade rara, a um ente que se identifica tanto quanto possível com o mais íntimo ideal, e que sabe corresponder perfeitamente a tão sublime sentimento; então ele será grande, forte, invencível, imperturbável. Neste caso, é claro, não deve existir sequer uma sombra de ciúme.

Doutra sorte, e má sorte, enquanto não se atinge essa cariciosa ventura, concebo que a par com a crescente affectibilidade e mesmo no auge da paixão se possa sentir as cruciantes alternativas do ciúme, que é um veneno perigosíssimo.

A propósito direi que, principalmente certas damas, laboram num erro terrível. Julgam que não há amor onde não houver ciúme!

Daqui resulta que cultivam o ciúme como se fosse a flor mais apreciada do amor! E assim como se inquietam ou se fingem inquietar, entendem que o amor para ser verdadeiro deve incomodar a quem o sente; o sentimento pacífico e constante que não tagarela e não agita os braços, que não faz perder o sono e não estraga o apetite, que se contenta com as exigências da vida prática não é considerado amor verdadeiro, profundo e sincero. Elas crêem que o amor profundo e sincero deve ser igual à demência; esperam golpes violentos e maravilhosos, versos e prosa ridículos, suspiros, lágrimas, palavras místicas e enigmáticas; ideias estranhas que nunca se originaram no cérebro do homem sensato, acções semelhantes às de Orlando furioso e de Amadis de Gaula. A sua fantasia dá ao verdadeiro herói amoroso, faces pálidas, olhos languidos, semblante e pensativo, exactamente em exterior que não revela vigor, nem saúde viril. E se casam, afinal, tudo são decepções...

Eis o que me ocorre neste momento e sem tempo para pensar sobre o caso. Espero que os sábios patologistas do coração humano resolvam a questão e permita-se-me esta expressão, visto que já Platão chamava às paixões — *febres morais*.

R. V.



\*

Ainda mais outras respostas *plebísticas* sobre «Qual a qualidade mais apreciável na Mulher» :

Qual é a qualidade mais apreciável da mulher ?

Eis-me no labirinto de Creta sem eu ser o Dedalo que o construiu !

Na mulher há tantas qualidades boas e . . . más ! perdoai-me gentil leitora.

Porém a que ressalta mais vivamente, aquela que se impõe sublime pela sua singeleza e adorável pela sua naturalidade, é, indiscutivelmente, o pudor.

Beijai a mulher amada, com um ósculo feito de ternura e castidade, e vede o que se passa naquela alma.

Fica docemente espantada de sentir uma emoção tão forte, o pudor manda-lhe uma lágrima que um riso do coração apaga !

E, no entanto, o beijo é de crente ; mas o pudor, é de santa.

A. B.

\*

Racional e sensível, o homem, é o produto das duas forças — alma e coração.

Substancialmente unidas, elas, não podem operar isoladas.

A alma sem o coração paralisaria nos gelos da realidade sem atraências, o coração sem a alma estontearia nos devaneamentos de idealizações sem realidade.

À verdade e o bem, o sentimento e o amor auxiliam-se e completam-se, consubstanciam-se no mesmo ser, são igualmente necessários.

Sem o amor a vida é imperfeita, incompleta, torna-se impossível.

O isolamento é morte.

A mulher é objectivo essencial da nossa natureza sensível.

Destruí, se podeis, esta tendência nativa do coração humano, concentraí o viver na fria realidade do espírito, arrancai o homem à grande lei da finalidade, fazei dele uma aberração da natureza, e a vida não será mais que um lamentável esforço para gastar e consumir uma existência contraditória.

A mulher é, por imposição da própria natureza, o complemento indispensável da existência.

Encher o vazio do nosso coração, aperfeiçoar-nos pelo sentimento, transformar-nos pelo affecto — amar — eis o seu fim.

Ama verdadeiramente? Ama até o sacrifício? É sincero o seu amor? — Basta.

Nenhuma qualidade lhe faltará para ser a companheira do homem, o anjo do lar e a sacerdotisa das sociedades.

A sinceridade no amor é pois a qualidade supra-excelente na mulher.

A.

\*

A mulher pode-se considerar sob três aspectos, filha, esposa e mãe.

Como filha alegre o lar concentra e consubstancia a felicidade dos pais e une-os por um elo indestrutível.

Como esposa é a companheira leal, dedicada e sincera do homem, dulcifica-lhe os transe amargurados da existência, alenta-o e insufla-lhe coragem quando o desânimo e o desespero o acabrunham e oprimem.

Como mãe acarinha desveladamente o fruto do seu amor, educa-o, forma-lhe a alma, imprime-lhe o carácter, incute e grava-lhe no espírito os sentimentos do belo, justo e bom.

Como filha é a felicidade, como esposa a coragem e o estímulo, e como mãe a educação, e portanto o futuro da sociedade.

É, por conseguinte, a qualidade mais apreciável da mulher — o ser boa mãe e boa educadora.

A. M.

## Um Santeiro...

**A** algumas léguas de distância no tempo ou sejam 65 anos volvidos, invadi as letras com tretas...

Foi na «Lágrima», que redactoriei cerca de 12 anos, — quinzenário humorístico e ilustrado — no qual também beberam o primeiro leite jornalístico, Herculano Nunes, seu irmão Ilídio e Sousa Martins, que mais tarde fulguraram na Imprensa.

Lembrando-me da minha pobre e acidentada vida, tenho que registar atitudes e peripécias minhas, umas alegres e outras tristes. E reconhecer, em causa própria, às vezes uns traços caricatos conforme as circunstâncias circunscritas à idade...

Mas se pensarmos que certas elegantes, já outoniças, que ao fixarem um retrato de quando ainda ressumiam primaveras, detendo-se agora a apreciar a moda imperante, acham-se também em comparação com a actual, um tanto ridículas.

Dentro das horas dum dia, umas vezes com o estômago vazio e outras com ele satisfeito, somos desiguais no ver e observar...

Olavo Bilac disse-me numa estância de águas, no Brasil, que «o nosso cérebro de hoje, não é o de amanhã. Que se pensássemos sempre da mesma maneira, haveria estagnação das ideias».

Uma frase destacada pode definir uma personalidade com carácter elevado, mas também a pode apoucar. Alguém, por exemplo, ouvindo um conceito de Goethe, estranhou-o, por não estar no *diagrama* do seu valor mental. Porém, foi-lhe observado: Qual seria a idade em que o emitiu? As personalidades têm que ser *diagnosticadas* nas suas produções por aquelas em que atingiram o mais elevado nível ou abrangendo, pelo menos, a média do conjunto.

Creio ter sido Renan, cheio de vida, jovem, vitorioso, quem prudentemente protestou contra uma velhice possivelmente pre-

cária. Dizem que a idade não se conta cronológica, mas biologicamente. O indivíduo não é velho estando no uso pleno das suas faculdades; mas é difícil a gente ser juiz em causa própria...

Ora todas estas considerações são para avisar o leitor que vou transcrever uma das minhas inocentes premícias, conservando-lhe todo o sabor, mesmo em prejuízo da sintaxe... Tinha ainda o sangue na guelra dos triunfos do meu exame de 1.º Cabo de Infantaria...

Agripino Grieco cita certos cidadãos que « escrevem com pura correcção filológica; porém não passam de ser de segunda categoria ».

Eis o título:

GALERIA DOS HOMENS ILUSTRES DE BARCELOS  
V / JOÃO SANTEIRO / « EU TE SAÚDO DIVINA  
ARTE » / (PEDROSA).

« Diz-se que em Portugal a arte acaba e morre porque nos falta a maneira, o processo, a prática do atelier, o estudo da sociedade e da natureza; porque não conhecemos a organização dos salões de Paris, de Roma e Sevilha; — e que há anos a esta parte vivemos de expedientes e do acaso, é sem dúvida, um insulto aos nossos artistas. Não queremos contudo dizer que a arte no nosso País conquistasse já o último grau, porém é certo que temos entre nós artistas dignos de admiração.



João Santeiro, visita as Belas Artes

O já bem conhecido escultor João Santeiro, de quem nos vamos honrosamente ocupar — porque se pode afortunadamente dizer que é o epitome da humanidade — está constante e assombradamente a atestar-nos que a arte em Portugal não morre, mas vive, floresce e prospera.

João Santeiro é um destes homens a quem Deus inspirou, para que fosse o assombro e um como protesto aos críticos.

É ele em extremo modesto o que se comprova com a sua estada em humilde fre-



Santeiro, escultura uma estátua

dualidade, uma coisa estranha — o génio.

Só, isolado do grande Mundo, na sua oficina, seguindo com a vista o fumo do cigarro que se esvai no espaço em tenuidade de gase, ele vê: os formosos olhos de Walter Scott, a fisionomia arrogante de Cambrone, a expressão de Saint-Pierre, o colosso de Rhodes, e a torre inclinada de Pisa, o pobre que pede e o rico que dá, faz de tudo isto uma concretização sublime.

Uma das primeiras obras que vimos no seu atelier foi um Cristo de madeira, em tamanho natural. Surpreendeu-nos! Aquele olhar doce, os lábios entreabertos, como que a pronunciar a última palavra; o corpo suspenso naturalmente nos pregos que lhe rasgam as carnes; a perfeição das formas plásticas que caracterizam perfeitamente a raça judaica; tudo nos revela talento.

guesia da Lama, do nosso concelho — não obstante ser conhecido em todo o universo, pois para que lhe seja entregue a correspondência, bastará esta indicação: JOÃO SANTEIRO, ESCULTOR, NO MUNDO.

E porquê? Porque ninguém como ele tem o condão de transformar belamente um pedaço de madeira, em primoroso santo.

O mestre escola, uma das últimas produções artísticas, é com certeza a estátua que rivaliza com as de Praxiteles. Há nela a expressão fortemente acentuada e a nota característica da sua indivi-



Um monarca, visita o atelier do Santeiro



Vários são os que frequentam o seu *atelier* e dentre os quais um monarca.

Nasceu João Santeiro em 1869. Aprendeu unicamente a ler, apesar da vontade dos pais que queriam que fosse doutor; mas Deus já o destinava a realçar na escultura. Fugia muitas vezes de casa pondo-se a calcante até ao Porto, para visitar as Belas Artes (a exemplo dum célebre francês que também ia a pé à Itália) e uma vez ali só se retirava quando a fome o acoçava ou a nostalgia o atacava de largos horizontes. Um escultor mediano de Braga, sabendo que havia um rapaz com inclinação para as artes prontificou-se a educá-lo; os efeitos foram como se esperava assombrosos, admiráveis! Poucos anos depois retirou-se para a Lama, onde tem o seu *atelier*. Nos primeiros tempos passou fome, e viu-se obrigado a fazer pequenos Cristos de madeira.

Hoje é um artista assombroso!»

\*

O motivo determinante da publicação desta *biografia*... foi mais para reproduzir as gravuras executadas então por um modesto empregado de escritório, Torcato dos Santos, em lousa, creio único caso em ilustrações.



A ferramenta do Santeiro

N. B.— A ortografia saiu actualizada o que esmoreceu um tanto o seu sabor...

## Dr. Ludgero Ramires — Domingos de Figueiredo

**H**Á mais de meio século, as Sessões da nossa Câmara — período presidencial do Dr. José Novais — eram qualquer coisa a parecer pequeno parlamento.

Havia opposição de arreganho.

Actualmente passam despercebidas!

Devia ser ministrado à Imprensa o resumo da sua actividade!

Eram, então, frequentadas por selecção de curiosos, a fim de apreciar as elevadas controvérsias.

Cito dois nomes dos que estavam sempre na brecha: Dr. Ludgero Ramires e Domingos de Figueiredo.

O Dr. Ramires, Advogado distintíssimo, muito dado ao seu lar e algo arredio de festas mundanas. Aprumado. Vestindo bem. Colarinhos engomados, a espelharem!

Como homem do foro, muito consciente, dizem-me, mas sempre enredado em minúcias.

Se fosse vivo, nesta época de vertigem, de aceleração, sentir-se-ia mal...

Domingos de Figueiredo, duma tempera rígida, de aço, bem temperado!

Se se tivesse de esculpir um busto a simbolizar a Lealdade e a Dedicacão, o artista acharia nele um perfeito modelo!

Pertencia ao limitado número de seres de quem logo se gosta... ou não. Nada de meios termos...

Um mas... Não perdoava uma ingratidão. Cortava logo... Não odiava! Desprezava!

Existe na disciplinada Biblioteca de seu Filho, Dr. Domingos, um carvão da autoria de Cândido da Cunha, obra digna de figurar em bom Museu, em que seu Pai é apresentado com exactidão física e psicológica!

Quando observo a obra do mestre Cândido da Cunha, tomo atitude de respeito!

E... vou dando rumo a estes temas sempre com o tic dominante do *Etc.*

\*

O Dr. Ramires emperrava as Sessões camarárias, sobrecarregando-as de perguntas e respostas.

Numa Sessão, já cansado, pela prolongação, o Dr. José Novais, que era duma acção nervosa e produtiva, faz-lhe este comentário:

« V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Dr. Ramires, é um homem grande para as coisas pequenas... »

O Domingos de Figueiredo, noutra Sessão, a fundo e em poucas palavras, critica a Câmara em assunto que considera ilegal. E sublinhou que já contava que se tinha de bater com a *loquela* do Presidente, formado em Direito e Teologia...

Isto com acento especial na dicção. E exclamou:

« Eu não tenho sequer o triste exame de instrução primária, mas os erros que aponto mesmo um analfabeto e até um cego os vê... »

O Presidente, risonho:

« V. Ex.<sup>a</sup>, Sr. Domingos de Figueiredo, parece que tem a vaidade da modéstia... »

Volvidos anos, o então já *Conselheiro* José Novais, falando de Progressistas, adversários, referindo-se ao Domingos de Figueiredo, esclareceu-me que, dos seus antagonistas em política, foi dos do seu melhor apreço, devido às suas excelentes qualidades.

O Domingos de Figueiredo não tendo o tal *exame*, escrevia com senso e clareza. Quando a prosa não soasse bem, percebia-o logo.

No extinto « Comércio de Barcelos » leu na secção de datas aniversariantes:

« Faz amanhã anos, o nosso prezado Amigo... »

Domingos de Figueiredo não se intrometeu em sintaxe...

Deixou isso aos *especialistas*... Não estava correcto ao seu apurado ouvido o que lia.

Tinha razão em vista do *sujeito* se ver separado do *verbo* por uma vírgula. Inadmissível!

E, virado para o autor, com entoação maliciosa:

« De futuro, em semelhante ou igual caso... anos, anos sem vírgula... »

## Quantum Mutatus...

**M**AIS uma *ressurreição!* Prosa de um artiguinho do Dr. Martins Lima, que sabe bem:

«Ha quarenta annos a Igreja Matriz d'esta villa pela sua representação funccional dava-se ares de uma cathedral pequena.

O seu D. Prior, Antonio de Lima e Miranda, tinha a respeitabilidade de um bispo pela tolerancia christã, doçura de trato e desprendimento de interesses, que obtinham como recompensa as manifestações sinceras e carinhosas que toda a população da villa faziã ao seu alto e sympathico antistite nas raras vezes que elle aparecia na rua.

Os conegos da Collegiada satisfaziã todas as exigencias do culto, não prestando alguns menos lustre por seus conhecimentos que por suas virtudes.

O proprio sineiro, o *ceguinho do Affonso*, tinha arrebatamentos geniaes nos seus repiques obrigados...

Para dar porém a maior solemnidade ás exigencias lithurgicas, havia n'esse tempo um artista que preenchia todos os desejos.

Era José Antonio do Amaral — o organista.

Este, comparecia ás horas do côro, sentava-se em frente do orgão que hoje se acha desmantelado; e, principalmente durante a missa do dia, era um gosto ouvir os adejos d'aquella vocação musical.

Saiam-lhe dos dedos catadupas de harmonias, nas suas divagações pelos variados dominios das gammas.

Era um soluçar, um carpir, um sonhar, um subir ás rubro-azulinas regiões do empirio para cair na adoração do Ignoto e vir descendo, a alma contente e cançada, agarrando-se aos motivos da arte até se despenhar vagarosamente nas canções populares e favoritas da epocha.

Pedissem-lhe para repetir o devaneio artistico que elle confessaria a sua impossibilidade.

O Amaral, tambem conhecido em Barcellos pelo José dos Terceiros, era filho de Bento José do Amaral e de Joaquina de Mello.

Nasceu por 1804 ou 1805, foi provido no logar de organista em 5 de agosto de 1820 e faleceu em 10 de julho de 1879.



## Fernando Sá Viana

Por informação pessoal de Olavo Bilac, este barcelense foi apunhalado pelas costas.

Poeta de merecimento.

Teve nas tertúlias do Rio de Janeiro em que fulgurava Raimundo Correia, um lugar apreciável.

Perdi um álbum com muitas produções suas e com originais dos vates seus amigos.

Escapou o que reproduzo :

### «O que se vê nos olhos negros

*N'aquelles olhos negros e brilhantes  
Que teem da noite a cor, do sól seu lume,  
Passa e repassa a furia dos amantes  
E o tragico phantasma do ciume ;*

*Gritos de angustia, vozes soluçantes,  
Odio n'elles se espelha e se resume :  
De monstros maus de gestos arrogantes  
Lucta, berrando, o tétrico cardume.*

*Tudo isso vê se nos seus olhos quando  
Da raiva ruge a horrída procella,  
Que vae seu niveo peito devastando ;*

*Porém, se acaso amor seu rosto estrélla,  
Das estrellas do céo sóme-se o bando  
Deslumbrado da luz dos olhos d'ella !»*



## Os Galos de Barcelos

O que vou escrever não tem o carácter de reportagem e sim o de modesta notícia, como tal, informativa, com afincados propósitos de dar relevo ao valor dos Galos da nossa cerâmica...

Imagino-me condutor de automóvel e com o sentido de obedecer às regras de trânsito... Prudente, pois, a contar com os precalços presumíveis, na caminhada. Explico-me: contando com curvas, cruzamentos, atropelos, colisões, nevoeiro, encandeamento, escola à vista, passagem de nível e para casos não previstos, algum Etc...

A modos de comparação às regras de trânsito nada de impedimento na marcha desta prosa, como seja a inimizade, a simpatia, a seita, a religião, o interesse material, a política!

Sem estes empecilhos, recta imparcial!

Deus, pois, me ilumine com a Sua Graça para que possa chegar ao fim sem a intervenção criminatória da Justiça...

Ladeando a estrada do meu programa tenho que registar nomes daqueles que se têm dedicado ao estudo especificado da nossa ancestral cerâmica.

Há do meu inditoso amigo Dr. Manuel Monteiro um descritivo do trabalho manual dos nossos oleiros que não teria indecisão em o subscrever o Padre António Vieira!

Jaime Cortesão, ainda há poucos meses, acusando o recebimento de um Galo, assim o fez:

«...Enorme, estilizado, de asas frementes e floridas, todo de fogo e ouro, ergue no meu gabinete de trabalho o seu apelo ao Sol. Dir-se-ia esculpido por um Apolo popular à hora da sua mais íntima expressão».

O Catedrático Santos Júnior, barcelense de categoria, com ciência e consciência, escreveu um artigo intitulado «Oleiros e Olaria», que foi publicado no belo volume «Vida e Arte do

Povo Português », editado em 1914, pelo Instituto Nacional de Informação e ainda outro, « Bonecos de Barro », inserto no mesmo, que ambos dizem muito.

São belamente ilustrados.

António Silva (Fervença) há anos que vem enriquecendo o seu arquivo sobre os Galos, com muitas anotações. Confessou-me estar (impregnado de bairrismo) sonhando a possibilidade de um dia, a cores, em três línguas, divulgar o que amorosamente possui.

As auras da Fortuna o bafejem !

Quero acentuadamente fazer justiça à valiosa colecção de Joaquim Sellés Pais de Vilas Boas, ofertada à nossa Câmara Municipal, actualmente à guarda de seu Pai, Dr. Joaquim Pais.

Não é um brinquedo e sim rigorosamente um conjunto que demanda peso. Representa a absorvente paciência de vinte anos! São centos de exemplares !

Todos devidamente catalogados com distribuição por zonas específicas, arreigadamente integrados na tradição !

São peças de puro sangue ! Sem cruzamentos ! Nada abastardadas . . .

Depois, etiquetadas conforme a regra museológica.

Que encantadora diversidade !

Santinhos da tradição do nosso bom povo ; tipos populares ; figuras de presépios ; músicos ; pastores ; bercinhos ; flores ; animais domésticos !

Graciosas denominações como estas :

« FERRAMENTA DE FIGURINHAS DE FAZER »

« FERRAMENTA DE PINTAR OU MARCADEIRAS », com as peças em evidência, para compreensão.

Com todo este admirável conjunto se pode encher belamente uma sala dum projectado Museu a que se deve dar o seu nome, consoladora recompensa a tão competente operosidade.

Soube que, em tempo, da Câmara de Braga, Gente com visão, quis (mesmo em carácter provisório) arrastar tudo para lá, mas ele « pôs o pé à parede », como bairrista, não se demovendo . . .

Curiosidade. Por informação soube que foi António Ferro quem mandou executar os primeiros Galos, de corpanzil, fazendo-os atravessar fronteiras, a fim de reluzirem em recintos elegantes.

Há uma frase de António Silva, a propósito da enorme exportação de esses animais, que aqui fica :

« Os Galos de Barcelos estão a galar toda a Europa » !  
Acrescentando, e outros destinos.

Disse-me este que a Suécia fez agora encomenda deles, no montante de 180 contos, acompanhada esta de caixas adequadas a cada exemplar ! Terceira encomenda !

\*

A página inteira de fotogravura é um ajuntamento que fiz dos muitos espécimens da colecção, mas dando sòmente preferência aos Galos.

Não fiz a fotografia como é da regra, mas como se trata de uma moderada notícia, satisfará.

\*

Divagando para escapar à minha insuficiência . . .

O Dr. Manuel Pais disse-me que tinha a Cachaça por tudo que em Barcelos representasse encanto e progresso (abrasileirando o termo).





Chamavam-se antigamente SOPAS (alusão a uma santa criatura) aqueles seres devotados ao apreço da boa música.

Estou no meio termo destas expressões...

Vou finalizar este *investimento*...

« O cantar quer hora », mas também o *cacarejar*. Este mote serve para justificar a *literatura* do que leram, em sabor *cacarejante*...

À vista apresento, destacados da coleção Pais, dois galos que são os que ladeiam o de recente fabrico, tendo ao centro um corpulento, tipo corrente, que foi optado por António Ferro para afrontar fronteiras e hoje leva o nome de Barcelos por este Mundo fora.

O Jaime Cortesão descreveu-o. A acrescentar... parece-me que quem lhes ministra as cores se inspira no Arco Íris...

Mas... *esquisitice de velho*. Podem fazer lembrar no seu todo, certos janotas embriagados pela Moda, mas que são patos mudos... Galos de montra...

Como os dois pequeninos *Galos*, ladeantes, os barcelenses puros, que não chegam ao estalão: altura uns 16 e 17 cm., têm vida, movimento!

Cantam! Cantam! Parece que estou a ouvi-los!



## FIGURAS, TIPOS E COISAS

Na repartição municipal em que fazia a aferição de medidas o boníssimo Joaquim Matos, dos que jazem na terra fria, dois *rapioqueiros*, um com tipo malicioso e gracioso, entrando, bate na barriga do companheiro e dirigindo-se ao Matos:

— Não me poderá aferir esta vasilha?

E o Matos, inteligente, compreendendo o alcance da interrogação:

— Já lhe digo... é magro mas tem capacidade necessária...

Contou-me o falecido Dr. Augusto Matos que um grupo de arqueólogos, em determinado lugar quiseram *traduzir* o sentido das seguintes maiúsculas A N P B que se viam gravadas numa pedra. As hipóteses eram variadas e nada de chegarem a uma conclusão.

Um lavrador, ouvindo, nada *burro*, é que fez a tradução:

Essas letras fui eu que as mandei fazer — AQUI NÃO PASSAM BESTAS...

No extinto Café Matos, que havia na Rua D. António Barroso, o mais frequentado de Barcelos, diz um patuseco para outro:

— Sabes que fulano morreu!

— Mas quem o matou?

— Ora essa! Quem havia de ser?

— Foi Deus!

— Deus? Só se foi à *falsa-fé*, pois ele era muito valente...

Um lavrador duma freguesia do nosso concelho consultou um médico da terra a respeito da doença de sua mulher.

Em vista da descritiva do mal que o homem fez, o facultativo mandou-lhe dar um purgante, porém ela, por mais instâncias que o marido fizesse, não o tomou.

Diz ele já desesperado do seu tentamen:

— «Então não o tomas? Pois tomo-o eu; o dinheiro é que se não perde».

E foi que nem rosca...

Mas quem é assim não toma purgantes, pede a Deus que o mate...

E ao diabo que o leve...

## Velharias

**P**ARA os coleccionadores de bons petiscos, em letra tipográfica, transcrevo mais uma crónica do Dr. Martins Lima, que deu motivo à que a seguir se areja no « Etc. », da lavra do Abade Paes :

« Ao encetarmos estes sarrabiscos, epigraphados semelhante-mente aos artigos do sabio, distincto e illustrado collaboradôr da « Lagrima », sob a rubrica — *Archeologo* — a quem prestamos toda o nossa admiração e respeito pelo seu talento, que se assignala em todos os generos de litteratura, fallada ou escripta, séria e circumspecta, ou alegre e jocosa, quer na oratoria sagrada, de que mereceu justos applausos do grande orador Dr. Antonio Candido, quer nas buliçosas Cartas do Valle do Tamel, publicadas n'um periodico d'esta villa, não temos a louca pretensão de, por vaidade ou ambição, querer empolgar o valor das chronicas do apreciavel Archeologo, mas tão sómente servirmos de Cyrineu á sua memoria, apontando alguns factos da passada vida barcellense, que ella, pelo amontoado de tantos, possa olvidar.

Feitos estes cumprimentos, á guisa de prologo, em homenagem á intelligencia do nosso Archeologo, diremos, como nos sermões, sem que seja preciso ouvir-se a tosse ou o aguçamento do pigarro dos ouvintes, aqui dos leitores. . .

### *Principio.*

Não passam muitos mezes após a morte d'uma senhora, que em tempos idos viveu, n'esta villa, vida conjugal e feliz amenizando a negativa de prole com o goso de relativa abastança de haveres e economia correlativa.

O ditoso casal conhecido pela alcunha de \*\*\* (para que dizel-a, basta relatar o facto) tinha uma pêga, cujas traquinices eram sempre desculpadas com muitos affagos e ralhos infantis, porque o certo é que uns casados precisam ter alguém que seja

o quociente da devisão dos seus affectos, e, á falta de filhos, ha um cão, um gato, ou qualquer outro animalejo que recebe a quota parte das caricias que nos corações dos paes estão destinadas á sua descendencia.

Um dia, coisa naturalissima, o marido não se achou bom, e recolheu-se ao leito. A esposa com dedicada abnegação poz em serviço activo toda a medicina caseira, chás, pannos de vinagre, cataplasmas de cinza, etc. etc. nada faltou para curar o enfermo, mas a molestia não cedia e foi resolvido em familia chamar-se um professor, nome que ao tempo se dava aos medicos do hospital. Foi o doutor, receitou para a botica, e como alimento só aguas de gallinha ou frango. No dia seguinte voltou o medico. Informou-se se o doente havia tomado os remedios e aguas ás horas indicadas, ao que respondeu a carinhosa consorte.

— «Tomou tudo o que V. S.<sup>a</sup> mandou, menos as aguas de frango, porque estão muito caros, e para não fazer essa despeza matei uma pèga, que tinhamos, e dei-lhe caldinhos de pèga.

O homensinho não morreu e a pobre pèga poude avaliar quanto vale a amizade comparada com uns tristes vintens » . . .

## Coisas Velhas (1)

Para ir variando do « Barcellos ha 50 annos », de Abade Antonio Paes, vai mais esta publicaçãozinha de sua pena, crónica motivada pela transacta, da autoria do Dr. Martins Lima :

« Felicito « A Lagrima » pela bóa aquisição de um apreciavel collaboradôr — W — que, em o seu primeiro escripto — « Velharias », — me confunde com tão gentis amabilidades ; é, por força, meu amigo ; e se eu fosse susceptivel de envai-decer-me, podia ser accommettido de vaidade, com expressões tão lisongeiras.

Agradeço-lhe tudo ; e, sobre tudo, o favor de ser o Cyri-neu da minha memoria para me recordar de — coisas velhas.

---

(1) Aproximadamente há um século.



Como o meu amigo e collega me falla de passaros, ahi vae um factio, que não deixa de ser curioso e engraçado; tem mais de 50 annos.

Habitou, por largos annos, o palacete da Granja um filho segundo da familia Bessa e Menezes, de nome José de Bessa e Menezes, tio paterno do meu respeitavel amigo, e actual senhor d'aquella quinta, exm.º sr. José de Bessa e Menezes.

Para se entreter em os ocios de uma vida de fidalgo fez-se passarinho, e era-o como eu ainda não conheci outro.

A casa da Granja era habitada de um extremo ao outro por moradores alados.

Canarios de todas as raças, puros e mestiços; pintasilgos, pintaroxos, verdilhões — melros — toutinegras — cucos — rouxinóis — tudo, enfim, educado e selvagem, se encontrava ali a escolher, a vêr e admirar.

Tinha viveiros escolhidos para apuramento das raças, e tinha um quarto grande aonde soltava, e conservava, duzias de passaros a granel e de todas as classes, com que se entretinha, e que lhe mereciam menos estima: o que havia de melhor estava tudo distribuido por dezenas de gaiollas.

Um bello dia, quando se entretinha a pilhar passaros na quinta, viu passar-lhe pelo ar um passaro grande, que lhe encheu o olho.

Dito e feito; José de Bessa preparava a armadilha, e de tal arte, e com tanta pericia, que o novo exemplar lhe cahiu na mão.

Todo cheio de gosto pelo seu novo triumpho em colher todo o genero de passarada, veio José de Bessa recolher o seu novo exemplar, unico, que até então havia pilhado, no cazão aonde tinha dezenas de passaros de todas as raças.

Ao entrar na gaiolla enorme o novo hospede toda a republica extremeceu, e se levantou em vôos de inquietação e de espanto, o que, nem por de leve, fez suspeitar o distincto amator.

O hospede, privado da sua liberdade, e removido ao captivo, empoleirou-se triste aonde se julgou mais a seguro das mãos do passarinho; e, em todo o dia não quiz comer; tal era a sua magua, que lhe ia, pela sua nova situação de prisioneiro.

Em o dia seguinte José de Bessa principiou a fazer a limpeza e dar o penso á passarinhada, começando, como de costume, pelas gaiollas pequenas e pelo que tinha de melhor; chegando

ao cação em que tinha a passarada a granel e em alta quantidade, notou que não havia alli um unico passaro! Revistou a prisão, suppondo, que se lhe haviam evadido os prisioneiros; viu, e reviu; e grande foi a sua surpresa, quando deparou com o pavimento do quarto, viveiro, esteirado de pennas de todas as cores e de todas as qualidades; detraz da porta estava o pimpão, — que havia mettido ali de vespora com o papo a arre-bentar de farto, e para onde tinha passado toda a passarada ali existente; era um francelho —!

Quando por ai apparecesse um sujeito, que comesse muito, ou um ponto, em qualquer batota que levasse a banca á gloria, dizia-se, por muito tempo: — este é como o passaro de José de Bessa.

Isto não é anedocta, é um factó consumado ».

## Memoriæ Sepulcrales

**P**ARA também dar um sabor de *Album* à obra, vou mostrar aos leitores o que se via prantado em placas sepulcrais na Igreja Matriz e que o progresso, inclemente, fez desaparecer...

Foi um bibliotecário, de Évora, quem colleccionou os dizeres :

**Junto á pia da água benta :**

*Aqui jaz ayres frz de cadanho cavaleiro do virtuoso senhor dom fernando duque de bragança marques de villaviçosa conde de Barcellos, dourem, darrayollos e os frades lhe bãm cantar cada anno 4 missas officiadas com seus responsos, pela alma de seu pay e sua finouse na era de 1491 annos.*

Tem campa nobre com escudo de armas e uma espada atravessada por baixo d'elle, com esta copla :

*Aqui jaz contra seu gosto  
do grão fernando um vassalo  
que jamais sobio a cavalo  
depois que n'elle foi posto.*

As armas dos Candanhos são, como lá se vê, 2 arruellas ou besantes cortados horisontalmente por 3 riscas, com bordadura de aspas.

Junto á mesa de S. Nicoláo está uma campa com letreiro nas orlas que diz :

*Esta sepultura he de brites frz coroa e de seus herdeiros.*

O brasão é um escudo com 5 animaes, que se não conhecem, com uma espada por baixo, e com esta copla :

*A que se diz ser senhora  
desta sepultura honrada  
na terra della he tornada.*

**Junto á porta da sacristia :**

*Aqui jaz alvaro glz ribr.º f.º de gonçalo peres ribeiro e finou  
a onze dias d'outubro da era de 1400 annos.*

**Por baixo do escudo de suas armas :**

*Nesta sepultura jaz  
quem quizera antes viver  
que nella ha tanto jazer.*

**Outra :**

*Aqui jaz gil frz mindão vasallo delrey d. Joanne e finouse a  
13. dias do mes outubro da era de 1446 annos e deus lhe perdoe.*

Tem brasão de armas de 5 estrellas de 8 pontas; pódem ser dos Fonecas e talvez em logar de Mindão se deva dizer Michão.

**Copla**

*De baixo deste letreiro  
se o desejaes saber  
jaz o mesmo que heis de ser  
e já foi nobre escudeiro.*

**Junto aos degraus da capella mór, ao lado da Epistola :**

*Era de 1377 annos trese dias de janeiro passou joão coutado  
a quem o senhor perdoe.*

**Copla**

*Aqui jaz hu joão coutado  
que por coutado não ser  
esta letra fez erquer.  
mas elle em terra he tornado.*

## Malheiros, poetas barcelenses

**T**RÊS MALHEIROS: Alberto — Joaquim e António. Aqui reproduzo algumas produções suas.

A que segue é uma derivante do lirismo das « Sombras do Vale », que o caracterizava.

Tratava-se do êxito de certo balanço comercial e em perspectiva... uma taina...

« Stou morto por que dês o tal balanço  
Para a taina gosar tão desejada,  
Que divino prazer, dita invejada,  
Se tão supremo bem ditoso alcanço !

Se acaso a pensar n'ella me abalanço  
Sou amante a pensar na prenda amada,  
A' bella dirigindo adocicada  
Linguagem d'amor que já tem ranço.

O' minha desejada sexta-feira,  
Quanto ver-te chegar quanto eu te desejo,  
E á força de te querer te acho ronceira.

Com um delirio tal por ti almejo  
Que só o sino grande do Espinheira  
Pode acalmar-me emquanto te não vejo!

Que resultado, diz, que resultado  
Conseguiste tirar do tal balanço?  
Sempre serei feliz? Diz, sempre alcanço  
O bem, o doce bem tão desejado?



Verei do caro Bento o resto amado?  
Nos ternos braços seus sempre me lanço?  
Desengana-me pois não tem descanso  
Meu terno peito d'ancias torturado!

Tenro bife, rojão, dentro d'esta alma,  
Arde por causa vossa em fogo ardente  
Que descanso não tem, que não tem calma.

Penso em vós, ai de mim! constantemente.  
E tu vinagre meu aceita a palma  
Que um filho teu te oferece reverente »!

---

Em segundo lugar, o Joaquim.  
Versos dirigidos a António R. Cardoso Pinto, a quem fiz  
referência no artiguinho « Velhas Festas das Cruzes »:

« Meu Antonio :  
Não está tempo  
De andarmos, nem tu nem eu,  
Um á procura do outro,  
Sob este pranto do céu :  
  
E', portanto, necessario,  
Para os fins convenientes,  
Que, ao passares p'ra baixo, falles  
Para ficarmos scientes

Das horas, a que appar'cemos,  
Pois com o tempo que está . . .  
E' verdade : o Antonio Esteves  
Foi p'ra o Porto ou inda é cá?

Oxalá que elle não fosse :  
Ja empenhar o meu chaile  
E tu, a sobre-casaca,  
Para lhe darmos um baile !

Mas, decerto, foi. Em suma :  
Se é que elle foi, nós cá estêmos ;  
Faz falta, bem sei, coitado...  
Mas beber... sempre bebemos.

Portanto, fica sciente :  
Ao passares, chama por mim,  
E manda, enfim, sempre em tudo  
O teu amigo

Joaquim ».

\*

Ainda, do mesmo, mais versos e sempre produzidos no  
jeito galhofeiro.

Havia a oferta problemática de um paio para uma jantarada :

« Se eu já não creio em Deus, como podia  
Nas coisas d'este mundo acreditar ?  
Eu estava mesmo a ver, a adivinhar  
Que só na tua mente um paio havia.

Um paio do Alentejo ! Que alegria  
Se elle em tua mão pudesse estar !  
Fazia-te um soneto de rachar,  
Que, então, negras melenas cantaria.

Mas enfim paciencia : é tudo assim...  
Eu vou dar-te um conselho, meu rapaz :  
Ao paio, que inventaste para mim,

Dá-lhe vida e calor, põe-lhe agua-raz,  
E, em vez de pensares no teu Joaquim,  
Assenta-te sobre elle, e dá-lhe o az.

Por fim, o António. Soneto em homenagem a um ínclito varão, de Viana do Castelo, escrito em 1882, dedicado à Viúva:

« Fica-te bem chorar ! A dôr que te expedaça,  
Que te vem sobraçar na sua immensidade,  
Não pertence a ti só, pertence á humanidade  
A mim, a todos nós despotica se abraça !

Elle era justo e bom ; se ao vicio era ameaça  
O gesto esmagador da sua austeridade,  
A' morbida velhice, á pálida orphandade  
Jamais a sua mão fora d'allivio escassa.

Não tinha ostentação do bem que derramava,  
E tentava encobrir no aspecto da rudeza  
A doçura sem fim, que n'alma lhe morava.

Tão puros cidadãos, modelos de nobreza,  
Com a virtude sã que n'este fulgurava,  
Fica de os produzir cançada a natureza ».

---

N. B. — Convém dizer que o Pai deles distinguuiu-se na poesia e, também, a Sr.<sup>a</sup> D. Adelaide, mas esta nada publicou.

## Velhos Pátios de Barcelos

### O ARQUITECTO «GASPAR»

**V**OU tratar isto, para mim muito simpático, mas em prosa com socialcos.

O mais difícil dos dois assuntos é a personalidade de Manuel Artur Dias Gaspar, seu chamadouro de baptismo.

Vou engrená-lo ou metê-lo em correnteza na minha prosa. Porém tenho de me acautelar para presumível insucesso, porque se trata de um « bico d'obra ».

Passo a utilizar-me imaginariamente de uma Kodak, termo generalizado para estes estojos fotográficos, de mão.

Irei nele adaptando, em conformidade com as distâncias, as objectivas adequadas.

Procuo explicar-me: uma tele a fim de vê-lo nas longitudes que calcurriou; outra de grande ângulo para abarcar muito e muito de perto; a terceira, luminosa, para lobrigar aquilo que possa estar envolvido em sombras...



Retrato do «Gaspar» para confronto com as máscaras nas suas invulgares interpretações



A casa do «Gaspar» num ângulo sul-poente

É figura multiforme!

Corpulência comum nos camaradas que são apurados para a Marinha e para o Exército. Devido ao seu psiquismo... talvez fosse a Aviação a arma indicada para nela servir, pois, estilo Picard, subiria à estratosfera em congeminações...

Transita, pé leve, muito direito e devagar. Não tem pressa de chegar a determinado destino, e sim a tempo e horas.

O seu espírito é irrequieto, vibrátil, arrastando-o para casos e coisas, em que não é indiferente a Arte e a Ciência. É vê-lo debruçado a architectar ou a classificar pedrinhas pré-

históricas que conserva em aposento especial, acariciando com ternura, as raras. Mas, debruçado, não cai como por lei conhecida se verifica na torre inclinada de Pisa...

A sua trajectória neste «vale de lágrimas» é enxameada de peripécias! Um rôr delas!

Um dia, por seu espontâneo alvedrio, de são juízo, estagia-se no «São João de Deus», desta cidade, deixando cá fora desta Casa de Saúde, alguns... malucos...

Sucedeu receber nela uma distinção pouco vulgar. O honroso diploma de «Agregado da Ordem», autenticado pelo



Geral Ephraem Blandeau, com que foram galardoados sòmente três indivíduos, no País. Uma espécie de atestado de requintado juízo...

Socalcos... no andamento deste meu discorrer...

Resolveu casar. Pessoa culta leu que tendo certo indivíduo consultado notável sábio da Grécia, quanto a este procedimento, ouviu: « Se casas, arrependes-te e se não te casas, também te arrependes ».

Estudou ponderadamente o clima que fosse propício ao seu todo biológico e psíquico.

Mas « o cabo das tormentas »! Um alvoroço nos comentadores, varões e varóas, parecendo que não devia ser ele, sim, a escolher...

Cada qual ras-cunhava aquele tipo de mulher que acertasse bem o passo per o dele...

Preferiu consciente e inteligentemente uma camponesa sã de corpo e alma e que não se estorvassem dentro da legítima e pura liberdade! Depois escolheu para viver uma encosta pedregosa, muito linda, de Carapeços, num meio isolamento. Programou que mantivesse o seu usual traje, isto para a não ver vestida caricatamente como « nova rica ».



Pátio da casa, influenciado pelo carácter dos que existem em Barcelos. É bem visível uma tesoura simbólica colocada na crise do seu casamento...

E é assim que lhe dá o braço e o faz sem constrangimento!

Como católico deu preferência ao casamento religioso.

Mais socialcos... O facto da sua preferência pela modesta aldeã, faz-me recordar uns versos do Dr. Campos Lima, homem de princípios, escritos há mais de meio século, aqui em Barcelos, cujo assunto era a « sociedade numa moral corrompida e falha, preferir a Mulher que dança em vez de ser aquela que trabalha ».

Numa aberta frequentou a Escola de Belas Artes, do Porto. Deu preferência à Arquitectura. Sei, por informações idóneas, que conquistou amizades e considerações de Mestres, enfileirando nestes, Aarão de Lacerda, que o distinguiu deveras!

Não foram baldosos os conhecimentos que obteve na Escola. Serviram-lhe de base para estudar devidamente os materiais ancestralmente usados nesta região nas edificações; e fazendo uma sindicância, dando balanço a curiosos pormenores arquitectónicos, aqui e acolá, deles se serviu para projectar e edificar com um semblante amoroso a sua actual residência.

Não se preocupou com o denominado «estilo português», um tanto problemático. Fugiu a arremedos de solar ou de esturro volframístico...

Julgo que obteve êxito no tentamen e realização. As minúcias e o conjunto da construção... desculpe-me quem me lê ou... ouça ler... cheira a vinho verde com agulha!

Estou a verificar que me saiem os períodos sem uma perfeita ligação. O leitor enche as lacunas...



Interpretação do DANTE da «Divina Comédia»



HITLER... integral em que entrou somente na caracterização, uma rolha queimada, a delinear o bigode...



A encarnação do DIABO  
por um cristão!

À parte o serviço sanitário progressivo e alguns trastes da sala de visitas... tudo é o usual nas moradias, à nossa mão, embora tratado com arte!

No quarto do casal vêem-se na parede as oleografias da devoção dos donos. Linda uma esculturinha de S. João de Deus. E tem lugar saliente, também, o diploma com que foi distinguido.

Que largo panorama dele se desfruta! Vêem-se três curvas da estrada de macadame, orladas de vegetação; e, lá adiante, Barcelos. Que variedade paisagística!

A seguir a este aposento, uma varanda afrontando a peito descoberto, o sol, em que está o apresto para a sossega! O soalho, aqui, tem asperezas, pois não recebeu o concurso, ou carinhos da ferramenta carpinteiral. Mas o efeito é original e agradável!

Socalcos sem fim!...

Como que ao acaso. A trave mestra da sala de jantar não foi tirada de linha para a não *monotonizar*. Tem curvas e contra-curvas. Para ressaltarem os veios, o tom da madeira, recebeu a cera vulgar.

Cá fora os arruamentos têm uma rusticidade deliciosa, sem *bisbilhotices* de arranjo.

Um acolhimento amoroso às plantas.

As árvores, selvagens, como que a fazer figas aos podadores, com diploma de *civilizados*!

O coradouro, o galinheiro, dentro do ritual...

A pocilga não mete engulho aos porcos, que higiênicamente vão engordando para a *matança*.



Um DOIDO sjuizadamente  
estudado



Um cadáver... a fingir

Leitor, suporta um cacófato. *Dá-me...* a mão para chegar ao fim deste todo...

Nesta investida saliente agora *Os Velhos Pátéos de Barcelos*.

Li, ouvi ou é cá de minha cabeça, que o facto de nós vermos todos os dias a mesma coisa, nem sempre é si-

nal de a *conbecermos* bem! Foi o Gaspar, Arquitecto *honoris causa* e também, já agora, *barcelense honoris causa*, estudando-os, que me chamou a atenção, para eu os apreciar.

Vi os melhores do Mundo, com belas portadas, com ferragens e outros *condimentos*, mas os nossos tão humildes, tão *ras-teirinhos*, fazem-me repetir, com variante, a frase de António Nobre:

« Ó Pintores da terra das Cruzes onde estais vós? »

Numa página inteira tem o leitor alguns desses Pátéos que Jorge Corrêa, artista-amador, a que já me referi com justiça, tracejou.

Numa gravura vê-se o pátéo da entrada da habitação, em que o Gaspar *subscreeveu* o jeito que caracteriza os de Barcelos!

Também há outra gravura de um ângulo sul-poente da casa e digam se não tem o *paladar minhoto*!

Mais um *berbicacho* ou *socalco*...

Até os *sarrabulhos* que oferece aos amigos estão condicionados à *arquitectura* do prédio... São das nossas *relações*...

Nada de *interferências* estranhas. É tudo porco! Papas com todas as *ingerências* da regra. O cozido ementado de vários componentes da seba. Presente o arroz de forno. Em andamento, *rojões*, *tripas*, *figado*, *baço*, *chouriço* e *sangue*. Folhas de *loureiro* para *perfumar* e *limões* *coadjuvantes*... Por fim o *lombo* com *batatas*, *pajeado* por *castanhas*.

Sobremesa: *aletria* com *ornamentos* de *canela*. Algumas *maças* saídas do *madureiro*, que se vê num *friso* em derredor da sala de *jantar*, no *alto*. *Vinho branco* e *tinto*.

É assim que o Gaspar *interpreta* o *sarrabulho* no nosso *feracíssimo Vale do Tamel*!



Socalcos... intermináveis!...

Lembrou-se um dia de alugar na Foz do Douro um cinema por Esc. 800\$00 e durante duas horas fez imitações. Com a receita atirou-se até Londres para tomar parte no Congresso «International Folk Dance Festival» de 1935. Não esperou por um subsídio do «Instituto de Alta Cultura». Mas, na Inglaterra, achou-se sem reservas monetárias. Recorreu a desenhos de crianças no «ST. JAME S'S PARK».

Saiu da capital inglesa para outros rumos, com tantas periécias, que, contadas, pareciam ser das do cronista Mendes Pinto...

O retrato do Gaspar, que aqui estampo, foi feito ao ar livre, numa tarde em que o boletim metereológico previa aguaceiros, sendo a temperatura a 16°...

Deu-me para ver na Folhinha do dia que os ornamentos da Igreja eram brancos e branco foi o fundo...

O retrato serve para se estabelecer a comparação variada das encarnações, ou interpretações, em que apreciamos as suas invulgaríssimas qualidades histriónicas!

Há 68 anos, recordo-me com nitidez, nas feiras e nas romarias eram explorados cosmoramas.

Um tipo muito típico, no trajar e no falatório, fazia o reclamo das exhibições em curso. Do programa: a degolação dos Santos Inocentes; presentes os Mártires de Marrocos, e não faltava a carnificina da D. Inês de Castro! E mais que mais a ser apreciado por baixo preço!...

Os soldados, praças rasas, tinham preço rasoiro... E eu aproveitei-o, numa sessão, sendo galucho do 2.º Batalhão de Infantaria 20.

O escaparate em que se via montado o cosmorama, era do género que utilizam as doceiras.

Adopto a geiteira estilística do propagandista em referência.

Srs.! Srs.! Tendes à vista, reproduzido pelo Gaspar, o Dante da «Divina Comédia», com a cabeça envolvida a caracter, como alguns deveis ter admirado em retratos de clássicos. Gustavo Doré passaria-o, como se fosse do natural, a uma água-forte, sem hesitação.

Lembro-vos os versos do divino Poeta:

*«Da nossa vida em meio da jornada  
Achei-me n'uma selva tenebrosa,  
Tendo perdido a verdadeira estrada».*



Atenção! Atenção! Não é o Hitler, mas sim o Gaspar numa imitação perfeita desse anormal! Rosto arrepiante! Alguém de vós já um dia o vistes movimentado num filme! Reparai que vê vesgamente, a fitar só o mau! Sim por um só olho!

A seguir o Gaspar, «o pobre de Cristo», um paradoxo, numa encarnação do Diabo! Até, Srs., na linguagem popular tendes várias significações com o nome do maldito! Café quente como o Diabo; génio do Diabo; Diabo atrás da porta, e até as criadas a dizerem o Diabo dos Patrões. . .

Lembra esta encarnação um célebre quadro de Fra. Cláudio.

Creio que prevenidos não vos assustastes com a figura do Diabo, pois acalmai-vos com a imitação agora de um «doido varrido» e interpretado por um homem de puro juízo! . . .

Agora! Agora! Um morto representado por um vivo, o «vivilho da costa Gaspar»! Morte aparente ou estado de imobilidade, mas não de

«...aqueles que por obras valorosas,

Se vão da morte libertando». (Camões).

Se para ter entrada no cemitério, um cadáver, fosse imprescindível um bilhete de identidade, com fotografia, seria este o modelo a adoptar. . . privilegiado pelo Gaspar! . . .

Últimos socalcos! Mas não é só nas imitações das máscaras que superiormente avulta, o Gaspar; também na reprodução dos ruídos e sons tem extraordinário predomínio: Um avião a picar ou a aterrar; uma lancha em movimento; um eléctrico em marcha numa rampa; um operário a bater estacas; o motor de um carro a iniciar marcha ou a parar. Numa noite e na B. B. C. fez-se ouvir. . . no orbe!

E para finalizar, os socalcos (respiro!), mostro o páteo da casa do Gaspar. Uma tesoura simbólica, num arreganho de cortar más línguas. Colocada ali aquando da altura do seu comentado casamento! Pena é que nessa ocasião não se tivesse, em letras garrafais, posto isto, dum livro de Camilo:

«Animei-te a apressar o teu consórcio, para que as línguas não murmurassem».

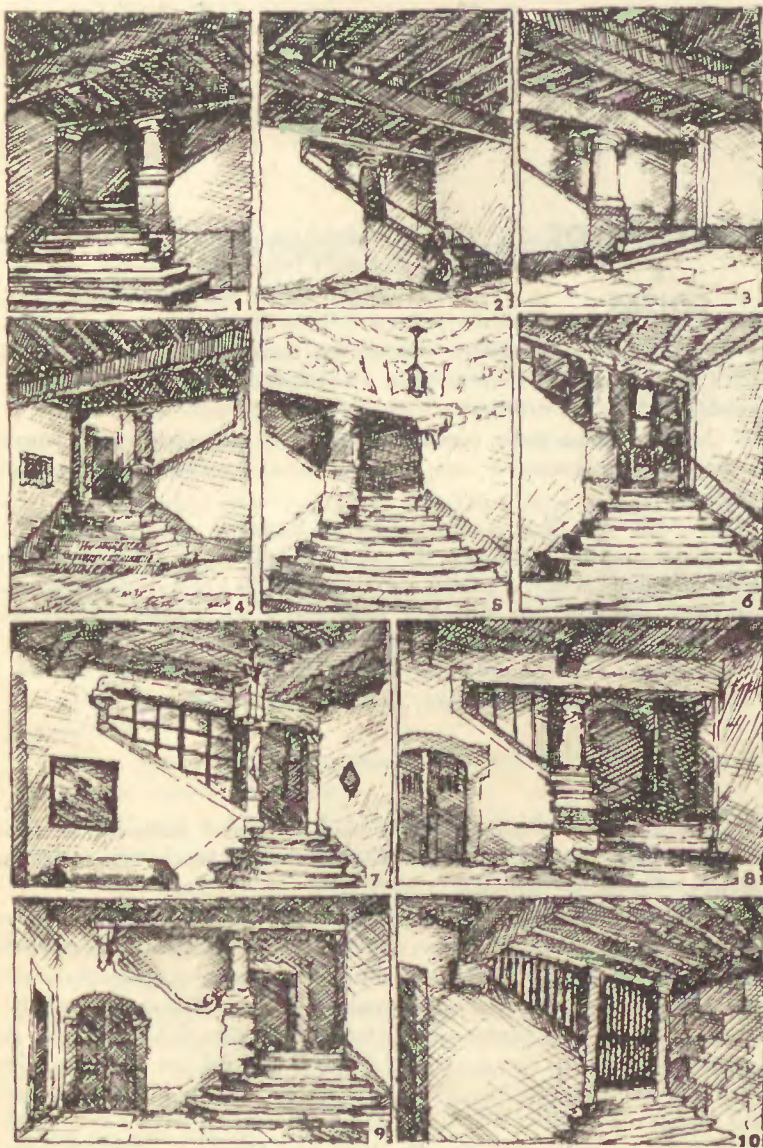
---

N. B. — Por curiosidade: Tendo o Gaspar de autenticar na Inglaterra, e por modelo, um documento, assim o fez:

M.A.D. Gaspar.

O Chefe da Repartição sorriu:

«MAD em inglês é DOIDO, portanto a tradução à letra é O DOIDO DO GASPARD...»



VELHOS PÁTEOS: 1—Dr. Alexandre Sá Carneiro; 2—Herdeiros António A. de Almeida Azevedo; 3—Felisberto Encarnação; 4—D. Angelina Carneiro; 5—Dr. Domingos de Figueiredo; 6—João José de Carvalho; 7—Linhagista Felgueiras Gaio; 8—Dr. Beleza Ferraz; 9—D. Umbelina : : : : Faria; 10—Major Gaspar Sá Carneiro : : : :

## FIGURAS, TIPOS E COISAS

O procurador Repas — que Deus haja! — tinha magníficas partidas e bons ditos.

Certa ocasião assistia àquele atrasador espectáculo de botar o Diabo fora do corpo, a que se procede anualmente no Amparo (próximo de Apúlia).

Lia um reverendo os exorcismos e um endiabrado paciente tinha convulsões infernais, mefistofélicas.

A dada altura o padre, com a clássica vara de marmeiro sobre a vítima, exclamou maliciosamente e com o ar de quem compreende o efeito daquela cena:

— «Vai! Vai Diabo e mete-te no c. do Repas».

Repas que não era homem de paleativos (sabia que «para os grandes males, grandes remédios») pôs-se a cavaleiro da pia cheia de água-benta e num ápice deixou-se cair assentado, pesadamente, de nádegas calçadas, sobre ela! Fazendo como que da pia, *bidé*, Repas exclamou:

— «Agora é que tu não entras. Diabo!»

Nem um feijão galego cabia...

A história repete-se... Relação dos nomes, em duplicata, por que eram conhecidas há anos, muitas pessoas, como ainda hoje se verifica, cá em Barcelos. Legais, os segundos:

José do Anselmo, José Gonçalves da Silva —; Bento Cleto, Bento José de Souza e Silva —; Manuel Leites (da Porta Nova), Manuel José Ferreira de Faria —; José do Bento, José Moreira dos Santos Ferreira —; Manuel do Macedo, Manuel Gonçalves Vieira d'Azevedo —; João da Espinheira, João Pereira Machado —; José Mathias, José Marcellino Coelho da Cruz —; João da Esquina, João Joaquim Fernandes —; Adelino David, Adelino de Barros Silva Botelho —; Bernardino do Zilio, Bernardino Antonio Pereira —; João Vallongo, João Placido da Fonseca e Souza —; José do Botequim, José Antonio d'Oliveira Mattos —; Bento Tamanqueiro, Bento José Moreira —; Antonio Julião, Antonio Justiniano da Silva —; João dos Pretos, João Baptista da Silva Guimarães —; Miguel Dómina, Miguel José Duarte Fiúza —; Julio Roda, Julio da Graça dos Santos —; Agostinho Severino, Agostinho José de Souza —; Jeronymo Nagalho, Jeronymo Exposto —; Bento Roda, Bento Joaquim dos Santos —; Augusto Viajante, Augusto da Cunha Bandeira.



## O «Abade de Gemeses»

... **F**UI, no Rio de Janeiro, dos primeiros fotógrafos instantanistas (entenda-se, cronologicamente) e, em Barcelos, julgo que o iniciador. Agora... somos todos...

Uma multidão de casos e coisas prefixam um tanto uma figura.

A profissão tem bastante influência nos nossos actos ou procedimentos. Repito-me um tanto...

Portanto no redigir tenho como que simbolicamente de ser instantanista. E de ser favorecido pelo magnesium iluminante!

Penso que me é difficil abranger intrinseca e extrinsecamente a pessoa do Abade de Gemeses.

Por Barcelos viveu horas amenas com a nossa melhor sociedade.

Vou aflorar um tanto aquilo que mais o inquietou na sua existência, para o distinguir.

Publicada a Lei da Separação de 20 de Abril de 1911, entendeu dever aceitar a pensão do Estado como compensação dos direitos que tinha adquirido e que aquella Lei lhe retirava.

Outros párocos do seu Concelho o acompanharam, mas em breve retrocederam.

O Abade de Gemeses viu então desencadear-se à sua volta uma impiedosa tormenta que durou anos. Tendo anteriormente conquistado situação de grande destaque entre o clero local, viu-se depois abandonado e porventura vexado.

Mas tudo soube afrontar com altiva dignidade, mantendo-se firme no seu posto.

E enquanto cômodamente os maldizentes por cá gozavam o clima benigno da paz, longe do atroar dos canhões e com a morte em perspectiva, vimo-lo partir inesperadamente para

França como capelão voluntário do Corpo Expedicionário Português, e lá, como cá, tornou-se notável a sua acção. Comungou de perto no grande sacrifício que a Pátria impôs.

Por isso mesmo «foi louvado porque no ataque de 9 de Abril estando em serviço na Ambulância n.º 3 mostrou qualidades extraordinárias de decisão, energia e coragem, procurando por todos os meios socorrer e evacuar os feridos e indo voluntariamente aos lugares mais perigosos no desempenho da sua missão» (Ordem de Serviço do Quartel General do C. E. P. de 7 de Julho de 1918).

Mas obteve, além deste, outros títulos de louvor que enaltecera a sua grande figura de padre e de cidadão. Entre outras condecorações, a Cruz de Guerra e a comenda da Ordem Militar de Cristo.

Dum Oficial do Exército, seu companheiro na tormenta, ouvi quando, em Bragança e no Museu eu fazia uns trabalhos, certo relato impressionante sobre o seu grande prestígio. Em certo momento, em que era preciso animar os soldados, foi a sua voz dum êxito surpreendente, aparelhando nessa altura com a do Marechal Gomes da Costa!

Terminada a primeira Grande Guerra, o Abade de Gemeses ficou ainda em França como membro da comissão das sepulturas de Guerra, que teve a piedosa missão de identificar e fazer recolher num Cemitério Português, instalado no Norte da França, os restos dos nossos heróis. Coube-lhe também a delicada missão de recolher os restos do nosso «Soldado Desconhecido» que jazem no Claustro do Mosteiro da Batalha.

Tinham então amainado um pouco as paixões. Muitos daqueles que o guerrearam, estavam já a gozar as pensões de aposentação que requereram ao mesmo Estado Republicano por serem párocos colados antes da lei de 20 de Abril, como ele.

Lendo-se a história em que entram membros do clero, de comunidades religiosas, observa-se de onde em onde, certas antinomias. Somos todos filhos do pecado «pecado original»...

Terminados esses serviços retomou o seu posto de Abade de Gemeses, freguesia que parouquiou por mais de meio século.

E mostrou aos paroquianos que não se apegava egoisticamente às coisas terrenas.

Morreu em Barcelos em 3 de Março de 1944 em casa de seu sobrinho Dr. Porfírio da Silva. Na taça em que se viam os



cumprimentos de condolências, tive a curiosidade de copiar dois telegramas de duas altas figuras da Igreja :

« *Profundamente sensibilizado choro perda bom inolvidável Amigo* ».

« *Inclinado perante veneranda memória estremecida morto, apresento V. Ex.ª sentidas condolências* ».

Assim ficou exaltado, também, por seus superiores hierárquicos o Homem que na vida tantas injustiças sofreu.

\*

Não altero o meu programa de tratar os meus Amigos com uma tendência cariciosa de gracejo. Não posso abdicar dos meus intuitos... O Abade era avesso a vaidades. Tentei fazer-lhe um retrato, fardado, pois tinha prazer de Amigo e de Artista de o meter na minha colecção dos *invulgares* ! Um tanto de resistência, que venci...

Muito bem lhe ficava o grande uniforme em que dependuradas no peito amplo as condecorações!

No fim da sessão disse-lhe que dentro da farda de militar estava a sua alma sincera e simples, de jeito franciscano, dado à paz!

O Abade :

« *Soucasaux... o hábito não faz o monge...* »

## FIGURAS, TIPOS

E

## COISAS

Um patusco barcelense, com certa piada, fez um plágio, em 1900, sobre a previsão de tempo, como vão ler:

Promete nesta quinzena de Janeiro haver pancada de todo o jeito. Haverá nevociro entre 29 e 30, isto para vender os olhos a quem não possa descobrir ratos aos saltos na lua.

**MÊS DE JANEIRO** — No crescente tem tino na bola e no minguante tem cautela com as cascas de laranja para não escorregares. Vendem-se bolachas por preços convidativos em estabelecimentos desconhecidos.

**MÊS DE FEVEREIRO** — No crescente podes enxertar um minguante. A má língua aconselha os maldizentes à Sr<sup>a</sup>. D. Prudência.

**MÊS DE MARÇO** — Visto que este mês é Março Marçagão, que cora meadas e esteiras não, ficará de hora em diante a corar faces anémicas e corações denegridos. No quarto crescente semeia milho miúdo para pássaros bisnaus.

**MÊS DE ABRIL** — No crescente semeia trigo, milho, feijão de forma que dê toda a colheita ao proprietário. Se te aumentar a pensão emigra para o Brasil na primeira Mala Real, embora te vejas na necessidade de conseguires passaporte falso.

**MÊS DE MAIO** — No minguante trata de regas, que ainda há muita água. Planta em bom terreno, tomates; semeia pepinos junto aos ditos e cebola, para adiantar serviço para a confecção de uma boa salada.

**MÊS DE JUNHO** — Na lua nova planta malaquetas das vermelhas, para fazeres calda de tomates, mas não deites, na altura, pimenta por causa da baba que pode produzir. Rega à valentona, sobretudo o cebolo. Se não tiveres água, rouba-a quando o velador tiver virado as costas.

**MÊS DE JULHO** — Malha o teu pão e guarda o colmo para quando algum necessitado abrir a boca, tenha logo palha a faltar. No minguante arranca as batatas aos contratadores.

**MÊS DE AGOSTO** — Neste mês toda a fruta tem gosto. No crescente apalpa os marmelos a ver se o marmeleiro é só de cera (?) e no minguante apanha todas as frutas e dá duas peras ao vizinho. Não te esqueças do bom nabo que precisa ver o luar deste mês.

**MÊS DE SETEMBRO** — Faz as tuas vindimas e bebe a tua pingoleta; mas tem cautela para não ficares no estado de Noé, ao prová-lo pela primeira vez. No crescente semeia favas e vigia que te não vão ao faval.

**MÊS DE OUTUBRO** — No crescente faz a apanha nos castanheiros e vai dando a tua castanha. Recolhe toda a fruta e estruma a couve repolhuda.

**MÊS DE NOVEMBRO** — No crescente limpa árvores, e com ramas vai aquecendo as pernas, principalmente no teu leito, caso seja proibido deitarem-se nele grupos de mais que um. No minguante corta madeira para paus de tamancos.

**MÊS DE DEZEMBRO** — No crescente enxerta limoeiros com garfos de laranjeira, para ver se o fruto sai macho ou fêmea. No minguante lança à terra sementes de bandeiras para que estejam criadas do próximo século a fim de ser tracejada uma estrada para as profundas do Inferno.

## Cónego Dr. António Júlio de Miranda

**D**OIS ilustres barcelenses aqui fulguraram pela sua alta mentalidade: o Dr. Luís de Novais e o Cónego Dr. António Júlio de Miranda, mas imperando neles a *Ingenuidade dos Bons!* «Os de boa fé»...

Quando houvesse em causa caso de sentimento, eram vítimas do seu coração!

Um tanto paradoxal!

Quando fiz parte, como Fotógrafo, do Observatório do Rio, era Director uma figura de relevo na Ciência, o Dr. H. Morize. Tinha umas casas de renda e alguns dos locatários, com lágrimas, «passavam-lhe o conto». E um dia lastimando-lhe o logro de que era vítima, estando à sua mesa de trabalho, ele recosta-se na cadeira, uns minutos de silêncio, e diz:

«Você que é que quer? Tenho tanto em que pensar!»

Vivia em esfera tão elevada que não compreendia tais materialidades! À semelhança destes Conterrâneos!

O Cónego e o Dr. Luís suponho que morreram sem conhecer um inimigo!

Ambos escreviam com certa profundidade e atavios de forma. Lembrava o Dr. Luís, o Eça no apuro estético da prosa, com provas tipográficas repetidas e alteradas sempre.

Vou brindar os aquisidores do «Etc.» com uma crónica do Cónego, intitulada «Divagações».

Aqui convém registar que a vi reproduzida no Brasil. Mas cá em Portugal alguém lhe deu também publicidade. Foi o redactor de um semanário de Melgaço. Porém como? As «Divagações» eram subscriptas assim: **A. de M.** Porém o jornalista que tinha estas mesmas iniciais, fez a transcrição e cortou o **de**.

Carreguei-lhe nos calos... e vai o tipo resmungando e aconselha-me a leitura do Código do Bom Tom...

Eu volto à carga e lembrei-lhe que me devia indicar mas sim o Código Criminal...

E terminava o meu comentário:

«Fuja Colega, fuja, que aí vem um Polícia»...

Segue a formosa crónica do Cónego Dr. António Júlio de Miranda:

«O homem não é só alma, é alma e coração. A vida é a resultante destas duas forças, que labutam incessantes para um proporcionado equilíbrio.

A verdade e o belo são dois polos que limitam os destinos do homem. Saber e amar cifra todo o progresso, ultima todas as lucubrações, entroniza o homem na sua realza, abre-lhe as portas do infinito, aproxima-o da Divindade.

A ignorância e a dor são antitéticas com a alma e o coração. Ignorar e sofrer não é um estado normal, é uma decadência morbida, é um retroceder na linha do progresso indefinido, é um decair das eminências da personalidade.

Não basta que a verdade nos ilumine com toda a luz, é necessário que o belo nos encante com todo o esplendor. O sentir é sempre mais poderoso que o pensar.

A inteligência restringe-se, o sentimento não tem limites. A inteligência é gelo, o coração é fogo. Se a inteligência é a soberania, o coração é a onnipotência.

Sócrates e Platão, Kepler e Newton, Leibnitz e Kant, entesourando nos domínios da humanidade as riquezas do pensamento, conquistam a soberania da inteligência.

Homero e Virgílio, Dante e Camões, Rubens e Murillo, Mayerber e Gounod, Verdi e Wagner, traduzindo nas vibrações mais sentidas do coração, os ideais alevantados do génio, alcançam na escala da perfectibilidade a onnipotência do sentir.

São grandes os que pensam, mas são enormes os que sentem!

Educar o coração pela estética não é menos que formar o espírito pela ciência.

As belas artes são o laço misterioso do espírito e do coração, são a grandeza do pensar sublimada pela grandeza do sentir.

Reunindo em um só foco de luz muito pura os dois reóforos destes grandes elementos, o cérebro e o coração, elas são um factor essencial da perfectibilidade dos povos.



São um termómetro e uma alavanca. Um termómetro que gradua a moralidade e uma alavanca que impulsiona a orientação.

E a mais bela das belas artes, a que melhor traduz as suas emoções do belo e mais aprimora o sentimento, é sem dúvida — a música.

Rigorosa como a matemática, experimental como a física, ideal como a poesia e persuasiva como a eloquência, tem sobre todas o mago, e específico condão de traduzir nas vibrações das suas cordas os acordes mais delicados do coração.

Orpheu extasiava as aves com os doces arpejos da sua lira; Tyrteu dava triunfo a Athenas com o caloroso entusiasmo de seus cânticos marciais.

O que tem de vago no pensamento, tem-no de vivido e eficaz na emoção. Arranca choveiros de lágrimas e incita delírios de ovações.

Na infinita amplitude do sentir, chorar e amar ela tem ondulações e notas, desde o pranto inconsolável até ao delírio do entusiasmo, desde os mais feiticeros requiebro do amor até aos mais violentos ímpetos da cólera.

Umas vezes é o despenhar de catadupas em alegros vivísimos: outras vezes é o deslizar sereno do rio em largos dormientes. Cicia como as brisas e silva como os ciclones.

Tem gritos e gemidos, soluços e ânsias, raivas e cóleras, desalentos e nostalgias.

Barafusta como uma revolução e enlanguedece como um êxtase.

Dá magestade aos pensamentos mais grandiosos e mimo aos sentimentos mais puros.

Daqui deriva a sua poderosa influência nos pensamentos e nos costumes.

Promover a cultura da mais bela das belas artes é lapidar, burilar e formar o bom gosto.

É levantar o nível moral estendendo o braço salvador a tantos que se extraviam a tantos que se perdem no tremedal dos vícios.

É contrarestar a torrente impetuosa dos sórdidos prazeres onde naufragam tantas esperanças e se estiolam tantas flores».



## FIGURAS, TIPOS E COISAS

Um sacristão duma freguesia cá do Concelho, à falta de cavaliariça, prendeu na parte térrea da torre da Igreja paroquial, um animal de certo paroquiano.

Botou-lhe alimento. O bicho depois de o passar ao estreito quis passear para fazer a digestão...

A corda a que estava seguro era a do sino grande e este começou de tocar desesperadamente.

A povoação armou-se em pé de guerra ao som de tão terrível toque de alarme.

É claro: o burro e o sacristão estiveram para pagar caro tão grande temeridade...

\*

O Padre Duarte Lira, figura muito singular, envolvido por muito regime anedótico, era um tanto excêntrico. Tinha fortuna. Morou na Rua então dos Lanterneiros. Apoquentado a miude por um pedinte S. Rev.<sup>a</sup> deu-lhe cinco reis e no acto:

«Agora vá-se emborrachar...»

O esmolado:

«Não, fitando maliciosamente a moeda na mão... Vou comprar uma casa...»

\*

A Recebedoria há mais de meio século funcionava na Rua D. António Barroso. O encarregado do serviço de cobrar, era sério e genioso. O aglomerado nos últimos dias sabidos era demasiado.

Havia, como é natural, impaciência e num momento de excitação o encarregado chama pelo Chefe, chamado Graça Lima, exclamando em voz de Adamastor: «Isto aqui é um açougue».

Um dos presentes Zé Esfolado:

«Aqui... sem cornos só há um animal, que é o Sr.!»

## Arnaldo Braz

**S**ERIA da minha parte uma injustiça não dar relevo a este barcelense, amigo do peito!

Depois daquele tempo em que pontificavam no verso, na taina e no lado amoroso, aqui, os três Malheiros, o Arnaldo Braz seguiu-lhe as tradições características do... *triumvirato!*

Elegante no vestir, na correcção da amizade, na conversação, teve em Barcelos invulgar destaque, no meio da melhor sociedade, mesmo pela sua cultura, que o destacava!

Sempre inconstante e sonhador! Muitas atribuições a impacientá-lo!

Emigrou na mesma ocasião que eu para o Rio.

E ali esperava-o uma colocação contra-indicada para ele, um *dandi*, um elegante! Suportou em certo armazém um trabalho que lhe calejou as suas mãos finas!

Em noite de desalento e de nostalgia assoberbadora, escreveu os versos que vão ler e que são versos!

Não garanto a reprodução desta poesia com a pura fidelidade. Já passam umas dezenas de anos!

Não foram, que me conste, publicados. Há, por exemplo, a anotar dois deles sem rima. Na minha vida errante pelo Brasil desapareceram-me.

Perdôe-me lá do outro lado o querido Arnaldo!

Gemo soluços de mágoa  
Tenho os olhos rasos d'água  
Longe de ti Portugal!  
Ninho dos meus amores  
Origem das minhas dores!  
Salve meu berço natal!

Jamais trina a cotovia  
Sua doce melodia  
Onde não surja arrebol!  
Quero cantar, quero luz,  
Mas em vez de paz tenho cruz,  
Noite escura em vez do Sol!  
Musa, dá-me inspiração!  
Do Olimpo ao coração  
Vive Barcelos no meio!  
Dizei ao vento que passa  
Que me traga a sua graça  
E me tire deste enleio!  
Que me entremostre a harmonia,  
Enlevo de poesia,  
Dos nossos vergeis em flor!  
E me recorde a doçura  
Que a nossa brisa murmura  
Nos seus segredos d'amor!  
Que na rósea cor de sonho  
Por entre margens umbrosas  
Veja o meu Cávado gentil  
Espelhando um sol d'anil!

Anigos! Pátria! Família!  
Rosário de minha fé!  
Esta minh'alma sentida  
Toda inteira vossa é!

Ainda, do mesmo Poeta, um « Madrigal » :

Tu tens na linda voz, um timbre de harmonia;  
No belo olhar, a flor gentil dum bem amado;  
E em teu colo — um primor de rara fantasia —  
Tu guardas a ventura ideal dum namorado!  
Na voz um doce canto;  
No olhar, feliz amor;  
No colo, ledto encanto  
Dum pobre sonhador!

Para que a criaste assim, oh! sábia Providência,  
Tão bela e tão perfeita, enlevo da alma santo?  
Miragem que se esvai, fluido de grata essência  
Fugindo-nos subtil. E eu que a amo tanto!

Meteoro fulgente  
De fascinante luz,  
Lírio alvinitente  
Que embriaga e seduz!

Em meus passos surgiste e meus olhos cegaste :  
De piedade esse olhar quanto mal que me fez!  
Mas para que veja o sol — luz com que me mataste,  
Perdoai oh! meu Deus! eu cegava outra vez!

De amor triste romeiro  
Cèquinho e sem bordão,  
Dá-lhe à alma primeiro  
Dum olhar a visão.

Avé! por ti, mulher, cheia de graça pura,  
Faça-te o Céu feliz de riquezas sem par :—  
Alvoradas de amor, eterno de ventura,  
Diademas de luz tua frente a adornar!

Para Ti — o infinito,  
A paz, a magestade.  
Para mim — a Dor, num grito  
Imenso de saudade!

Nem tu sabes quem é que inspira a minha lira  
Em cantos de louvor. É esse o meu segredo!  
Segredo de quem chora, segredo de quem suspira  
Impossível amor. Dizer-to? Sinto medo!

## FIGURAS, TIPOS E COISAS

Numa loja de fazendas, das muitas que desapareceram, contava-se uma situada ao lado do Templo do Bom Jesus da Cruz.

Era caixeiro, já veterano, e de « bom comportamento anterior », um tipo de nome Daniel.

Num dia de Agosto com ar de suadelas, o cidadão, para se refrescar, recorreu a um vinho branco que, por birra, o aqueceu... ficando de posse portanto de uma quentura...

Afligido por uma diurese... foi, portanto, onde devia ir, à necessária. Mas estava-lhe reservado um percalço. Tinha sido montado um serviço moderno nela. Seja autoclismo substancioso... Como a cabeça o tonteava um tanto assentou-se e ali ficou a « verter águas » à vontade do corpo...

Ora o inesperado! O patrão notando a sua prolongada ausência da loja foi bater à porta da latrina a perguntar ao empregado se ainda não tinha feito o serviço e ouviu, com grande admiração, de dentro:

Ainda estou urinando!

Parecia que o caixeiro se estava a esvaír em urina... Mas nada disto. É que a caixa que encimava o autoclismo não vedava bem e a água da descarga estava sempre a correr...

E agora para encher espaço vou esclarecer um ou outro leitor alguns dos nomes por que são conhecidas as bebedeiras e cloacas:

Naça — Taxada — Pisorca — Quentura — Borracheira — Camueca — Zoeira — Cardina — Caroca — Carga — Dormideira — Zuca — Grossura — Piela — Barruela, Etc., etc.

Reservada — « Retrete » — « W. C. » — Casinha — Segredo — Buraco — Casota Cafua, Etc., etc.

\*

Dois mestres, carpinteiros, iam despreendidamente, há muito, relembrando-se dos nomes de cada lado do polígono, pela ala central do então jardim público. Falavam muito alto:

— Ele é pentágono; ele é dodecágono; ele é decágono...

Um deles entrou no urinol, para satisfazer a uma destas necessidades que Deus impôs ao homem mesmo em antes de Eva tocar no *fruto proibido*, e de dentro falava para o companheiro que o esperava:

— Eu parece-me que é decagôno e não decágono...

O jardineiro percebendo mal, ou soando-lhe mal aquelas palavras, disse:

— O sr. veja lá o que faz aí dentro. Olhe que isso não é nenhuma necessária...



Terminou a impressão deste livro a 20 de  
Março de 1957 e à distância de 23 dias  
dos meus 86 anos (nada... mau!).

---

**Ao « componedor » :**

*Fernando Galiza Carneiro*

**À máquina « imprimidora » :**

*Júlio Maria Alves da Silva*

---

O AUTOR





Composição e Impressão da  
**TIPOGRAFIA «VITÓRIA»**  
BARCELOS

biblioteca  
municipal  
barcelos



12157

Figuras, tipos e ornatos